



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL**

**A INFIDELIDADE VIRTUAL NO RELACIONAMENTO AMOROSO:
CORRELATOS AFETIVOS E SOCIAIS**

MÁRCIO DE LIMA COUTINHO

**João Pessoa
Março de 2013**

MÁRCIO DE LIMA COUTINHO

**A INFIDELIDADE VIRTUAL NO RELACIONAMENTO AMOROSO:
CORRELATOS AFETIVOS E SOCIAIS**

Tese apresentada ao Programa de Doutorado em Psicologia Social, da Universidade Federal da Paraíba, por Márcio de Lima Coutinho, sob a orientação do Prof. Dr. Valdiney Veloso Gouveia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Psicologia Social.

João Pessoa
Março de 2013

MÁRCIO DE LIMA COUTINHO

**A INFIDELIDADE VIRTUAL NO RELACIONAMENTO AMOROSO:
CORRELATOS AFETIVOS E SOCIAIS**

Banca Avaliadora:

Prof. Dr. Valdiney Veloso Gouveia (UFPB, Orientador)

Profa. Dra. Patrícia Nunes da Fonseca (UFPB, Membro Interno)

Profa. Dra. Ângela Elizabeth Lapa Coêlho (UNIPE, Membro Externo)

Prof. Dr. João Carlos Alchieri (UFRN, Membro Externo)

Profa. Dra. Viviany Silva Pessoa (UFPB, Membro Interno)

Vento traz você de novo
O Vento faz do meu mundo um novo
E voe por todo o mar e volte aqui
E voe por todo o mar e volte aqui
Pro meu peito...
Jota Quest “O Vento”

Dedico esta tese aos meus pais que sempre me apoiaram, acreditando e ajudando tanto na minha vida pessoal como na profissional, e em particular minha mãe que foi a grande responsável ao meu retorno ao Brasil, bem como no ingresso do campo da Psicologia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus, por minha saúde, por me dar força para enfrentar as adversidades, me proporcionando determinação, iluminando meus caminhos para que trilhe sem medo, cheios de esperança e com coragem para atingir meus objetivos, e em especial a conclusão desta tese.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Valdiney Veloso Gouveia, por ter me acolhido no seu núcleo BNCS, abrindo as portas para trilhar novas experiências. Exemplo de uma vida dedicada à causa do ensino superior para qual tem contribuído incansavelmente com seu talento, persistência e coragem, e acima de tudo, com uma orientação eficaz. Sem sua orientação jamais teria desenvolvido este trabalho. A minha gratidão por toda dedicação para comigo.

A Prof^a Maria da Penha de Lima Coutinho, pelo auxílio constante, incansável nas discussões que contribuíram para o aperfeiçoamento da presente tese. Agradeço também pelo incentivo de superar as horas difíceis.

Aos colegas do núcleo de pesquisa Bases Normativas do Comportamento Social (BNCS). Em especial Rebecca Alves Aguiar Athayde, Katia Correa Vione, Ana Karla Silva Soares, Prof^a Dr^a. Valeschka Martins Guerra pela colaboração na análise estatística dos dados. Agradeço ainda aos colegas Viviany Silva Pessoa, Marina Pereira Gonçalves, Deliane Macedo Farias de Sousa, Sandra Elisa de Assis Freire, Dayse Ayres Mendes do Nascimento, José Farias Sousa Filho, Luis Augusto de Carvalho Mendes, Leogildo Alves Freires, Carlos Eduardo Pimental, Ana Isabel Araújo Silva de Brito Gomes, Larisse Helena Gomes Macêdo Barbosa, Layrthton Carlos de Oliveira Santos, Rafaella de Carvalho Rodrigues Araújo, Renan Pereira, Rômulo Lustosa, Roosevelt Vilar Lobo de Sousa, Thiago Cavalcanti, Prof. Dr. Emerson Diogenes Medeiros, Prof. Dr. Walberto Silva dos Santos, Prof^a Dr^a Marley Araújo.

Aos professores do programa de Pós-Graduação de Psicologia Social que tive oportunidade de conhecer ao longo da caminhada como doutorando, que contribuíram imensamente, partilhando seus conhecimentos. Meu obrigado a Ana Alayde Werba Saldanha, Ana Raquel Rosas Torres, Bernardino Fernandes Calvo, Cleonice Pereira dos Santos Camino, Genário Barbosa, Júlio Rique Neto, Maria da Penha de Lima Coutinho, Maria de Fátima Pereira Alberto, Nádia Maria Ribeiro Salomão, Natanael Antonio dos Santos e Valdiney Veloso Gouveia.

Aos professores que aceitaram participar da Banca Avaliadora desta tese, Profa. Dra. Ângela Elizabeth Lapa Coêlho, Prof. Dr. João Carlos Alchieri, Profa. Dra. Patrícia Nunes da Fonseca e Profa. Dra. Viviany Silva Pessoa. E especificamente aquelas que participaram da qualificação as quais contribuíram com suas valiosas observações para o melhoramento desta tese.

Aos colegas do Doutorado que me ajudaram, apoiando e contribuindo para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos colegas do DINTER, pelo estímulo e torcida. Meu obrigado.

Aos colegas da graduação do curso de Psicologia do UNIPE, que sempre me deram apoio moral.

Aos ex-secretários Chico e Fabiana pelo apoio dado nos momentos em que os procurei, meu muito obrigado.

A todos os participantes deste estudo, pela disponibilidade de aceitar participar desta pesquisa, além da confiança a mim depositada. Meu obrigado.

E finalmente aos meus pais, Hélio de França Coutinho e Maria da Penha de Lima Coutinho, que me deu a vida, me ensinando a vivê-la com dignidade. Obrigado, pelo apoio e os valiosos conselhos, me ajudando a alcançar mais um objetivo na minha vida.

A minha esposa Ana Flávia Coutinho, que sempre esteve ao meu lado, nos bons e maus momentos, desde o período da Graduação, do Mestrado e agora do Doutorado, apoiando e ajudando a passar por mais um obstáculo nas nossas vidas.

Aos meus bens mais preciosos, minhas filhas Ana Rosa, Beatriz e Clara. Que vieram iluminar minha vida com suas presenças.

Aos meus irmãos, Milene, Hélio Junior e Erick, meus tio(a)s, sobrinho(a)s e demais familiares. Obrigado por cada dica, incentivo, abraço, que me proporcionou mais motivação para alcançar o término desta tese.

Agradeço a CAPES pela concessão da bolsa durante todo o período de desenvolvimento desta tese.

A INFIDELIDADE VIRTUAL NO RELACIONAMENTO AMOROSO: CORRELATOS AFETIVOS E SOCIAIS

Resumo. Esta tese teve como objetivo geral conhecer os correlatos afetivos e sociais dos relacionamentos amorosos com ênfase na infidelidade virtual. Para subsidiar teórica e metodologicamente, utilizaram-se dos aportes teóricos do amor tetragonal e valores humanos, adicionado aos estudos acerca do ciúme romântico e da adição à *Internet*. Para alcançar o objetivo, fez-se necessário desenvolver três estudos: o primeiro com caráter preliminar e instrumental visando adaptar/validar dois instrumentos, a *escala de infidelidade virtual* e a *escala de adição à Internet* para o contexto brasileiro. Participaram 246 estudantes universitários de Instituições Pública e Privada da cidade de João Pessoa (PB), com idade variando de 17 a 55 anos ($m = 24,3$; $dp = 7,15$), a maioria (62,1%) do sexo feminino. Os resultados advindos da Análise Fatorial Exploratória da escala de infidelidade virtual evidenciaram uma estrutura bidimensional: *relação sexual* ($\alpha = 0,96$) e *relação de amizade* ($\alpha = 0,81$). Os resultados da medida de adição à *Internet* indicaram uma estrutura unidimensional ($\alpha = 0,89$). O Estudo 2 teve como objetivo confirmar a estrutura fatorial das escalas do primeiro estudo e verificar qual o poder de correlação com os construtos amor, ciúme e valores humanos. Fizeram parte 210 estudantes universitários que responderam as mesmas escalas do Estudo 1 acrescidas das medidas: *amor tetragonal*, *ciúme romântico* e o *questionário dos valores básicos*, as idades dos participantes variaram entre 17 a 50 anos ($m = 23,6$; $dp = 6,41$), a maioria do sexo feminino (73,8%). Os resultados advindos da Análise Fatorial Confirmatória (AFC) das medidas de infidelidade virtual e adição à *Internet* para o contexto brasileiro sugerem que o modelo originalmente proposto pelos autores, com quatro e três dimensões, respectivamente foi o que melhor apresentou parâmetros de validade e precisão adequados (GFI = 0,89, CFI = 0,97 e GFI = 0,83, CFI = 0,96). Quanto ao poder de predição das medidas adição à *Internet*, ciúme, amor e valores humanos observou-se que a primeira variável contribuiu significativamente para a explicação das atitudes frente à infidelidade virtual ($R = 0,25$, $p < 0,001$); a segunda variável o ciúme romântico apresentou uma contribuição marginal ($R = 0,30$, $p = 0,05$); a terceira variável independente, o amor, não teve uma contribuição significativa ($R = 0,34$, $p > 0,05$); e, por fim, os valores humanos tiveram uma contribuição de destaque ($R = 0,49$, $p < 0,001$). O estudo 3 teve como objetivo elaborar um modelo teórico explicativo a partir dos construtos *valores humano*, *ciúme* e *adição à Internet* para explicar as atitudes frente à *infidelidade virtual*. Participaram 204 usuários da *Internet*, com idade variando entre 17 a 66 anos ($m = 29,3$; $dp = 10,34$), sendo a maioria do sexo feminino (59,8%). Os resultados advindos das análises estatísticas mostraram que os três construtos foram determinantes para explicar a atitude de infidelidade virtual. Na medida dos valores humanos ($r = -0,15$; $p < 0,05$) sobressaíram as subfunções *experimentação*, *suprapessoal*, *existência*, *normativa* e *realização*, o ciúme romântico ($r = -0,33$; $p < 0,001$) com as dimensões *não-ameaça* e *exclusão* e adição à *Internet* ($r = 0,13$; $p < 0,05$) com as dimensões *retirada* e *problemas sociais*, *gestão do tempo* e *desempenho e realidade substituída* foram subjacentes às atitudes frente a infidelidade virtual. Em síntese, pode-se inferir que os resultados contribuíram de maneira satisfatória com o modelo explicativo do comportamento acerca da infidelidade virtual. Espera-se também que estes resultados possam ser aplicados em pesquisas futuras.

Palavras-chave: Relacionamento virtual; infidelidade virtual; valores humanos; ciúme romântico; adição à *Internet*.

INFIDELITY ON VIRTUAL LOVE RELATIONSHIPS: AFFECTIVE AND SOCIAL CORRELATES

Abstract. This thesis aimed at investigating the social and affective correlates of romantic relationships. It has emphasis on virtual infidelity. This study was theoretically and methodologically carried out by using the theoretical contributions of tetragonal model of love and human values. It also counted on the studies about romantic jealousy and the addiction to the *Internet*. In order to achieve the aim of this thesis it was necessary to develop three studies: the first characterized as preliminary and instrumental was aimed at adapting/validating two instruments; *the virtual infidelity scale* and *the Internet addiction scale* for the Brazilian context. The participants were 246 college students from public and private educational institutions of João Pessoa, PB; with age range of 17-55 years old (mean = 24.3, SD = 7.15), most of them were female (62.1%). The results obtained by the Exploratory Factor Analysis of the virtual infidelity scale revealed two dimensional structures: *sexual relationship* ($\alpha = 0.96$) and *friendship relationship* ($\alpha = 0.81$). The results of the measurement *addiction to the Internet* indicated a one-dimensional structure ($\alpha = 0.89$). The Study 2 was aimed at confirming the factor structure of the scales applied in the first study and verify the strength of correlations with the constructs love, jealousy and human values. A number of 210 university students were the participants who answered the same scales from Study 1, added to the measures: *tetragonal love*, *romantic jealousy* and *the questionnaire of the basic values*. These participants' ages ranged from 17 to 50 years (M = 23.6, SD = 6.41) mostly were female (73.8%). The results obtained by the Confirmatory Factor Analysis (CFA) of virtual infidelity and addiction to the *Internet* for the Brazilian context suggested that the model with four and three dimensions, respectively which was originally proposed by the authors, was the one that best showed adequated validity and accuracy (GFI = 0.89, CFI = 0.97 and GFI = 0.83, CFI = 0.96). Concerning the predictive strength of the measures: addiction to *Internet*, jealousy, love and human values it was observed that the first variable contributed significantly to the explanation of the attitudes towards virtual infidelity ($R = 0.25$, $p < 0.001$), the second variable romantic jealousy showed a marginal contribution ($R = 0.30$, $p = 0.05$), the third independent variable, love, did not have a significant contribution ($R = 0.34$, $p > 0.05$), and, lastly, the human values had a prominent contribution ($R = 0.49$, $p < 0.001$). The third study aimed to developing a theoretical model to explain the constructs based on the human values, jealousy and addiction to the *Internet* was carried out to explain attitudes towards virtual infidelity. The participants were 204 *Internet* users, with age range of 17 to 66 years (M = 29.3, SD = 10.34), mostly female (59.8%). The results of the statistical analyzes indicated that the three constructs were fundamental for explaining the attitudes toward virtual infidelity. Concerning the human values ($r = -0.15$, $p < 0.05$) the results brought out the sub functions *experimentation*, *suprapersonal*, *existence*, *normative* and *realization*, *the romantic jealousy* ($r = -0.33$, $p < 0.001$) with dimensions *not threatening*, *exclusion* and *addiction to Internet* ($r = 0.13$, $p < 0.05$) with dimensions *withdrawal* and *social problems*, *time management* and *performance* and *replaced reality* were underlying components facing the attitudes toward virtual infidelity. Based on these findings it may be inferred that the results contributed satisfactorily with the explanatory model of behavior about the virtual infidelity. It is also expected that these results may be applied in future researches.

Keywords: Virtual relationship; virtual infidelity; human values; romantic jealousy and addiction to the *Internet*.

LA INFIDELIDAD VIRTUAL EN LA RELACIÓN AMOROSA: CORRELATOS AFECTIVOS Y SOCIALES

Resumen. Esta tesis tuvo como objetivo general conocer los correlatos afectivos y sociales de las relaciones amorosas con énfasis en la infidelidad virtual. Para subsidiar teórica y metodológicamente, se utilizaron dos aportes teóricos del amor tetragonal y valores humanos, adicionado a los estudios acerca del celo romántico y de la adicción a la *Internet*. Para alcanzar el objetivo, se hizo necesario desarrollar tres estudios: el primero con carácter preliminar e instrumental buscando adaptar/validar dos instrumentos, la *escala de infidelidad virtual* y la *escala de adicción a la Internet* para el contexto brasileño. Participaron 246 estudiantes universitarios de Instituciones Pública y Privada de la ciudad de João Pessoa (PB), con edad variando de 17 a 55 años ($m = 24,3$; $dp = 7,15$), la mayoría (62,1%) del sexo femenino. Los resultados advenidos del Análisis Factorial Exploratorio de la escala de infidelidad virtual evidenciaron una estructura bidimensional: *relación sexual* ($\alpha = 0,96$) y *relación de amistad* ($\alpha = 0,81$). Los resultados de la medida de adicción a la *Internet* indicaron una estructura unidimensional ($\alpha = 0,89$). El Estudio 2 tuvo como objetivo confirmar la estructura factorial de las escalas del primer estudio y verificar cuál es el poder de correlación con los constructos amor, celo y valores humanos. Hicieron parte 210 estudiantes universitarios que respondieron las mismas escalas del Estudio 1 acrecidas de las medidas: *amor tetragonal*, *celo romántico* y el *cuestionario de los valores básicos*, las edades de los participantes variaron entre 17 a 50 años ($m = 23,6$; $dp = 6,41$), la mayoría del sexo femenino (73,8%). Los resultados advenidos del Análisis Factorial Confirmatorio (AFC) de las medidas de infidelidad virtual y adicción a la *Internet* para el contexto brasileño sugieren que el modelo originalmente propuesto por los autores, con cuatro y tres dimensiones respectivamente, fue el que mejor presentó parámetros de validez y precisión adecuados ($GFI = 0,89$, $CFI = 0,97$ e $GFI = 0,83$, $CFI = 0,96$). En cuanto al poder de predicción de las medidas adicción a la *Internet*, celo, amor y valores humanos se observó que la primera variable contribuyó significativamente para la explicación de las actitudes frente a la infidelidad virtual ($R = 0,25$, $p < 0,001$); la segunda variable, el celo romántico, presentó una contribución marginal ($R = 0,30$, $p = 0,05$); la tercera variable independiente, el amor, no tuvo una contribución significativa ($R = 0,34$, $p > 0,05$); y, finalmente, los valores humanos tuvieron una contribución de destaque ($R = 0,49$, $p < 0,001$). El estudio 3 tuvo como objetivo elaborar un modelo teórico explicativo a partir de los constructos *valores humanos*, *celo* y *adicción a la Internet* para explicar las actitudes frente a la *infidelidad virtual*. Participaron 204 usuarios de *Internet*, con edad variando entre 17 a 66 años ($m = 29,3$; $dp = 10,34$), siendo la mayoría del sexo femenino (59,8%). Los resultados advenidos de los análisis estadísticos mostraron que los tres constructos fueron determinantes para explicar la actitud de infidelidad virtual. En la medida de los valores humanos ($r = -0,15$; $p < 0,05$) sobresalieron las subfunciones *experimentación*, *suprapersonal*, *existencia*, *normativa* y *realización*, el celo romántico ($r = -0,33$; $p < 0,001$) con las dimensiones *no-amenaza* y *exclusión* y adicción a la *Internet* ($r = 0,13$; $p < 0,05$) con las dimensiones *retirada* y *problemas sociales*, *gestión del tiempo* y *desempeño* y *realidad sustituida* fueron subyacentes a las actitudes frente a la infidelidad virtual. En suma, se puede inferir que los resultados contribuyeron de manera satisfactoria con el modelo explicativo del comportamiento acerca de la infidelidad virtual. Se espera también que estos resultados puedan ser aplicados en investigaciones futuras.

Palabras-clave: Relación virtual; infidelidad virtual; valores humanos; celo romántico; adicción a la *Internet*.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	14
LISTA DE FIGURAS.....	15
INTRODUÇÃO	16
PARTE I - MARCO TEÓRICO	24
CAPÍTULO 1. A COMUNICAÇÃO MEDIADA PELO COMPUTADOR	25
1.1. A EVOLUÇÃO DA COMUNICAÇÃO NA ERA DA <i>INTERNET</i>	26
1.2. REDES SOCIAIS	32
1.3. DEPENDÊNCIA DA <i>INTERNET</i>	35
1.4. RELAÇÕES AMOROSAS VIRTUAIS	41
CAPÍTULO 2. A INFIDELIDADE NO RELACIONAMENTO CIBERESPAÇO.....	47
2.1. DESENVOLVIMENTO SÓCIO HISTÓRICO ACERCA DA INFIDELIDADE	48
2.2. CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DA INFIDELIDADE	53
2.3. INFIDELIDADE NO AMBIENTE VIRTUAL: UM PROBLEMA ATUAL	56
2.4. ASPECTOS PENAIS E CIVIS ACERCA DA INFIDELIDADE VIRTUAL	61
CAPÍTULO 3. AMOR: PRINCÍPIOS, MEDIDAS E CORRELATOS	65
3.1. EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO AMOR	66
3.2. CONCEITOS DO AMOR	68
3.3. TEORIA TETRANGULAR DO AMOR	77
3.4. CIÚME: CORRELATOS DO AMOR	79
CAPÍTULO 4. VALORES HUMANOS.....	84
4.1. PRECURSORES HISTÓRICOS DOS ESTUDOS SOBRE VALORES HUMANOS.....	85
4.2. TEORIAS CONTEMPORÂNEAS	89
4.2.1. <i>TEORIA DOS VALORES DE HOFSTEDE</i>	90
4.2.2. <i>TEORIA DO MATERIALISMO E POS-MATERIALISMO</i>	91
4.2.3. <i>TEORIA DOS VALORES DE ROKEACH</i>	93
4.2.4. <i>TEORIA DOS TIPOS MOTIVACIONAIS</i>	96
4.2.5. <i>TEORIA FUNCIONALISTA DOS VALORES HUMANOS</i>	100
PARTE II – ESTUDOS EMPÍRICOS	109
CAPÍTULO 5. ESTUDO 1 – MEDIDAS DE ADIÇÃO À <i>INTERNET</i> E INFIDELIDADE.....	110
5.1. INTRODUÇÃO	111
5.2. MÉTODO	111
5.2.1. <i>Delineamento</i>	111
5.2.2. <i>Participantes</i>	112
5.2.3. <i>Instrumentos</i>	112
5.2.4. <i>Procedimento</i>	114
5.2.6. <i>Análise dos dados</i>	115
5.3. RESULTADOS	116
5.3.1. <i>ESCALA DE INFIDELIDADE VIRTUAL</i>	116
5.3.2. <i>ESCALA DE ADIÇÃO À INTERNET</i>	122
5.4. DISCUSSÃO PARCIAL.....	128

CAPÍTULO 6. ESTUDO 2. ANÁLISE CONFIRMATÓRIA DAS MEDIDAS DE ADIÇÃO À INTERNET E INFIDELIDADE VIRTUAL	131
6.1. INTRODUÇÃO	132
6.2. MÉTODO	132
6.2.1. <i>Participantes</i>	132
6.2.3. <i>Instrumentos</i>	133
6.2.4. <i>Procedimento</i>	135
6.2.5. <i>Análise dos dados</i>	135
6.3. RESULTADOS	137
6.3.1. <i>Escala de Adição à Internet</i>	137
6.3.2. <i>Escala de Infidelidade Virtual</i>	140
6.4. DISCUSSÃO PARCIAL.....	146
CAPÍTULO 7. ESTUDO 3. INFIDELIDADE VIRTUAL: UMA EXPLICAÇÃO PAUTADA EM VALORES, AMOR E CIÚME.....	150
7.1. INTRODUÇÃO	151
7.2. DELINEAMENTO E HIPÓTESES	152
7.3. MÉTODO	153
7.3.1. <i>Participantes</i>	153
7.3.2. <i>Instrumentos</i>	153
7.3.3. <i>Procedimento</i>	153
7.3.4. <i>Análise dos dados</i>	154
7.4. RESULTADOS	154
7.5. DISCUSSÃO PARCIAL.....	169
CAPÍTULO 8. DISCUSSÃO GERAL E CONCLUSÃO.....	173
LIMITAÇÕES.....	174
RESULTADOS PRINCIPAIS.....	175
APLICABILIDADE	180
ESTUDOS FUTUROS	181
CONSIDERAÇÕES FINAIS	182
REFERÊNCIAS	184
ANEXO 1. CERTIDÃO DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA	212
ANEXO 2. QUESTIONÁRIO DEMOGRÁFICO	213
ANEXO 3. ESCALA DE ADIÇÃO À INTERNET	214
ANEXO 4. ESCALA DE INFIDELIDADE VIRTUAL	215
ANEXO 5. ESCALA DE CIÚME ROMÂNTICO	216
ANEXO 6. ESCALA TETRANGULAR DO AMOR.....	217
ANEXO 7. QUESTIONÁRIO DOS VALORES BÁSICOS	218

Lista de Tabelas

Tabela 1. Valores Terminais e Instrumentais de Rokeach (1973).....	95
Tabela 2. Tipos Motivacionais, Metas e Valores Específicos de Schwartz	98
Tabela 3. Valores Básicos e suas Subfunções	103
Tabela 4. Poder discriminativo dos itens da Escala de Infidelidade Virtual	117
Tabela 5. Valores próprios observados e simulados para a Escala de Infidelidade Virtual	119
Tabela 6. Estrutura fatorial da Escala de Infidelidade Virtual	120
Tabela 7. Estatísticas descritivas e correlação dos itens da medida de Infidelidade Virtual	121
Tabela 8. Poder discriminativo dos itens da Escala de Adição à <i>Internet</i>	122
Tabela 9. Valores próprios observados e simulados para a medida de Adição à <i>Internet</i>	124
Tabela 10. Estrutura fatorial da Escala de Adição à <i>Internet</i>	125
Tabela 11. Estatísticas descritivas e correlação dos itens da Escala Adição à <i>Internet</i> ...	127
Tabela 12. Qualidade de ajuste de modelos alternativos da escala de Adição à <i>Internet</i> .	137
Tabela 13. Ajuste dos modelos alternativos da Escala de Infidelidade Virtual	140
Tabela 14. Estatísticas descritivas da medida de Infidelidade Virtual e seus correlatos..	143
Tabela 15. Estatística descritiva para as escalas utilizadas no Estudo 2	155
Tabela 16. Correlação entre infidelidade virtual e valores humanos	157
Tabela 17. Diferença intra-grupos da medida de Infidelidade Virtual com relação aos Valores Humanos	159
Tabela 18. Diferença intra-grupos da medida de Infidelidade Virtual em relação à Adição à <i>Internet</i>	161
Tabela 19. Diferença intra-grupos da medida Infidelidade Virtual com relação às de ciúme e amor	162
Tabela 20. Fatores explicadores da infidelidade virtual	165
Tabela 21. Ajuste dos Modelos Alternativos para explicar a Infidelidade Virtual	167

Lista de Figuras

Figura 1. Componentes básicos do amor e suas combinações, segundo a Teoria Triangular do Amor de Sternberg (1997).....	72
Figura 2. Modelo triangular do amor a partir do modelo proposto por Yela (2006).....	77
Figura 3. Estrutura dos tipos motivacionais (adaptado de Schwartz, 2006, p.142).....	99
Figura 4. Facetas, dimensões e subfunções dos valores básicos (Gouveia et al., 2008) ..	102
Figura 5. Distribuição dos Valores Próprios (scree plot) para a Escala Infidelidade Virtual	118
Figura 6. Distribuição Gráfica dos Valores Próprios para Escala de Adição à <i>Internet</i> ..	124
Figura 7. Modelo Trifatorial da Escala de adição à <i>Internet</i>	138
Figura 8. Modelo unifatorial estrutural da Escala de adição à <i>Internet</i>	139
Figura 9. Modelo de equação estrutural da Escala Infidelidade Virtual	141
Figura 10. Estrutura do modelo explicativo da atitude frente à Infidelidade Virtual.....	168

INTRODUÇÃO

Desde o início da civilização, até meados do século XX, se percebe um período de transição entre um modelo no qual a forma de conhecer pessoas era exclusivamente o físico, presencial e real para uma possibilidade de estabelecer relacionamentos em espaço virtual. A mudança de paradigma oferecido pelo acesso amplo e irrestrito ao computador e, mais que isso, à *Internet*, provocou mudanças culturais e sociais em todos os seguimentos da sociedade.

A partir dessas mudanças os computadores vêm desempenhando um papel fundamental nas instituições familiares, escolares e organizacionais. Cada dia mais se observa o lançamento de diversas ferramentas que facilitam e agilizam os processos de envio, armazenamento e consulta de informações, além da automação de tarefas dispendiosas quando realizadas manualmente. O uso destas ferramentas no período de 2005 a 2008 cresceu 75,3%. Entre as diferentes formas de uso a comunicação com outras pessoas emerge como principal motivo (83,2%), superando os fins educacionais e de aprendizagem (65,9%). O acesso para atividades de lazer também ganhou importância nos últimos anos: em 2005, era o terceiro motivo mais citado (54,3% dos que acessavam) e, três anos depois, passou ao segundo lugar, citado por 68,6% dos usuários (IBGE, 2008).

Segundo Ferreira et al. (2000), a comunicação por meio da rede de computadores foi um acontecimento que se espalhou a partir das últimas décadas do século XX, propiciando às organizações e às pessoas um meio eletrônico de trocar informações de forma rápida e econômica. Esse fenômeno gerou uma aproximação entre as pessoas ocasionando maior interação interpessoal. Com esta nova forma de interação às pessoas passam a se permitir conversar, seduzir e trocar experiências amorosas no espaço cibernético. Este tipo de relacionamento virtual abre a possibilidade para a descoberta de uma nova forma de “sexo seguro”, em que adolescentes ensaiam suas primeiras práticas sexuais e adultos têm a chance de realizar fantasias sexuais sem culpa (Coutinho, 2007).

Antes da *Internet*, as amizades iniciavam quando as pessoas se encontravam, conheciam-se e descobriam que tinham algo em comum. Mesmo que a amizade se desenvolvesse por telefone ou carta, o mínimo que se poderia esperar seria que as pessoas se conhecessem pessoalmente, que mantivessem algum tipo de contato presencial. Namorar com um(a) desconhecido(a). Isso era considerado uma “loucura”, um ato irresponsável ou, quando muito, um tipo de romantismo fora de moda (Ramalho, 2005).

Silva (2000) afirma que na comunicação Cibernética o “tempo” passa bem mais rápido, onde alguns dias de convívio são suficientes para algumas pessoas se sintam íntimas e estabeleçam relações intensas de amizade ou mesmo de amor, que podem ter alguma duração ou esvanecerem com a mesma velocidade com que se estabeleceram. Esta “compressão” da temporalidade provavelmente exerça uma influência forte na sociabilidade *on-line*, que se apresenta extremamente dinâmica e fluida, com os grupos sendo constantemente renovados por meio da contínua saída e entrada de pessoas.

É neste cenário de liberdade de escolha, busca de novas experiências e conquista do amor que surgem os primeiros provedores de acesso à *Internet*. Neste âmbito, Casalegno (1999) indica que as pessoas que passaram a usar a *Internet*, buscando experiência de relacionamento interpessoal, estariam expressando um desejo de tornar mais permeável as fronteiras do “real” e do “virtual”. Portanto, a separação entre esses dois mundos, segundo esta autora, seria um esforço mais entre especialistas do que entre usuários para situar certos tipos de experiência em uma ou em outra dimensão. Nesta mesma direção, Oliveira (2001) observa que, no mundo *on-line*, configuram-se novos paradigmas e questionam-se estereótipos originados no mundo *off-line*, que reflete também mudanças na conjuntura social. Afinal, como afirma Bettini (2002), a forma de se vincular e de se ter atitudes na *Internet* pode ser um reflexo de como a pessoa experimenta seu dia-a-dia.

O que se vem presenciando é que após a *Internet* as pessoas se conhecem e trocam informações em um tempo cada vez menor. Este recurso acaba representando projetivamente tudo de bom e de ruim que a humanidade produz. Ela é o meio e não fim. Ela é eficaz e rápida, talvez se constituindo o maior espaço democrático já criado pela humanidade. Nela as fronteiras não existem, os limites se expandem e talvez seja o lugar onde o conceito de globalização esteja mais presente e em evidência.

Por meio da *Internet*, o universo de encontros é infinito, tornando-se mais uma das múltiplas opções de se relacionar. Para as pessoas que se sentem tímidas, ela tem funcionado como um bálsamo. A maioria que entra em *sites* de relacionamento está em busca da própria felicidade, encontrar um parceiro que faça um sentido real. Estes estão literal e corajosamente apostando em si mesmos. Neste caso, a *Internet* funciona como mais uma ferramenta importante da atualidade para que os relacionamentos afetivos possam vir a se desenvolver (Gonçalves, 2002).

O *e-mail* (correio eletrônico) é um serviço da *Internet* que permite enviar e receber mensagens escritas utilizando contas individuais. Entretanto, este não é o único serviço de comunicação utilizado na *Internet*; existem outros tantos, a exemplo do *Second Life*, *Orkut*, *Facebook*, *MSN*, *blogs* e *chats*. O conjunto desses recursos faz parte do cotidiano de milhões de pessoas em diversas partes do mundo, as quais os têm utilizado para iniciar, manter e incrementar contatos. Tais serviços têm permitido aos usuários a comunicação entre eles em tempo real, utilizando a linguagem escrita. Atualmente, os *chats* são conhecidos como um ponto de encontro virtual, onde os usuários se conhecem e conquistam novas amizades - e mesmo parceiros amorosos - a partir de toques de teclados que envolvem o uso de linguagem diferente daquela que se está habituado.

Em geral, o amor virtual levanta questões acerca da sua veracidade, segundo Sampaio (2004), ele é considerado como uma forma de fantasia. Esta autora identifica

como diáfano aquele que está do outro lado da tela, pelo fato de esse alguém poder desaparecer a qualquer momento, levantando questão: como é possível amar uma pessoa sem poder vê-la, tocá-la, sentir seu cheiro? No entanto, de acordo com Nicolaci-da-Costa (2006), encontram-se histórias de relacionamentos com experiências positivas originadas na *Internet*. Conquanto, existe forma de pensar e viver diferente daquela a que se estar habituado apesar de gerar medo e insegurança; Lins (2007) acrescenta que “ainda mais no que diz respeito aos relacionamentos amorosos virtuais” (p. 395).

Pesquisar as relações amorosas virtuais, bem como seus correlatos afetivos e sociais, a exemplo, da infidelidade *on-line*, do ciúme, do amor associados com os valores humanos, não é tarefa fácil. Devido, principalmente a subjetividade das relações humanas, e as dificuldades de identificar a culpa em um relacionamento quando não se pode ter a certeza do que se passa na intimidade do casal (Guimarães, 2004).

Para responder a questão da infidelidade existem duas concepções filosóficas: a moral, que considera a infidelidade como um pecado e a concepção acidental que vê a infidelidade como um simples caso acidental. Como algo efêmero, passageiro, uma coisa que acontece, mas que não merece maior importância. Entre o pecado religioso e a banalização extrema, aparecem muitas e diferentes ideias (Urman, 2009).

Segundo Pittman (1994), a infidelidade é a traição à intimidade dentro de um relacionamento de casal. Para o autor a infidelidade se concretiza quando da inclusão de um terceiro dentro do relacionamento do casal e com a concretização de contato sexual. Para Drigotas e Barta (2001), a infidelidade pode ser definida como uma “... violação das normas dos parceiros que regulam o nível emocional ou da intimidade física com pessoas fora do relacionamento” (p. 177).

Face a essas premissas o que se percebe é que a infidelidade é um conceito plural, multifacetado, que adquire significados de acordo com as épocas, culturas e que encontra-

se presente na humanidade desde o início da civilização, conforme consta relatos bíblicos como por exemplo, “Quem estiver livre do pecado jogue a primeira pedra...”; essa passagem se refere a uma mulher – Maria Madalena – que ia a ser apedrejada por ter cometido adultério.

No que tange a infidelidade virtual este é conceituado como um relacionamento erótico-afetivo mantido por meio da *Internet* (Guimarães, 2004). Caso este relacionamento leve a relações sexuais no ambiente real, caracteriza-se como traição. Neste caso, a fidelidade e o respeito mútuo constituem um juízo de valor emanado do social, que autoriza a imposição de norma limitadora ao instinto de liberdade sexual. Segundo Gama (1998), a fidelidade envolve o dever de lealdade entre os usuários, sob aspectos físico e moral, no sentido de abster-se de manter relações sexuais com terceira pessoa, e mesmo de praticar condutas que indiquem esse propósito ainda que não consume a traição.

Na Psicologia Social, os valores humanos transformaram-se em objeto de pesquisa, principalmente nas últimas décadas do século XX, direcionando seus estudos para a compreensão dos valores como concepções e/ou crenças que representam cognitivamente as necessidades humanas (Gouveia, 1998, 2003; Gouveia et al., 2011).

Os valores humanos apresentam sua relevância na explicação do comportamento das pessoas, pois são capazes de orientar tanto as escolhas quanto as atitudes humanas (Vasconcelos, 2004). Premissa também corroborada por Albuquerque, Noriega, Coelho, Neves e Martins (2006), quando afirmam que uma vez que um valor é internalizado, ele se torna consciente ou inconscientemente, um padrão ou critério para guiar a ação.

É neste contexto que se pretende desenvolver esta tese que tem como objeto social de estudo “A Infidelidade Virtual no Relacionamento Amoroso: Correlatos Afetivos e Sociais”. Para instrumentalizá-la fez-se uso dos aportes teóricos da teoria tetragonal do amor (Yela, 2008) e da teoria Funcionalista dos Valores Humanos (Gouveia et al., 2011),

bem como dos construtos ciúme romântico, adição à *Internet*. E quanto ao método, a abordagem adotada foi à quantitativa.

Nesse sentido, a pertinência do uso da Teoria Tetrangular do Amor utilizada na presente pesquisa, deve-se a esta ser que melhor explica o construto amor. A Gênese desta teoria é que o amor pode ser compreendido a partir de quatro dimensões: intimidade, compromisso, paixão romântica e paixão erótica (Yela, 2008).

A aplicabilidade da Teoria Funcionalista dos Valores Humanos se justifica à medida que é considerada uma importante ferramenta de explicação dos comportamentos das pessoas, uma vez que os valores são princípios que guiam e orientam as atitudes humanas (Gouveia et al., 2011). Além de favorecer análise face às transformações na sociedade. O que se observa é que as gerações mais antigas preservam os valores normativos (tradicionalistas) e as gerações mais novas se utilizam de valores de experimentação (prazer, sexualidade). Os valores situam-se na condução das orientações culturais e, pouco a pouco, vão substituindo as gerações precedentes; estes aspectos produzem inevitavelmente modificações na mentalidade e no sentido dos valores vigentes e legitimados socialmente (Santos, 2008). Em relação aos construtos ciúme romântico e adição à *Internet* deveu-se ao fato dos mesmos estarem correlacionados com o objeto de estudo.

Face ao exposto, desenvolveu-se a presente tese cujos objetivos são apresentados a seguir: conhecer os correlatos afetivos e sociais nos relacionamentos amorosos com ênfase na infidelidade virtual. Especificamente, pretendeu-se: (1) identificar o perfil dos participantes da pesquisa; (2) avaliar a dependência da *Internet* pelos participantes do estudo; (3) conhecer em que medida se consideram relacionamentos virtuais como indícios de infidelidade; e (4) elaborar um modelo teórico explicativo a partir dos construtos valores humano, ciúme romântico, amor tetrangular e adição à *Internet*.

Para atingir os objetivos desta tese foi necessário desenvolver três estudos. O primeiro estudo, com caráter preliminar e instrumental, objetivou conhecer evidências de validade de dois instrumentos: (1) *Escala de Infidelidade Virtual*; e (2) *Escala de Adição à Internet*. O Estudo 2 teve como objetivos: (1) realizar Análises Fatoriais Confirmatórias (AFC) para as duas escalas validadas no Estudo 1; e (2) verificar como as dimensões dos construtos amor, ciúme e valores humanos se correlaciona. E o terceiro estudo objetivou elaborar um modelo explicativo causal do construto infidelidade virtual ancorado nos aportes teóricos dos valores humanos, do amor e do ciúme.

Espera-se que os resultados advindos desta pesquisa, venham contribuir com o conhecimento já existente acerca dos relacionamentos, nomeadamente, os relacionamentos afetivos/amorosos e suas implicações no que tange a infidelidade no campo virtual.

PARTE I - MARCO TEÓRICO

CAPÍTULO 1. A COMUNICAÇÃO MEDIADA PELO COMPUTADOR

Neste capítulo realiza-se uma revisão sócio-histórica acerca da evolução da comunicação mediada pelo computador (CMC) – especificamente com o surgimento da *Internet*. Em seguida desenvolvem-se os conceitos relacionados às redes sociais, refletindo sobre a dependência da *Internet*, para então contextualizar como se dá as relações amorosas virtuais.

1.1. A EVOLUÇÃO DA COMUNICAÇÃO NA ERA DA *INTERNET*

É notório perceber mudanças no comportamento da sociedade decorrente do surgimento de artefatos tecnológicos como o telefone, o rádio, a televisão, os computadores e, mais recentemente, a *Internet*. Tais mudanças advindas da evolução tecnológica resultaram no que se denomina “sociedade de informação”, ou seja, a capacidade de obter informação, instantaneamente, de qualquer lugar e de forma rápida e eficaz (Junior & Paris, 2008).

Uma das primeiras ferramentas criadas para permitir a comunicação por computador foi o *e-mail* ou correio eletrônico, que consiste em um serviço que permite escrever, enviar e receber mensagens através de sistemas eletrônicos de comunicação. O correio eletrônico é anterior ao surgimento da *Internet*, e constitui uma ferramenta fundamental para a criação da rede internacional de computadores. Atualmente, o *e-mail*, os sites de busca e as redes sociais são as ferramentas mais utilizadas na *Internet* (Young & Abreu, 2011).

O primeiro sistema de troca de mensagens entre computadores foi criado em 1965, e possibilitava a comunicação entre os múltiplos usuários de um computador de grande porte, denominado *mainframe*. Apesar da história ser um tanto obscura, este início de troca de mensagens por meio eletrônico transformou-se rapidamente em um *e-*

mail em rede, permitindo que usuários situados em diferentes computadores trocassem mensagens (Coutinho, 2007).

A *Internet* surgiu em 1969 no período da guerra fria através de um projeto do governo estadunidense denominado *Advanced Research Projects Agency Network* (ARPANET), cujo objetivo era interligar bases militares (Coutinho, 2007). Posteriormente, final da década de 1970, ela passou a interligar instituições de pesquisa e universidades, cujo serviço mais utilizado era o *e-mail*. Na década de 1980 expandiu-se para outros países e na década de 1990 adquiriu um cunho comercial, sendo também criado neste período a World Wide Web (www). Lee (2000) argumenta que a *web* é mais uma criação social do que técnica, sugerindo que é preciso ter certeza de que a sociedade que está sendo construída na rede é aquela que se almeja.

A *Internet* tornou-se o maior sistema de comunicação desenvolvido pelo homem, teve seu início permeado pela guerra fria, passando pelo contexto acadêmico e comercial e culminando, nos dias atuais, na possibilidade de uma pessoa se comunicar com a outra através das redes sociais desenvolvendo, inclusive, a possibilidade de construir relacionamentos virtuais.

De acordo com Ferreira et al. (2000), a comunicação através da rede de computadores é um fenômeno que se expandiu com grande velocidade na década de 1990 e propiciou às organizações e às pessoas um meio eletrônico de trocar informações de forma mais rápida e eficaz. Neste sentido, a *Internet* é considerada um sistema de complexidade técnica e social enorme, pois compreende um universo gigantesco, quase invisível, incluindo milhares de redes, conectando milhões de computadores, permitindo assim, que milhões de usuários de todo o mundo possam interagir (Greenfield & Yan, 2006).

No Brasil, o primeiro contato com a *Internet* se deu em 1988, quando a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), realizou a primeira conexão à rede através de uma parceria com o Fermilab¹, um dos mais importantes centros de pesquisa dos Estados Unidos (Vieira, 2003).

A evolução da *Internet* no Brasil pode ser dividida em dois períodos distintos: o acadêmico e o comercial. O período acadêmico ocorre com a implantação da Rede Nacional de Pesquisa (RNP) em 1992, pelo governo federal. Já o período comercial, caracterizado pelo acesso comercial à *Internet*, tem data de início bastante nítida: o ano de 1995 (Nicolaci-da-Costa, 1998), pois neste período as empresas se voltam ao desenvolvimento de aplicações que possibilitassem o comércio virtual, ou seja, o uso dos meios eletrônicos para a realização de transação comercial.

Foi no período comercial que surgiram os “*chats*”, meios de comunicação através dos quais as pessoas se interconectam, para conversar em tempo real, utilizando a linguagem escrita. O exemplo mais difundido de “*chat*” é o IRC, acrônimo de *Internet Relay Chat*, criado em 1988 por Jarkko Oikarinen na Finlândia, com o objetivo de criar um programa que permitisse a conversação entre vários usuários de forma síncrona, em que eles pudessem escolher áreas para interagir (Silva, 2000).

Em 1995 emergiu uma inovação denominada de “*mIRC*”, um cliente de IRC para o sistema operacional “*Windows*”, que se tornou um dos clientes de IRC mais utilizado, por criar uma interface mais fácil para o uso do programa, com os recursos de ícones e janelas, além de possibilitar o uso de cores nas “falas” (Silva, 2000). Atualmente, um canal de IRC é conhecido como um ponto de encontro virtual, onde as pessoas se conhecem e conquistam amigos — e até mesmo parceiros amorosos — a partir de toques de teclados que envolvem o uso de uma linguagem distanciada daquelas às quais se está acostumado.

¹ Fermi National Accelerator Laboratory, cujo nome é uma homenagem ao físico italiano Enrico Fermi (1901-1954), ganhador do prêmio Nobel em 1938 por descobertas importantes na física nuclear

No IRC toda conversa é “*on-line*” — ou seja, um digita e os outros leem logo depois — e pública, a não ser quando são trocadas mensagens privadas em telas separadas depois do primeiro contato virtual. Assim, o “IRC” é um sistema que permite a interação de vários usuários ao mesmo tempo, divididos por grupos de discussão. Ao contrário dos *e-mails*, essa discussão é feita diretamente (diálogo direto textual). Os usuários deste sistema podem entrar num grupo já existente ou criar o seu próprio grupo de discussão. Este meio de comunicação (IRC) e outras formas de “*chat*” são muito populares e, por isso mesmo podem exercer muita influência direta ou indireta sobre os usuários da Rede.

De acordo com Dias e De La Taille (2004) esses espaços virtuais são denominados de salas de bate-papo, onde possibilita as pessoas uma nova maneira de se relacionar. Para os autores Castells (2006), Nicolaci-da-Costa (1998), Wellman e Boase (2006) e Rheingold (1996) esses espaços apresentam-se de diversas formas de solidariedade e de vida comunitária. Segundo Marcelo (2001), “A *Internet* é, na sua essência, um meio de comunicação” (p. 31). Lenhart, Madden e Hitlin (2005) entendem que os computadores e a *Internet* atuam como um meio de socialização, educação, acesso à informação, entretenimento, compras e comunicação.

Para Rocha (2007), a expansão das comunicações mediadas por computadores em rede, fez emergir novos termos, como “virtual” e “virtualidade”. Considera-se virtual tudo aquilo que diz respeito às comunicações via *Internet*. Ainda de acordo com o autor, o termo virtual assume vários significados, por exemplo: (1) algo que é apenas potencial ainda não realizado; (2) refere-se a uma categoria tão verdadeira como a real; (3) é tudo aquilo que não é palpável, uma abstração de algo real. Dessa forma, o virtual pode ser oposto ao atual, devido o mesmo carregar um potencial de existir, enquanto o atual já é algo existente.

O uso do termo virtual se tornou comum para diferenciar as relações mediadas pela *Internet* das relações presenciais. Assim, toda entidade capaz de gerar manifestações concretas, sem estar ela mesma presente a um lugar ou tempo em particular, confere uma entidade virtual. Nas relações reais mediadas pelo computador, a realidade está na existência de pessoas que, apesar da distância, e ainda que mediadas por um computador, provocam reações umas nas outras (Rocha, 2007).

Para Lévy (1996), o virtual significa mediado ou potencializado pela tecnologia; produto da externalização de construções mentais em espaços de interação cibernéticos. Neste sentido, este autor salienta que qualquer indivíduo que faça uso da tecnologia para se comunicar com outro(s) encontra-se envolvido nesta modalidade.

Lévy (1996) afirma que o virtual:

não se opõe ao real, mas sim ao atual. Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização (p.16).

Outra conotação é a expressão "realidade virtual", embora empregada recentemente, refere-se a algo que, em certo sentido, sempre foi do conhecimento de todos. Exemplos de eventos descritos em obras literárias de ficção, filmes, que representam uma realidade virtual, ou seja, uma existência que, embora não exista no plano "real", existe no plano "virtual", isto é, no imaginário das pessoas. O existir na realidade virtual significa existir em um sentido válido, embora fraco, do termo (Rocha, 2007).

Ainda de acordo com o autor supracitado, a expressão "realidade virtual" perpassa o significado dado originalmente – ficção e do imaginário – e assume o termo mais forte, e, portanto, de existência, a exemplo de "escritório virtual", "loja virtual", "banco virtual", "dinheiro virtual", "empresa virtual", "conferência virtual", "sala de reuniões virtual", "biblioteca virtual", "cinema virtual", "jornal virtual", "comunidade virtual", "grupo de

trabalho virtual", "turismo virtual", "férias virtuais", "sexo virtual", entre outros. Assim sendo, ela assume uma realidade possível e concreta através do uso da *Internet*.

A *Internet* com mais de duas décadas de existência faz-se presente em todas as esferas de atividade humana, desde as mais íntimas as mais públicas propiciando o surgimento de novas formas de relacionamento, inclusive o amoroso (Araújo & Rodrigues, 2005).

De acordo com Bauman (2004), a *Internet* representa uma extensão da vida cotidiana, visto que, os indivíduos estabelecem novos tipos de relação, e emite significados a esta decorrente das características do meio de comunicação que utilizam. Além disso, a *Internet* proporciona às pessoas uma sedução de liberdade, por ser um espaço ilimitado de comunicação e de expressão do indivíduo.

Desse modo, abrem-se novas perspectivas de relacionamento, indispensáveis para as pessoas que trabalham em casa ou que têm uma vida atribulada a ponto de não sobrar energia para uma vida social mais intensa (Guimarães, 2004). Com esta nova forma de comunicação, tabus de fundo sexual vão se dissolvendo. Invisíveis, as pessoas se permitem conversar, seduzir, trocar experiências em áreas antes proibidas. É a descoberta de uma nova forma de sexo seguro, em que as pessoas entram em contato com outras para realizarem fantasias sem culpa.

Nicolaci-da-Costa (2002c) argumenta que as múltiplas transformações advindas das tecnologias digitais produziram mudanças subjetivas comparáveis àquelas causadas pela Revolução Industrial ao longo dos séculos XIX e XX. Para Silva (2000), tais inovações tecnológicas exercem mudanças comportamentais desde as mais simples como, auxiliar nas atividades domésticas, compras *online*, entretenimento, até a mais complexas como os relacionamentos amorosos virtuais.

A *Internet* tornou-se uma rede de alcance universal na qual questões relativas à formação de identidade, sexualidade e auto-estima são exploradas em um mundo virtual (Subrahmanyam, Greenfield, & Tynes, 2004). Inserida em um contexto social, a *Internet* permite múltiplas formas de comunicação, na qual aos usuários participam e constroem seus próprios ambientes (Greenfield & Yan, 2006). O acesso fácil e contínuo à *Internet* fornece grandes oportunidades para a socialização os usuários, permitindo que eles se conectem com os seus pares, bem como com pessoas estranhas de todo o mundo. Visivelmente, a *Internet* vem transformar o mundo social desses usuários, influenciando o modo como eles se comunicam, estabelecem e mantêm seus relacionamentos.

1.2. REDES SOCIAIS

Como pôde ser observado até aqui, o desenvolvimento das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), aliado ao aprimoramento da Comunicação Mediada por Computador (CMC), e o surgimento da *Internet* e do ambiente virtual ou ciberespaço, têm alterado significativamente a organização dos sistemas sociais, políticos e econômicos no âmbito mundial. No campo cultural, o impacto tecnológico refletiu na constituição de uma nova cultura, a cibercultura, e de uma nova forma de estabelecimento de relações sociais por meio da rede, a sociabilidade (Castells, 2003).

Com o avanço tecnológico das últimas décadas, principalmente no que tange à informática, constatou-se que a *Internet* e as redes sociais (*Social Network Sites – SNSes*) tornaram-se cada vez mais populares, possibilitando aos usuários compartilharem ideias, atividades de interesses, culminando na formação de novas comunidades. A rede mundial de computadores aproxima os indivíduos e possibilita o surgimento de novas formas de relações sociais, entre as quais destacam-se as comunidades virtuais, espécie de

agrupamentos humanos constituídos no ciberespaço ou no ambiente virtual (Amaral & Santos, 2009).

A *Internet* constitui uma alternativa para desenvolver bases sociais que não estão presentes nos ambientes imediatos do indivíduo. O usuário da *Internet* navega na rede à procura de pessoas com as quais possa compartilhar interesses em comum, ação que se repete significativamente, uma vez que é da natureza humana se relacionar socialmente (Aguiar, 2007). Rosen (2007) argumenta que as atuais redes sociais *on-line* são constituídas majoritariamente por vínculos fracos, ou seja, estão vocacionados para contatos superficiais, com conteúdos efêmeros e passageiros.

Neste paradigma, através das redes sociais, o usuário cria uma representação própria, denominado perfil, que traz suas características, informações, laços sociais, além de uma variedade de serviços adicionais. Nesta grande rede virtual, cada computador (nó) identifica um usuário que traz agregado a si os valores de coletividade, cooperação, solidariedade, compartilhamento, entre outros. Por outro lado, Boyd (2007) problematiza um aspecto relacionado com a criação de perfis, pelo simples fato de serem elaborados a partir de um formulário estruturado, que de certa forma direciona os conteúdos que devem ser publicados. Desta forma, o autor crítica tal procedimento, uma vez que às empresas desenvolvedoras desses aplicativos guiam os usuários a publicarem conteúdos inerentes a seus objetivos.

Atualmente, as redes sociais mais representativas são: *Facebook*, *Twitter*, *Orkut*, *MySpace*, *blogs*, entre outros. O *Facebook* foi criado inicialmente para permitir a comunicação de estudantes universitários estadunidenses, posteriormente expandiu-se para o mundo (Riccio, 2010). Segundo o *site* institucional do *Facebook* (2004), a missão da empresa consiste em proporcionar às pessoas o poder de partilhar e assim tornar o mundo mais aberto e conectado.

A rede social registrava, em dezembro de 2009, um total de 350 milhões de usuários – um quinto da população mundial com acesso à *Internet* – e estas pessoas usam o *Facebook* diariamente para se conectar com os amigos, partilhar fotos, links e vídeos, além de usufruir de uma nova forma de relacionamento em rede (Cassidy, 2006).

Pesquisas realizadas nos Estados Unidos constataram os benefícios que as redes sociais, em específico o site de relacionamento *Facebook*, trouxeram na formação e manutenção de amizades existentes no mundo *off-line*. Os achados relataram que os usuários permanecem em média de 10 a 30 minutos diários, e possuem cerca de 150 a 200 amigos listados, sugere ainda, que os usuários se sentem motivados em usar essa ferramenta para resgatar as amizades de ex-colegas de escola (Ellison, Steinfield & Lampe, 2007).

Embora sejam elencadas vantagens na utilização das redes sociais, é importante destacar alguns pontos negativos, tais como: (1) a expressão “cidade fantasma” utilizada nos Estados Unidos, para referenciar o fenômeno de evasão dos usuários, devido ao excesso de informações que julgam irrelevantes; (2) facilidades em criar uma identidade virtual – com a introdução de dados que não passam por nenhum processo de validação – que possibilitam a criação de diferentes personas; (3) estabelecimento de vínculos interpessoais não obrigatoriamente baseados em relacionamentos pré-existentes (Aguiar, 2007).

Desse modo, a CMC vem propiciando múltiplas formas de relacionamentos interpessoais representando um desafio às tradicionais metodologias de análise da rede (Aguiar, 2007). Nesta perspectiva, surgem novas formas de percepção que influenciam os comportamentos sociais, a exemplo da dependência da *Internet*, cujas características e implicações permitirão compreender as relações transfronteiriço entre o mundo real e o virtual.

1.3. DEPENDÊNCIA DA *INTERNET*

A dependência de modo geral, surge quando o indivíduo encontra-se vulnerável, ou se sente insatisfeito com sua própria vida, não tendo nenhum tipo de relacionamento íntimo ou sólido com outros. Além disso, o sujeito não apresenta autoconfiança, interesses e esperanças. Nesse estágio de dependência, a pessoa se torna incapaz de manejar sua vida, permitindo assim, o aparecimento de comportamentos compulsivos que passam a prejudicar seus relacionamentos, bem como atividades relacionadas com o trabalho (Peele, 1985).

Nesse direcionamento, o avanço tecnológico e em particular a *Internet*, fez com que este tipo de característica do ser humano, passasse a estar presente nos usuários nesse novo ambiente virtual, surgindo uma nova configuração de dependência. Portanto, para os autores Young, Dong Yue e Li Ying (2011), a dependência de *Internet* pode ser definida através da observação de padrões de comportamentos (*e.g.* perder sono devido ao uso excessivo de *internet* à noite, atrasar tarefas para passar mais tempo no ambiente virtual, considerar que a vida seria um tédio sem a *internet*) que diferenciam o uso compulsivo de *Internet* do uso normal.

Caplan (2002) conceitua a dependência da *Internet* como sendo uma forma de esquiva dos sentimentos perturbadores vivenciados no mundo real, desenvolvendo uma tolerância ao uso compulsivo da ferramenta com a finalidade de obter satisfação. Desse modo, enumera algumas características, tais como: modificação de humor, abstinência, conflitos, desejo incontrolável de usar e uma preocupação quando se encontra desconectado. Este conceito tem sido amplamente utilizado em situações que envolvem sexo virtual, compras *on-line*, e jogos de azar (Young, Dong Yue & Li Ying, 2011).

Davis (2001) define a dependência da *Internet* como sendo um padrão distinto de cognições e comportamentos relacionados à utilização do mesmo que resultam em

consequências negativas para a vida. Este autor propõe duas formas distintas desse uso patológico de *Internet* (UPI), uma denominada específica e outra generalizada. O primeiro UPI específico encontra-se associado ao uso exagerado ou abusivo de conteúdo específicos da *internet* (e.g. jogos de azar, comércio de ações, pornografia). Quanto ao segundo, UPI generalizada este se encontra atrelado às cognições e comportamentos relacionados exclusivamente com a comunicação virtual. Ou seja, a pessoa demonstra preferência pelas comunicações interpessoais virtuais, em vez daquelas estabelecidas face a face.

O primeiro registro de publicação acerca da Dependência de *Internet* data de 1995, com o artigo “*The lure and addiction of life on-line*”, do New York Times (O’Neill, 1995). Nele, o autor relata que, de acordo com sua experiência pessoal, tornou-se “viciado” na utilização da *Internet* através da participação em reuniões *on-line* de alcoólicos anônimos. Entretanto, estudos científicos sobre a temática surgem em 1996, nos Estados Unidos, com a publicação do artigo “*Internet addiction: The emergence of a new clinical disorder*” (Young, 1996).

Este estudo pioneiro foi realizado com 600 usuários de *Internet* utilizando como instrumento DSM IV ² adaptado para o jogo de azar patológico. Os resultados apontaram sinais clínicos de dependência (Young, 1998). A partir deste estudo, surgiram em outros países como o Reino Unido, Rússia e China, pesquisas acerca da dependência enquanto transtorno, e tinham como objetivos definir a dependência da *Internet* a partir de padrões comportamentais, enquanto outras destacavam a prevalência e etiologia da dependência (Morahan-Martin & Schumacher, 2003; Scherer, 1997; Yang, 2001).

Outro estudo relevante foi desenvolvimento por Greenfield (1999) em parceria com ABC news.com, envolvendo 17.251 indivíduos, os quais responderam um questionário contendo 36 itens sobre o uso da *internet* e características comportamentais

² Manual Diagnóstico e Estatística de Transtorno Mentais – DSM, publicada pela APA, estabelece critérios de classificação de desordens mentais.

(e.g. fuga de problemas, humor alterado, ansiedade, depressão, culpa, impotência) contemplando inclusive fatores relacionados com sexualidade virtual. Os achados indicaram que 6% dos entrevistados apresentaram características de dependência, tais como: o anonimato, a facilidade de acesso, a intimidade precoce, distorção de tempo e intensidade de conteúdos *on-line*.

Estudo realizado na Coreia por Whang, Lee e Chang (2003), com o objetivo de investigar a prevalência do uso excessivo de *Internet*, contou com a participação de 13.588 jovens que foram submetidos à versão adaptada da escala de adição à *Internet* proposta por Young (1998), contendo 20 itens que eram respondidos numa escala do tipo Likert variando de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente). Os achados identificaram três grupos distintos: grupo 1 (3,5%) diagnóstico como dependentes de *internet*, grupo 2 (18,4%) classificados como possíveis dependentes, e um terceiro grupo (78,1%) de não dependentes. Neste estudo, o grupo 1 foi definido como aquele que obteve uma pontuação acima de 60, de modo semelhante o grupo 2 identificado como aquele que pontuasse entre 50 e 60. Enquanto, o grupo dos não dependentes pontuasse menor do que 40. Além desses resultados, o estudo também apresentou uma forte relação entre a dependência de *internet* com comportamentos sociais disfuncionais, tais como: stress, humor deprimido, solidão e compulsividade.

Nalwa e Anand (2003), em suas investigações, apontaram atividades variadas no acesso à rede como causadores da dependência, tais como: *e-mails*, mensagens instantâneas, busca de emprego, uso bancário, pagamento de contas e buscas matrimoniais. Estudos realizados (Greenfield, 1999; Kraut et al., 1998; Young, 1996), afirmam que a *Internet* pode produzir um comportamento de compulsão e dependência, além de problemas individuais e sociais característicos do vício. Desse modo, seu uso abusivo

causaria um isolamento social, ansiedade e depressão, em virtude das substituições dos relacionamentos e das atividades no mundo real pelos virtuais.

Desse modo, apesar de numerosas pesquisas sobre a temática da dependência de *Internet*, não há um consenso entre os pesquisadores quanto ao seu diagnóstico. Provavelmente, devido a sua pluralidade em função das diferentes áreas de atuação de profissionais que buscam compreendê-las. Young (2011) salienta que o melhor método para detectar clinicamente o uso compulsivo de *Internet* é compará-lo com critérios estabelecidos para outras dependências. Nesse sentido, de todas as referências analisadas no DSM-IV e no CID10, o que melhor se assemelha a esse fenômeno foi o “*Jogo Patológico*”. Dessa forma, para que haja um diagnóstico dessa patologia faz-se necessário encontrar no indivíduo oito sintomas característicos de perturbação, tais como:

- Preocupação com a *Internet* (pensamentos sobre as atividades *on-line* que já foram realizadas e ficar antecipando quando ocorrerá a próxima conexão);
- Necessidade de aumento do tempo de permanência na *Internet* de forma a atingir a sua satisfação;
- Esforços repetidos, para controlar, diminuir ou parar de utilizar a *Internet*, porém sem sucesso;
- Sentimento de agitação, irritabilidade ou depressão quando é solicitado a reduzir o uso da *Internet*;
- Ficar *on-line* mais tempo do que o pretendido;
- Pôr em risco ou arriscar perder relações significativas, trabalho e oportunidades educacionais devido ao uso da *Internet*;
- Mentir para a família, terapeuta ou a outros de modo a esconder a utilização da *Internet*;

- Utilizar a *Internet* como forma de “escapar” dos problemas ou aliviar os sentimentos, tais como: culpa, ansiedade, depressão, entre outros.

A associação destes sintomas leva o usuário a desenvolver a patologia de dependência de *Internet*, ocasionando perdas nas interações interpessoais (e.g. solidão, perda de desempenho laboral, mentiras) ou ainda, não saber lidar com situações da vida diária (e.g. fugindo de problemas, manter em segredo atividades virtuais, negligência de obrigações rotineiras).

Greenfield (1999) define o ambiente virtual como sendo viciante, dando-lhe como exemplo, condutas semelhantes a outras formas de dependência, como as substâncias psicoativas (e.g. álcool, cigarro, maconha). Segundo Shapira et al. (2000), o termo está associado ao uso problemático de *Internet*, assim tal argumentação esclareceria a dependência pelo uso abuso de seus serviços, tais como: *chats*, compras, realidade virtual entre outros.

Seguindo a evolução dos estudos, Yellowlees e Marks (2005) argumentam que a dependência de *Internet* encontra-se ligada por diferentes atividades *on-line*, e que possuem distinção entre elas. Desse modo, os autores esclarecem que em vez de um conceito único de uso patológico de *Internet*, teria de conceituar e estudar separadamente os diferentes padrões de comportamento *on-line* perturbado, como exemplo: jogos *on-line*, comportamento sexual, compras *on-line* ou uso compulsivo de *chats*.

Embora possua diversas pesquisas sobre a temática da dependência de *Internet*, pouco se compreende sobre as razões pelas quais as pessoas se tornam dependentes. Sua etiologia ou causa advém das expectativas não realizadas em certas atividades no mundo real, e que são repassadas e concretizadas no ambiente virtual (Young & Abreu, 2011).

Normalmente, a dependência *on-line* manifesta suas características de duas maneiras: a psicológica e a física. A primeira diz respeito aos sintomas de abstinência, tais

como: depressão, insônia, irritabilidade, entre outras. A segunda, referente à física, ocorre quando o corpo do indivíduo se torna dependente e seu consumo é descontinuado, se comparando ao que ocorre com as drogas ou álcool (Young & Abreu, 2011).

Graeml et al. (2004) argumentam haver três áreas principais que influenciam os indivíduos a se tornarem dependentes do mundo virtual, são eles: (1) suporte social – refere-se a criação de um grupo social próprio, deixando o mundo real e formulando um convívio baseado em textos; (2) realização sexual – a partir das redes virtuais, as fantasias sexuais das pessoas podem ser praticadas bem mais facilmente; (3) criação de persona – a formação de um sujeito “virtual” onde é permitido agir em um novo papel, atribuindo novas características físicas, idade, raça entre outras.

Estudos recentes acerca da dependência de *Internet* enumeram que os fatores situacionais, por exemplo: divórcios, recolocação profissional ou morte de alguém querido, podem levar o indivíduo a adotar o mundo virtual como fuga da realidade (Young, 2007). Não obstante, essas mudanças comportamentais também indicam que os indivíduos que fazem uso de *Internet* com frequência se sentem, mais a vontade para construir e manter um relacionamento.

Diversos estudos (Chou, 2001; Greenfield, 1999; Yellowlees & Marks, 2005) indicam que a própria essência da *Internet* (e.g. ser uma estrutura aberta, interativa) favorece a dependência. Desse modo, características como a velocidade e a estimulação dos seus conteúdos, a interatividade, a facilidade de utilização, a acessibilidade e por fim, a quantidade de informação disponível faz com que os usuários cada vez mais utilizem essa ferramenta em todas as atividades diárias, trabalho, lazer até nas relações amorosas.

1.4. RELAÇÕES AMOROSAS VIRTUAIS

Estudo desenvolvido na Psicologia Social tem demonstrado que a influência da *Internet* vem ocasionando mudanças na forma de pensar, sentir e se comportar das pessoas no mundo virtual (Wallace, 1999). Para Suler (2004), entre outras mudanças ocorre o que a autora denomina efeito de desinibição *online*, na qual descreve que as pessoas se comunicam e se comportam de maneira diferente quando estão conectadas.

Outro termo também usado para descrever as mudanças psicológicas que ocorre quando a pessoa está conectada é a *desindividuação*. Este termo encontra-se na literatura da Psicologia Social desde o início da década de 1970 (Zimbardo, 1970). A desindividuação significa se sentir anônimo no próprio ambiente, o que resulta em comportamentos contrários ao padrão comportamental típico da pessoa.

Desse modo, o computador, embora destinado originalmente como um mecanismo facilitador das nossas tarefas diárias, rapidamente passou a ser visto também como um dispositivo de comunicação (Peccinini, 2008). Desse modo, essa tecnologia ocasionou mudanças sociais e históricas na sociedade contemporânea em todas as esferas sociais, laborais, educacionais e pessoais demarcando novos formatos de vínculos afetivos, impondo novas regras e novos espaços para o contato com o outro, mudança na relação presencial, remodelando a intimidade e a sexualidade.

Nesta perspectiva, presente cada vez mais no cotidiano das pessoas, a *Internet* surge como algo novo, possibilitando novas formas de relações sociais, inclusive no domínio romântico, incitando a necessidade de integrar o ciberespaço ao espaço real. Desta nova realidade, conforme afirma Pereira (2005), surgem novas formas de relacionamentos, implicando modificações no casamento, namoro e até mesmo no sexo casual. Ainda de acordo com o autor, essas relações construídas no ambiente virtual não necessariamente se

tornarão a essência das experiências modernas, mas certamente trazem uma alteração substancial, que se tornarão cada vez mais popular.

Neste direcionamento, a *Internet* enquanto ferramenta integradora possibilita proximidade entre pessoas, agindo como um mecanismo poderoso para obter informações sobre temas socialmente sensíveis como, as relações afetivas-amorosas e sexuais. Para Bauman (2004), as relações virtuais se caracterizam como aquelas que acontecem e são mantidas no ambiente virtual entre pessoas que não se conhecem fisicamente. Tais relações são definidas por oposição aos relacionamentos pessoais ou presenciais característicos da época moderna, quando as tecnologias digitais sequer existiam. Neste direcionamento, observa-se como impacto social da digitalização que as relações virtuais, estabelecem o padrão que orienta todos os outros relacionamentos. Ainda segundo esta autora, os relacionamentos virtuais são caracterizados como descartáveis, frágeis, superficiais e pouco autênticos comparados com os relacionamentos presenciais. Tal argumento baseia-se no fato de que esse tipo de relação se molda com rapidez, mas podem terminar com uma rapidez ainda maior.

Segundo Semerene (1999), a efemeridade característica das relações virtuais possivelmente está relacionada à possibilidade do anonimato que exime o usuário do compromisso em suas ações, podendo a qualquer momento desligar o computador e mudar de parceiro. Para Chagas (1999), a virtualidade favorece a utilização de estereótipos e imagens consagrados pela mídia, para que as pessoas se descrevam como homens e mulheres idealizados. Assim, continuam buscando aceitação de forma insatisfatória: serem aprovados pelo que não são.

Estudo desenvolvido por Lins (2007), com pessoas que fazem uso da *Internet* para encontrar novos parceiros(as), apontaram como etéreo (não palpável) aquele que está do outro lado da tela, pelo fato desse alguém poder desaparecer a qualquer momento. Nesse

tipo de relacionamento a característica mais marcante e evidente é a ausência do corpo dos participantes no relacionamento, caracterizando-se como uma relação acorporal (Gonçalves, 2002).

Chagas (1999) afirma "... que não viver mais amplamente a liberdade possível nos *chats*, perde-se a oportunidade de uma exploração maior dessa nova função de contato e constata-se que mundo real e mundo virtual estão muito próximos" (p.19). Já Nicolaci-da-Costa (1998), associa os benefícios da *Internet* à edificação de um contínuo entre o mundo real e o virtual. Após enumerar uma série de aspectos positivos dos relacionamentos virtuais a autora afirma que o usuário tem que aprender a construir algum tipo de ponte entre a realidade virtual e a presencial.

Pesquisa realizada por Suziki e Calzo (2004), nos Estados Unidos, na população jovem (idades entre 13 e 18 anos), evidenciou que a *internet* tornou-se um mecanismo facilitador na construção das relações amorosas, e que na sua maioria se comunicam com pessoas que não conhecem pessoalmente, destes um terço afirmaram que gostariam de encontrar pessoalmente.

Alguns autores (McKenna, Green & Gleason, 2002; Subrahmanyam, Greenfield & Tynes, 2004), sugerem que a comunicação a partir da *internet* pode ser vantajosa para indivíduos tímidos, desse modo, o meio virtual oferece a possibilidade de praticar suas habilidades sociais sem correr riscos associados com interações face a face.

Pesquisa desenvolvida por Morais da Rosa (2001), numa sala de bate-papo sexual no servidor do IRC, com o objetivo de conhecer o perfil dos usuários que acessavam o portal. Verificou-se que participaram 25 usuários, dos quais 84% era composto por rapazes, à idade variou dos 19 a 26 anos e na sua totalidade solteiros. Do total da amostra, 92% afirmaram obter prazer através do sexo virtual, sendo que 88% dos entrevistados afirmaram ter ou gostariam de concretizar o contato real com pessoas com as quais já

tinham realizado sexo virtual, 44% confirmaram ser praticantes de sexo virtual, 56% declararam que mudaram a opção sexual (heterossexual para homossexual, ou vice-versa) a partir do momento em que passaram a acessar as salas de sexo virtual, apesar de declararem não ter esta opção sexual na vida real.

Estudos desenvolvidos por McKenna, Green e Gleason (2002) na *New York University* – NYU partiu do levantamento de duas hipóteses: a primeira baseada no que as pessoas podem revelar melhor o seu verdadeiro “eu” para outros na *Internet* do que no contato face a face; a segunda hipótese de que as pessoas mais propensas a ter relacionamentos íntimos *on-line* tendem a trazer os relacionamentos virtuais para sua vida real. Os resultados confirmaram as duas hipóteses, isto é, no ambiente virtual as pessoas tendem a expressar melhor o seu verdadeiro eu do que na esfera real. Quanto a segunda hipótese os resultados revelaram que as pessoas que vivenciam relacionamentos íntimos *on-line* tendem a trazer para a vida real.

Casalegno (1999) registra que as pessoas com experiência de relacionamento na *Internet* estariam expressando um desejo de tornar mais permeável as fronteiras do real e do virtual. A separação entre esses dois mundos, segundo a autora, seria um esforço mais entre especialistas do que entre usuários para situar certos tipos de experiência em uma ou em outra dimensão. Sobre esse aspecto Bettini (2002), afirma que “... a forma de se vincular e de se ter atitudes na *Internet* pode ser um reflexo de como o homem experimenta seu dia-a-dia” (pg. 164). Neste direcionamento, percebe-se que as pessoas ao desejar criar um vínculo no ambiente virtual, almejam uma necessidade de preencher um desejo real.

Autores como Sampaio (2004) e Nicolaci-da-Costa (2006) levantam questões acerca da veracidade quanto ao amor virtual, pois o considera como apenas uma fantasia. Pesquisa desenvolvida por Dela Coleta, Dela Coleta e Guimarães (2008), revela histórias de relacionamentos originados na *Internet* como experiências positivas, pois os sujeitos

afirmaram que estavam no *site* apenas para flertar. Segundo interlocuções de alguns entrevistados, "*a Internet foi o ponto de partida... fomos teclando alguns meses... depois começamos a conversar pelo telefone. Em seguida nos conhecemos pessoalmente, e adeus Internet*". Outros resultados advindos da pesquisa apontam que os sujeitos que faz uso dos *chats* com fins de relacionamentos amorosos virtuais o fazem de maneira similar a um relacionamento amoroso não virtual; ou seja, inicialmente buscam "flertar", conhecendo o companheiro de maneira mais superficial, e posteriormente, se essas pessoas despertarem algo mais, tenta-se conhecê-las melhor e, se possível conhecê-las no âmbito da "realidade". Estes resultados sugerem que não houve muitas mudanças no comportamento de busca do parceiro a partir desta nova forma de relacionamento, pois, apesar de se utilizar o computador para conhecer pessoas, o contato pessoal no mundo real ainda é julgado imprescindível.

Assim, Castells (2003) denominou de era da informação ou era do conhecimento, representada pela mudança de paradigma de se comunicar da sociedade e pela valorização crescente da informação nessa nova configuração da estrutura vigente, à medida que a circulação de informações flui a velocidades e em quantidades até então inimagináveis. É nesse contexto que possibilita a comunicação mais ágil entre os indivíduos independentemente da localização geográfica e em meio a um quadro de mudanças confusas e incontroláveis, manifesta-se uma tendência nas pessoas de se reunirem em grupos sociais visando compartilhar interesses em comum.

Como se observa, o avanço das tecnologias da informação e comunicação (TIC) provocou e tem provocado mudanças apreciáveis em todas as situações. A *Internet* ampliou as possibilidades de troca de informações, dando nova dimensão à ideia de "Aldeia Global" (McLuhan, 1964). Desse modo, as pessoas se conhecem, namoram e casam tudo no contexto da cibernética em um período de tempo cada vez menor.

CAPÍTULO 2. A INFIDELIDADE NO RELACIONAMENTO CIBERESPAÇO

Neste capítulo são abordados conceitos e pesquisas relacionados com a infidelidade em geral, com destaque para a infidelidade virtual. Em seguida serão expostas as consequências penais decorrentes do construto infidelidade.

2.1. DESENVOLVIMENTO SÓCIO HISTÓRICO ACERCA DA INFIDELIDADE

A infidelidade encontra-se presente na humanidade desde os mais remotos tempos. Observa-se por meio dos mitos, da história, da cultura e da religião aspectos que a evidenciam através das diferentes relações humanas. Ela pode acontecer face a um motivo real e/ou irreal, contudo em nenhuma dessas situações justifica seu ato (Durkin & Bryant, 1995).

Nos dias atuais, a infidelidade é tão comum que já não se constitui um rompimento das normas sociais, mais sim uma problemática que persiste entre os casais. A traição masculina foi e tem sido ao longo da história mais bem aceita que a feminina, isso porque se acredita em um mito sobre a natural necessidade de sexo e variedade sexual que os homens possuem, sendo a infidelidade masculina encarada como uma fraqueza lamentável, mas compreensível (Zampiere, 2004).

Encontra-se na literatura específica que nos anos de 1940, Alfred Kinsey, um dos pioneiros no estudo da infidelidade, afirmava que os homens eram mais prováveis do que as mulheres em declarar o envolvimento extraconjugal. Para ele, a infidelidade estava associada a questões físicas, motivado por uma maior variedade e frequência sexual, implicando na ausência de envolvimento afetivo (Barta & Kiene, 2005).

Ao longo da história observa-se que o conceito da infidelidade perpassa por diversos questionamentos que vão desde a ordem moral e/ou cultural (grau de religiosidade, status social principalmente para os homens); fatores biológicos (idade,

sexo); fatores subjetivos (como a personalidade) e os de cunho social e econômico (nível de escolaridade, renda financeira, emprego) (Blow & Hartnett, 2005).

Neste direcionamento, a infidelidade é punida pelas religiões (católica, evangélica, espírita) e pela sociedade em geral embora diferentes pesquisas demonstrem que 50% dos homens e entre 30% a 40% das mulheres a praticam (Barta & Kiene, 2005; Shackelford et al., 2002; Urman, 2009).

Drigotas e Barta (2001) conceituam a infidelidade como sendo “... violação das normas dos parceiros que regulam o nível emocional ou da intimidade física com pessoas fora do relacionamento” (p. 177). Enquanto, Pittman (1994) define a infidelidade como uma quebra de confiança ou como um rompimento.

Segundo Maheu e Subotnik (2001), a conceituação da infidelidade pode ser apresentada nos seguintes termos:

quando duas pessoas têm um compromisso e esse compromisso é rompido – independentemente de onde, quando ou com quem. A infidelidade é o rompimento de uma promessa com uma pessoa real, e a estimulação sexual pode vir do ambiente virtual ou do mundo real (p. 101).

De acordo com o dicionário UNESP do português contemporâneo organizado por Borba (2004), a infidelidade significa: (1) transgressão da fé matrimonial ou do dever de fidelidade entre os cônjuges; (2) falta de exatidão ou nitidez, falha; (3) rompimento da fidelidade, traição, deslealdade; (4) traição amorosa; (5) falta de respeito ou obediência.

Urman (2009) considera que a infidelidade para muitas pessoas é pecado, outros consideram como traição, alguns dizem que é parte da natureza humana e outros acham que ela é uma forma de salvar o casamento. Segundo este autor existe vários tipos de infidelidade, destacando-se entre outras: a) a infidelidade como algo ruim e incorreta; b) infidelidade fatalista; c) infidelidade messiânica; d) infidelidade cínica; e) infidelidade com vingança e f) infidelidade como um direito.

O primeiro tipo, a infidelidade considerada como algo ruim e incorreta é imbuída de valores morais e religiosos. As pessoas veem a infidelidade como algo negativo e reprovável sem perdão “Se me trair mando embora”. Esta argumentação sustenta que a infidelidade não é recomendável, mas é entendível em algumas circunstâncias especiais - quase divinas - onde a pessoa pode tomar algumas licenças por acontecer num momento especial.

O segundo tipo infidelidade fatalista, como o próprio nome indica está associado a uma fatalidade, reflete algo inexorável e irrefreável. Muitas pessoas têm a ideia de considerar a infidelidade como se fosse algo trágico e irreversível. Simplesmente é um fato que acontece e não se pode fazer coisa nenhuma ao respeito. O terceiro tipo infidelidade messiânica, encontra-se associada a um fato bom que aconteceu no relacionamento. Já o quarto diz respeito à infidelidade clínica, a qual justifica-se como sendo uma modalidade que gira em torno do tempo.

O quinto tipo de infidelidade refere-se à vingança, considerada pelo parceiro traído que se tem de pagar na mesma moeda. A sexta e última modalidade da infidelidade é considerada como um direito, este estilo é semelhante ao anterior e é justificado não pela vingança, mas uma espécie de indenização. Frases como “... o que não te dão no lar, procura-se fora” mostram como um direito a um ressarcimento que as pessoas têm por achar que elas não estão recebendo o que merecem.

Aron e Aron (1986) discute outro fator determinante na incidência da prática de infidelidade. Segundo estes autores, as pessoas são motivadas a entrar nas relações, a fim de melhorar a si mesmo e aumentar a sua autoeficácia. Para Goldenberg (2006), enumeram-se três razões para ocorrer à infidelidade conjugal: (1) traição como desejo de novidade para combater o tédio do casamento; (2) traição como autoafirmação

masculina/feminina; e (3) síndrome de Madame Bovary³. Estudo desenvolvido por Cavalcanti (2007) evidenciou uma nova categoria para se cometer um ato de infidelidade, para a autora além das categorias já existentes – afetivas e sexuais – em suas pesquisas surge uma nova a qual denominou de “razões morais”. Tal categoria relaciona os princípios e valores da sociedade, como exemplo: falta de respeito, de crença, de vergonha, influência dos amigos, que são fundamentados em regras de honestidade e pudor.

Almeida (2007) afirma que qualquer que seja o tipo de infidelidade ela, frequentemente, resulta em raiva, rebaixamento na autoestima, desagradáveis surpresas, desapontamentos, dúvidas a respeito de si mesmo, do outro, do relacionamento e depressão. Desta forma, a infidelidade ocasiona um enfraquecimento ou até mesmo rompimento dos laços de confiança e amor.

Pesquisas realizadas nos Estados Unidos demonstraram, que nas relações heterossexuais, entre 20% e 40% dos homens e 20% a 25% das mulheres irão ter um caso extraconjugal ao longo da sua vida (Laumann et al., 1994; Tafoya & Spitzberg, 2007). Outro estudo desenvolvido por Feldman e Cauffman (2000) no contexto estadunidense, em uma amostra de adolescentes com relacionamento (namoro), os resultados apontaram um alto índice de desaprovação da infidelidade, porém, um terço deles relataram o envolvimento com a prática da infidelidade.

Ainda no contexto internacional, um estudo desenvolvido em 24 países por Widmer et al. (1998), em relação à infidelidade. Observou-se uma desaprovação generalizada de relações sexuais extraconjugais, não obstante, participantes de alguns

³ O romance de Flaubert – Madame Bovary – é um clássico que aborda o adultério feminino. Relata uma mulher – Emma – que idealiza seu casamento e, não realizando o amor romântico com o marido – Charles – ela passa a buscá-lo em outras relações. Porém, sua idealização do amor não permite a real vivência do mesmo. O fim das expectativas românticas gera, assim, conflitos e tensões no relacionamento. Dentre elas, a infidelidade.

países, nomeadamente a Rússia, Bulgária e República Checa, foram mais tolerantes com a infidelidade.

Pesquisa desenvolvida por Maykovich (1976) demonstraram que as mulheres japonesas foram mais propensas a se envolver em infidelidade sexual, porém discordam dessa prática, enquanto que as mulheres americanas eram mais inclinadas a aprová-la sem se envolver nela.

Alguns estudiosos (Orzeck & Lung, 2005; Wiederman & Hurd, 1999; Yeniceri & Kokdemir, 2006), pesquisaram a relação entre a infidelidade e os cinco fatores de personalidade – *Big Five* (*extroversão, neuroticismo, socialização, realização e abertura à experiência*). Os resultados indicaram que os indivíduos que se dedicam a prática da infidelidade apresentam uma pontuação maior nos fatores: *abertura a experiência e extroversão*, como também são mais susceptíveis ao tédio (Hendrick & Hendrick, 1987). Outros estudos indicam que a Infidelidade sexual está associada com baixa realização (Costa & McCrae, 1992; Graziano & Eisenberg, 1997), com consciência baixa, e com maior neuroticismo, ou falta de ajuste psicológico positivo (Whisman & Snyder, 2007).

Estudos desenvolvidos por Abdo (2004), com a finalidade de conhecer o índice de traição em 13 estados brasileiros. Participaram desse estudo 7.103, sendo a maioria do sexo masculino (54,6%). Os resultados indicaram que os homens pontuaram mais que as mulheres nos estados de Pernambuco (49,2% dos homens; 26,5% das mulheres) e Rio Grande do Norte (51,8% dos homens; 30,2% das mulheres), indicando já ter traído pelo menos uma vez seu parceiro.

Como se pode observar a infidelidade possui um caráter complexo, plural, porém o mais importante são as reações que acometem a todos que passam por essa experiência. A exemplo, de emoções e reações como surpresa, desapontamento, dúvidas sobre si,

rebaixamento da autoestima, angústia, culpa, raiva, vingança, negação, e, em casos mais extremados, suicídios e crimes passionais (Becker et al., 2004).

2.2. CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DA INFIDELIDADE

Estudo desenvolvido por Magalhães (2009), acerca da infidelidade conjugal, tem relatado razões para se cometer a infidelidade a exemplo: (1) imaturidade emocional; (2) falta de comunicação; (3) necessidades insatisfeitas; (4) abandono ou a distância sexual. A imaturidade emocional no que tange a infidelidade diz respeito à conduta de uma pessoa adulta que continua a vivenciar comportamentos típicos do período da adolescência. Estudo desenvolvido por Goldenberg (2006) salienta que existem razões diferenciadas entre homens e mulheres para praticar a infidelidade. Para os homens a justificativa se dá pela própria natureza humana, enquanto as mulheres atribuem a culpa ao próprio parceiro, devido os mesmos estarem ausentes no relacionamento.

Segundo Petersen (1985), quando esses comportamentos acontecem no período de adolescência, eles têm grande chance de se dissolverem. No entanto, podem apresentar um caráter disfuncional e serem estendidos para a vida adulta. Nesse contexto, Petersen (1985) e Zampieri (2004) apresentam duas situações que podem levar a infidelidade associada à imaturidade emocional: o ato de auto-afirmação e a competitividade. Para eles, existem momentos da vida, no qual as pessoas se sentem inseguros e pouco confiantes. Esse fato pode estar relacionado com a sexualidade. Dessa forma, muitos homens põem a prova sua virilidade por meio das conquistas que conseguem obter, isto é, checar sua capacidade de seduzir mulheres. Essa prova de masculinidade também pode acontecer num processo competitivo com outros homens.

A segunda causa diz respeito à falta de comunicação que em qualquer tipo de relacionamento pode provocar problemas. Se um dos parceiros apresenta uma queixa que

precisa ser compartilhada com o outro é importante que eles conversem e tentem, juntos, buscar uma maneira para solucionar aquela questão. Um dos exemplos dessa modalidade diz respeito aos problemas relacionados com o sexo, mulheres que dão mais atenção ao trabalho ou aos filhos, deixando de lado sua relação marital.

A terceira causa refere-se às necessidades insatisfeitas do parceiro, desse modo, remete que nenhuma relação se satisfaça em todos os sentidos. Assim, é essencial para o sucesso de uma vida a dois, entender que o outro pode nos adicionar, mas não nos completar.

A quarta causa refere-se ao abandono ou a distância sexual por parte da mulher, senão a mais marcante, certamente é a causa mais comentada entre os homens, pois o sexo é indiscutivelmente muito importante numa relação conjugal. Sua falta pode facilitar com que o homem e/ou a mulher procure outros parceiros para satisfazer seus desejos.

Não menos importante que o sexo, a atenção, admiração, aceitação e afeto são características básicas para manutenção de uma relação amorosa saudável e satisfatória. Não se pode esquecer que a infidelidade conjugal pode ser um fator determinante para separação dos casais. Prado (2009) defende que “... a infidelidade é o principal elemento separador das famílias, a experiência mais temida e devastadora de um casamento” (p.14).

Outra causa associada à infidelidade se refere às razões naturais. Para Parisotto et al. (2003), as mulheres em período fértil são biologicamente mais suscetíveis à infidelidade quando comparadas a elas mesmas em período não-ovulatório. Do ponto de vista do desenvolvimento psicosssexual, a infidelidade não seria esperada, visto que na cultura ocidental, a traição é considerada como parte de conflitos intrapsíquicos não elaborados.

Cavalcanti (2007) enumera cinco razões para ocorrer o ato de infidelidade, são elas: (1) vingança – se eu fui traído(a), também posso trair; (2) agressão física e verbal – maneira de punição do parceiro(a); (3) separação – com a finalidade de encerrar o

relacionamento; (4) indiferença – distanciamento, fingir que nada acontece; (5) sofrimento psicológico – tristeza, solidão, depressão, mágoa, sentir-se inferior.

Verifica-se que para Magalhães (2009), as razões da prática da infidelidade encontram-se atrelado às esferas de cunho emocional, cognitiva e fisiológica. Enquanto, Cavalcanti (2007), associa às esferas de cunho comportamental e psicológico.

Pesquisas demonstram que existem diferenças de sexo na infidelidade em questão (Cavalcanti, 2007; Feldman, 2005; Magalhães, 2009). Sheppard (1989) têm argumentado que as mulheres, muito mais do que homens, tendem a ver o compromisso e a monogamia como uma opção atraente. Além disso, parece que há razões diferentes para homens e mulheres que os levam a prática de relações extraconjugais. Enquanto os homens preferem as relações sexuais, as mulheres tendem a procurar amizade ou relacionamento afetivo (Hansen, 1987; Sheppard, 1989; Townsend & Levy, 1990).

Segundo Feldman (2005), a infidelidade pode ocasionar uma série de emoções e reações, tais como:

- Alívio: especialmente para as mulheres que buscam saber a verdade;
- Choque: quando a desconfiança se torna certeza;
- Negação: por incapacidade de suportar a traição;
- Raiva: que pode ser dirigida ao cônjuge, ao outro, a Deus, ou a si mesmo, etc.;
- Mágoa e ressentimento: que podem durar uma vida inteira;
- Tristeza e depressão: muitas vezes escondida por outras sensações;
- Culpa: que pode ser projetiva ou retrofletida;
- Dor: certamente o sentimento mais inevitável nessa situação;

Muitas vezes, a conclusão é a mesma para quem traiu e para quem foi traído, já que “... as consequências da infidelidade são tão destrutivas que inviabilizam a

continuidade da relação” (Feldman, 2005, p. 194). Para Afifi, Falato e Weiner (2001), a revelação da infidelidade é benéfica, uma vez que, dá ai transgressor a oportunidade de se desculpar, explicar e empregar estratégias de reparação.

Atualmente, com a evolução tecnológica, a infidelidade ganhou um novo espaço, denominado de infidelidade no ambiente virtual. Assim, os relacionamentos não estão mais restritos aos espaços de convivência “face-a-face”.

2.3. INFIDELIDADE NO AMBIENTE VIRTUAL: UM PROBLEMA ATUAL

Conforme já mencionado no capítulo anterior foi a partir do final do século XX, com o advento da *Internet*, que emergiu um novo espaço de relacionamento, denominado de ciberespaço. A partir de então, os usuários de *Internet* perceberam que os relacionamentos não estavam mais restritos aos espaços do mundo “real”. E que por meio deste novo espaço podiam estabelecer diversos tipos de relacionamentos *on-line* (Ramalho, 2005). Portanto, constituíram-se novos espaços de convivência, frequentados mais ou menos regularmente, nos quais as pessoas desenvolvem relações de amizade, e até mesmo relações afetiva-amorosa (Silva et al., 2005).

A *Internet* segundo Delmonico e Griffin (2011), é uma representação microcós mica do mundo real, tanto sexualmente quanto não. Para estes autores quase tudo que encontramos em termos sexuais no mundo real se traduz de alguma maneira para o mundo virtual. Pesquisa realizada pelo Family Safe Media (2010) estima que um em cada três visitantes de pornografia adulta é mulher, e quase 60% dos que usa o termo sexo adulto nos sites de busca são do sexo feminino.

Estudos realizados nos últimos dez anos confirmam que muitos relacionamentos reais se desenvolveram a partir dos serviços de *Internet*, como as salas de bate-papo, grupos de discussão, e sites específicos de relacionamento amoroso sexual (Mckenna,

Green & Gleason, 2002; Whitty & Gavin, 2001; Whitty, 2008). Ainda de acordo com esses estudos, não só se criam relacionamentos virtuais, mas esses evoluem com maior rapidez e intimidade do que os relacionamentos da vida real. Assim, tais relacionamentos são expressos como *hiperpessoais* (Walther, 2007).

Ainda segundo Walther (2007), os usuários podem tirar vantagens do fato de que a comunicação mediada por computador (CMC) ser editável, o que permite fazer alterações da mensagem antes de enviá-la, condição que não se tem na comunicação presencial.

Nesse contexto, as vantagens da CMC é a possibilidade de construir novos laços de relacionamento íntimo *on-line* em um menor período de tempo. Todavia, é preciso estar atento ao lado núbioso de se relacionar nesse novo ambiente, devido ao perigo desses relacionamentos poderem parecer mais atraentes e fascinantes, o que podem levar à idealização (Whitty & Carr, 2006). Essa idealização pode induzir a relacionamentos inadequados, o que significa dizer que alguns indivíduos podem fazer uso de estratégias em suas auto-apresentações, se colocando mais atraentes do que são (Young & Abreu 2011).

Face a essas premissas pode-se induzir que o uso da estratégia de autoapresentação ideal, pode favorecer a prática da infidelidade virtual. De fato, a *Internet* proporciona o ambiente no qual é mais fácil construir uma imagem positiva de si evitando apresentar aspectos negativos. Contudo, na CMC, a perda da confiança entre os parceiros não pode ser atrelada a atos sexuais presenciais, considerando que a infidelidade virtual perpassa os limites do ato sexual.

Shaw (1997) define a infidelidade virtual como “... diferente em termos comportamentais de outros tipos de infidelidade, porém, os fatores contribuidores e os

resultados são semelhantes quando considerados como ela afeta os relacionamentos dos parceiros” (p.29).

Segundo Young, Griffin-Shelley, Cooper, O’Mara e Buchanan (2000), a infidelidade virtual é “... um relacionamento romântico e/ou sexual iniciado via contato virtual e mantido, predominantemente, por meio de conversas eletrônicas que acontecem via e-mail e em comunidades virtuais como salas de bate-papo, jogos interativos ou newsgroups” (p. 60). Neste sentido, os autores argumentam que os fatores que contribuem encontram-se associados às ferramentas interativas que facilitam e proporcionam ambiente virtual mais aliciante.

Segundo Aviram e Amichai (2005), a infidelidade *on-line* é realizada quando os usuários mesmo tendo um relacionamento estável na vida real buscam experiência *on-line*. Para Daneback, Mansson e Ross (2007), também podem ser considerados praticantes da infidelidade *on-line*, aqueles que têm uma relação de compromisso, como um relacionamento marital ou namoro no mundo real. Desse modo, percebe-se que existe infidelidade virtual quando ocorre quebra das normas no relacionamento por um ato inadequado, podendo ser um ato emocional e/ou sexual, com pelo menos uma pessoa que não o próprio parceiro.

Na infidelidade da vida real, existem dois tipos de comportamentos considerados como sendo indicadores de infidelidade virtual: os sexuais e emocionais (Whitty, 2010). Um dos atos sexuais é o cibersexo ou sexo virtual, quando envolve “... dois internautas empenhados em uma conversa particular sobre fantasias sexuais. O diálogo costuma ser acompanhado por autoestimulação sexual” (Young et al., 2000, p. 60).

Ainda segundo Whitty (2003), o cibersexo é “... obter gratificação sexual durante a interação com outra pessoal virtual” (p. 573). Outros estudos revelam que esse tipo de

contato é considerado um ato de infidelidade (Mileham, 2007; Parker & Wampler, 2003; Whitty, 2005).

Ainda de acordo com o autor supracitado, outra modalidade de infidelidade refere-se ao tipo bate-papo sexualizado. Esta modalidade caracteriza-se como uma espécie de conversa erótica que vai além do flerte inconsequente. Embora tenham dados consistentes de que o cibersexo, e a conversa sexualizada, constituem infidelidade, é importante questionar as razões que levam a sua prática (Whitty, 2003, 2005). Para esta autora uma das razões encontra-se atrelada ao desejo de experimentar algo novo. Nesse sentido, o espaço cibernético favorece a prática da infidelidade.

O segundo tipo de infidelidade virtual, é a emocional, este pode ser tão perturbador quanto à do tipo sexual. Ele encontra-se relacionado ao fato de que um dos parceiros possa vir a se apaixonar por outra pessoa. Também pode ser compreendido como uma proximidade emocional inadequada com alguém, como compartilhar segredos íntimos. Por fim, considera-se tão prejudicial independentemente de ocorrer no ambiente virtual ou real (Whitty, 2003).

A infidelidade virtual possui uma conduta bastante peculiar. A princípio inicia-se com um contato breve em salas de bate-papo virtual, chamadas de *chats*; no decorrer de um período de tempo, os contatos passam a ser mais constantes e periódicos, e ambos os interlocutores acabam cedendo maiores intimidades um para o outro, transformando-se em relacionamento sério e duradouro, comprometendo o casamento ou a união estável de um dos relacionados (Almeida, 2007).

Maheu e Subotnik (2001) estimaram que 20% dos internautas usavam o ambiente virtual para algum fim sexual, sendo que a maior parte era de indivíduos casados ou comprometidos. Pesquisa realizada pela revista Istoé (2012), demonstrou que as mulheres se contentam em trair apenas no ambiente *on-line*. Já os homens desejam levar a relação

virtual para o encontro tradicional. Nesta mesma matéria, descreve um estudo realizado na Universidade de Nebraska, nos Estados Unidos, com 5.817 usuários de *Internet*. Conforme os participantes, os sites de relacionamentos serviam como ponto de encontro para pessoas ocupadas acharem o que pretendiam de forma fácil. No Brasil, existem 740 mil brasileiros cadastrados em sites de relacionamentos (Costa & Costa, 2012).

Pesquisas destacam que a pornografia não é considerada como um ato de infidelidade. Embora os parceiros não apreciem ao saber que o cônjuge se excita ao ver pornografia pela *Internet* ou fora dela, isso pode ser explicado em virtude da passividade do ato, onde a pessoa está simplesmente olhando ao invés de interagir com ela (Parker & Wampler, 2003; Whitty, 2003).

A infidelidade virtual representa afronta aos deveres de fidelidade, lealdade, respeito mútuo e insulta a dignidade da pessoa humana, há a possibilidade do cônjuge ou companheiro traído ingressar em juízo pleiteando indenização por danos morais (Urman, 2009). Para Whitty (2003), a infidelidade virtual é considerada um ato de traição que prejudica as relações da vida real. É um acontecimento potencialmente traumático na relação da vida a dois. Além de que a infidelidade virtual pode danificar seriamente a confiança no relacionamento amoroso (Maheu & Subotnik, 2001), levando a discórdia, separação, e até mesmo, ao divórcio (Young et al., 2000). Em geral, argumenta-se que os fatores que levam a infidelidade virtual são semelhantes aos da infidelidade *offline* (Shaw, 1997).

Com a finalidade de demonstrar a repercussão jurídica da infidelidade virtual, relacionado-a com o casamento e a união estável, apresentando suas características, seus deveres de cônjuges e companheiros diante da união, bem como, nas formas de dissolução destas entidades familiares.

2.4. ASPECTOS PENAIIS E CIVIS ACERCA DA INFIDELIDADE VIRTUAL

A infidelidade virtual é um relacionamento erótico-afetivo vivenciado no espaço cibernético. Segundo Guimarães (2004), quando um indivíduo mantém uma união estável, e simultaneamente, um relacionamento erótico-afetivo virtual está cometendo infidelidade virtual. Este tipo de prática do ponto de vista legal, não se caracteriza como adultério, pois não chega à concretização do ato sexual. Por outro lado, do ponto de vista liberal, existe a possibilidade de associar a prática da infidelidade virtual ao adultério, quando este ato *on-line* envolve duas pessoas, sendo pelo menos uma delas com união estável (Coleta, Coleta, & Guimarães, 2008).

Já sob o ponto de vista conservador não há como tipificar o adultério virtual por não haver nenhuma prática de ato sexual e, também, não seria possível caracterizá-lo nem mesmo utilizando o genital *drive*, pois haveria de considerar a utilização desse *hardware* como um coito vaginal, por força de uma analogia extensiva do significado da palavra adultério, o que não seria permitido (Guimarães, 2004).

Desse modo, o cônjuge que sentir que a prática da infidelidade virtual por parte do parceiro vem infringindo a fidelidade conjugal, ofendendo a organização da família, deve buscar os meios jurídicos dentro dos prazos legais, com a finalidade de interpor uma ação de danos morais, pois o cônjuge ofendido é sujeito passivo do ato da infidelidade (Brasil, 2000).

Segundo Brasil (2000), o extinto crime de adultério se consumaria com a prática inequívoca do ato sexual. Portanto, para a autora o termo mais apropriado a utilizar seria a traição, considerado segundo a Lei 11.106/05 como sendo: deslealdade, infidelidade no amor. Ainda segundo esta Lei, não mais considera o adultério como fato criminoso, esta conduta passa a ser considerada como uma ação de reparação de danos morais. Desse

modo, verifica-se que o adultério não é mais considerado como algo ofensivo, porém, tal atitude permeia a esfera da moralidade, abandonando assim a objetividade do direito penal.

Há de considerar, contudo, que esses atos libidinosos atentatórios contra a ordem matrimonial, se não configuram o crime de adultério, constituem a violação do dever de fidelidade, causa motivadora do pedido de separação litigiosa.

Se no âmbito penal não é possível falar-se em adultério, na esfera civil é possível considerar-se a infidelidade virtual. Pelo matrimônio, os cônjuges contraem diversos deveres, indicado no artigo 231 do Código Civil (2002). Dentre eles, o dever de fidelidade, podendo ser conceituado como “... a lealdade, sob o aspecto físico e moral, de um dos cônjuges para com o outro, quanto à manutenção de relações que visem satisfazer o instinto sexual dentro da sociedade conjugal.” A violação desse dever representa a mais grave das infrações dos deveres conjugais. Dentro dos padrões convencionais da sociedade moderna, estruturada à base do casamento monogâmico, o adultério constitui agravo ao consorte e grave ameaça à vida conjugal.

A infidelidade física implica não só infrações de caráter penal, mas também de ordem civil. Quanto à infidelidade moral, observa não haver sanção eficiente, podendo, todavia a deslealdade de um cônjuge em relação ao outro constituir, conforme o caso, infração grave, que também autoriza a separação litigiosa (Peluso, 1998). Na mesma linha, Santos (1999) esclarece que o dever de fidelidade comporta dois aspectos: um material e outro imaterial, de forma que seu descumprimento se dá não só pela prática sexual fora do casamento, mas também com outros atos que, embora não cheguem à cópula carnal, demonstram o propósito de satisfação do instinto sexual fora da sociedade conjugal - quase-adultério.

No que tange a configuração de traição na *Internet*, observam-se duas correntes de pensamento acerca do assunto. Alguns doutrinadores condicionam a ocorrência da traição

à existência da conjunção carnal. Outros o admitem com a prática de qualquer ato sexual inequívoco (Brasil, 2000). A primeira corrente, mais rigorosa ao ater-se à obrigatoriedade da cópula, chegar-se-ia à conclusão da impossibilidade de realização do ilícito, visto que não existe qualquer contato físico, dada a distância que separa os dois “parceiros sexo-virtual”, podendo inclusive estarem em países diferentes. Mesmo considerando-se a tese pautada na prática dos atos libidinosos diversos da conjunção carnal, faltaria ainda um elemento primordial, ou seja, o co-réu, haja vista que não se comete o crime de adultério sozinho; trata-se de ilícito que exige o concurso necessário, ou ainda, de crime bilateral ou de encontro. No caso de utilização de uma câmera digital, ainda que haja a identificação visual dessa pessoa, fica difícil saber quem é, onde mora.

Entretanto, ao adotar-se a tese da segunda corrente, mais flexível, que considera os atos inequívocos que levem ao prazer para a materialização do crime, poder-se-ia cogitar a traição virtual, pois são vários os meios na grande rede que possibilitam a realização do fim sexual, tais quais: salas de bate-papo, *e-mails*, além da possibilidade de se incrementar a “troca sexual” por meio de câmeras digitais, que possibilitariam inclusive a identificação do parceiro.

Segundo Matos (2001), o sexo virtual pode ser classificado como uma infração ao dever de fidelidade. Cita ainda que já houve casos em que se pleiteou a separação judicial baseando-se na troca de *e-mails*. Entretanto, é imprescindível que haja crime contra a honra, ou seja, “toda ofensa à honra, à respeitabilidade, à dignidade do cônjuge, quer consista em atos, quer em palavras” ainda de acordo com a autora, as mensagens eletrônicas podem até mesmo integrar um conjunto probatório em que estejam presentes uma série de indícios no sentido de que a traição virtual tenha ocorrido.

A questão é determinar até que ponto as práticas “sexo-virtual” podem ser consideradas injuriosas e desonrosas para o cônjuge ofendido, consubstanciando-se no

descumprimento do dever de fidelidade. Apesar de parecer óbvio que a infidelidade virtual possa causar todo tipo de problema para a pessoa ou para o relacionamento, sendo eles imediatos ou não, a mesma, continua a surpreender a muitos, inclusive pela maneira como as pessoas se envolvem nela.

Em síntese, os avanços das tecnologias de comunicação e informação torna a *Internet* bem mais interativa, proporcionando uma maior abertura aos novos relacionamentos afetivos-amorosos. Contudo, faz-se necessário ampliar os estudos acerca da infidelidade virtual. No próximo capítulo abordar-se-á o enfoque da teoria do amor triangular e o construto ciúme romântico que auxiliarão na compreensão do objeto de estudo desta tese.

Neste capítulo aborda-se a evolução histórica do amor, definições, medidas de avaliação e seus correlatos. Não se pretende esgotar a temática, mas oferecer ao leitor uma compreensão geral acerca do construto amor, indicando as diferentes abordagens e formas de avaliá-lo.

3.1. EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO AMOR

Descrever sobre o amor não é tarefa simples apesar de ser um sentimento universal e existir desde o início da civilização humana. Ao longo da história tem-se observado que o amor tem estado presente na mitologia, nos filmes, nas músicas e na vida cotidiana das pessoas. Poemas escritos há mais de 3 mil anos, no Egito, são considerados provas dos primeiros registros sobre o amor que se tem notícia na história da humanidade (Hama, 2006).

A literatura específica tem mostrado que desde o século V, o amor não fazia parte da escolha de parceiros. Nesta época, tratava-se exclusivamente de um negócio de família, com finalidade de alianças políticas e acúmulo de riquezas. Com o tempo, sob a influência de diversos fatores histórico-culturais, a exemplo do Iluminismo e o Renascimento que afloraram na Europa, o poder de decisão foi sendo transferido para os próprios cônjuges (Huberman, 1986). Neste sentido, o amor como motivo explícito para a escolha de um parceiro e definição de uma vida conjugal ocorre somente por volta do século XVIII, época em que o amor não se torna algo simplesmente possível, mas um fim idealizado, sendo referido como “amor romântico” (Araujo, 2002).

Foi a partir da época do “amor romântico” que os parceiros passam a questionar, ao menos com maior frequência, seus próprios sentimentos e a qualidade de seus vínculos, fazendo indagações diversas, tais como: “como eu me sinto em relação ao outro? Como o outro se sente a meu respeito? Será que nossos sentimentos são profundos o bastante para

suportar um envolvimento prolongado?” (Giddens, 1993, p. 56). Para o autor, o cenário social e cultural da época, reforçado pela influência marcante da Igreja na preconização da indissolubilidade do casamento, impedia que tais questionamentos conduzissem a rompimentos.

A partir das últimas três décadas do século XX, o estudo do tema vem se convertendo em uma área de intensa demanda e inquietude no âmbito da Psicologia Social (Alferes, 2002; Sanchez-Aragón, 2008). Transformações acentuadas nas sociedades urbanas e consumistas alteraram a forma tradicional do casamento, no qual todas as decisões ficavam sob a tutela do homem. A partir de então, o surgimento da pílula anticoncepcional, a inserção da mulher no mercado de trabalho, foram determinantes para a mudança de paradigma no âmbito do relacionamento amoroso. Nesse novo modelo, o prazer sexual tornou-se um critério adicional no processo de escolha do parceiro (Del Priore, 2006).

Aliado a estes acontecimentos, a evolução científico-tecnológico influenciou vertiginosamente no processo de escolha do parceiro, refletindo assim alterações nas culturas e sociedades e, conseqüentemente, nas relações conjugais (Garcia & Tassara, 2003; Gomes & Paiva, 2003). Dessa forma, observa-se que a tecnologia vem influenciar o dia-a-dia das pessoas, transformando as relações sociais que no passado eram praticadas face a face passando a ser desenvolvido em um ambiente virtual.

Pesquisas recentes (Hertlein & Piercy, 2006; Millner, 2008) evidenciam que as tecnologias têm vindo a contribuir para um afastamento no relacionamento homem-mulher, pois começa a haver um distanciamento entre os casais, limitação do companheirismo, da afetividade e da comunicação, ocasionando um enfraquecimento de atributos importantes na relação conjugal que, por sua vez, pode levar a insatisfações e a comportamentos de traição.

Silva et al. (2005) argumentam que as pessoas dos países coletivistas e menos desenvolvidos economicamente, tendem a ser mais indecisas em relação ao sentimento amor para escolha do cônjuge. Já em países ocidentais, em desenvolvimento ou desenvolvidos, os indivíduos apresentam melhores condições econômicas e portanto, o amor é um dos principais requisitos para o casamento.

3.2. CONCEITOS DO AMOR

O amor tem sido objeto de interesse por ser um elemento essencial nas relações interpessoais, abarcando aspectos como relacionamentos românticos e sexualidade, fazendo com que os cientistas tenham procurado entender sua estrutura e dinâmica (Alferes, 2002; Engel, Olson, & Patrick, 2002). É considerado uma emoção complexa, e, de acordo com Rubin (1970) é um dos mais intensos e significativos sentimentos que uma pessoa pode vivenciar em algum momento do seu ciclo de vida. Para Gao (2001), o amor representa os relacionamentos românticos dentro de uma sociedade e cultura, podendo variar de um relacionamento para o outro e de uma cultura a outra.

O amor é influenciado tanto pelo nosso comportamento humano quanto social, tornando-se um elemento essencial e central para a vida das pessoas (Ovejero, 1998; Sangrador, 1993; Yela, 2006). O amor (ou falta dele) acarreta certos benefícios (ou custos) pessoais e estar relacionada à felicidade, saúde física e psicológica, e satisfação geral (Chiappo, 2002; King, 2004; Sarason, 1999; Yela, 2006).

Segundo Kim e Hatfield (2004), o amor revela-se como um importante preditor da felicidade, satisfação e manutenção do casamento. Para os homens o amor envolve mais paixão, já para as mulheres ver-se, sobretudo como companheirismo. Bauman (2004) analisa como o amor se configura na sociedade pós-moderna, mostrando que as relações

estabelecidas são francas e leves. Os indivíduos ao mesmo tempo em que dizem querer um relacionamento duradouro, querem acima de tudo preservar sua liberdade.

De acordo com a teoria evolucionária, o amor é definido como experiências emocionais vivenciadas durante o processo da evolução do homem e contribui para reprodução da espécie (Cavalcanti, 2007). Scott Peck (1997) defende que o amor é uma combinação do interesse pelo crescimento espiritual do outro e também narcisismo.

Segundo Giddens (1993), as pessoas e, sobretudo os adolescentes, vivem a tensão gerada por modelos de amor e relacionamentos antigos, e modelos gerados pelas forças psicossociais da atualidade, não se tratando apenas de escolher entre duas alternativas, mas sim ter de assimilar, no plano afetivo, aquilo que se expressa em todos os âmbitos da sociedade contemporânea.

Para compreender as diferentes questões em torno do amor, Bystronski (1995) realizou uma compilação dos principais modelos acerca do amor, nomeadamente: (1) modelo dos amores passionais, pragmático e altruísta; (2) modelo do comprometimento; (3) modelo das cores do amor; e (4) o modelo da teoria triangular.

O modelo referente ao amor passional constitui-se do aspecto “precisar” do sentimento amor, nele incluem necessidades de afiliação, sentimentos de exclusividade, absorção, ao lado de atração física, excitação sexual, paixão e idealização do parceiro. Seu surgimento é súbito, mas sua duração é breve.

O amor pragmático apresenta na sua essência dois componentes “confiança” e “tolerância” que são utilizadas como estratégia para obter e preservar o relacionamento, ocorrendo com frequência em indivíduos maduros. Diferentemente do amor passional, o pragmático se desenvolve de maneira mais lenta, porém é mais tranquilo e estável. Enquanto o amor altruísta utiliza como elemento primordial o “cuidado” do outro, este

modelo faz uso dos preceitos altruístas, na qual se faz todo o possível pela sua felicidade que pode encontrar sentido e satisfação em sua própria vida.

O modelo comprometimento é um fenômeno difícil de definir, no entanto existe um consenso na comunidade científica em afirmar que esse sentimento favorece a construção e manutenção nos relacionamentos fixos, mesmo quando os fatores que favorecem sua adesão sejam fracos (Adams & Jones, 1997; Bystronski, 1995).

Ainda sob o prisma de Bystronski (1995), é a partir de uma análise causal que se identifica os principais comportamentos bem como suas mudanças nos padrões do compromisso com o relacionamento. Desse modo, descreve que deve ser considerado três grupos, nomeadamente: a) causas pessoais cujas características estejam relacionadas com traços de personalidade, atitudes e habilidades; b) causas relacionais quando há um compromisso entre duas pessoas; e c) causas ambientais referentes ao ambiente físico (por exemplo, o lugar onde vivem) e/ou social como as normas e os valores no qual a relação está inserida.

Adams e Jones (1997) ressaltam que mesmo havendo compromisso, a satisfação com a união não é garantida, por exemplo, nos casos em que o casamento é dissolvido, e um dos cônjuges esforça-se para mantê-lo a todo custo. Esse comportamento encontra-se atrelado principalmente nos modelos de compromisso que envolve o senso de obrigação moral ou a crença do casamento como uma instituição sagrada.

O modelo referente às cores do amor é apontado como sendo a teoria mais conhecida no mundo, esta taxonomia do amor baseia-se na pressuposição de que tal sentimento é um fenômeno plural. De acordo com Lee (1973), o amor passou a ser estabelecido de modo classificatório por meio de uma analogia às cores. Portanto, assim como a preferência pelas cores, o estilo de amor de uma pessoa pode variar durante a vida e de uma relação para outra.

Lee (1973, 1988) fez uso das línguas do grego e latim para formular sua classificação dos estilos de amor, além de utilizar uma tipologia que aponta seis tipos principais de amor, divididos em dois grupos: primários e secundários.

O primeiro tipo referente ao grupo primário é dividido em três subcategorias, a saber: (1) eros que se refere aos amantes eróticos, onde o amor inicia-se de forma dominadora, pois o parceiro ideal é uma raridade; (2) storge relacionado ao estilo de amor no qual a pessoa se acostuma com o parceiro ao invés de apaixonar-se por ele, por esta razão, a relação romântica pode iniciar a partir de um relacionamento de amizade; e (3) ludus se reporta aquele amante lúdico que aguarda o amor prazeroso e não comprometedor. Já o grupo secundário foi dividido igualmente em três subcategorias: (1) mania indica que o amor é altamente volátil, permeado por uma baixa auto-estima; (2) pragma compreendido como um tipo de amor realista e prático, sendo suas ações orientadas pela razão mais do que a emoção; e (3) ágape percebido como um tipo não egoísta de amor, assumindo um papel altruísta, caracterizado como o amor materno.

Lee (op cit) argumenta que a combinação dos dois tipos de amores anteriormente descritos (primários e secundários) pode resultar em vários estilos. Esses estilos diversificam de acordo com o tempo, com as experiências individuais e com a personalidade da pessoa e de seu(sua) parceiro(a) (Hernandez, 1999; Hernandez & Oliveira, 2003; White, Hendrick, & Hendrick, 2004).

Ainda na linha das análises sistemáticas do amor, encontra-se o modelo da teoria triangular do amor. Considerada como a mais atual e utilizada em pesquisas no âmbito da Psicologia, fornece também uma classificação do amor (Bystronski, 1995; Hernandez & Oliveira, 2003).

O modelo da teoria triangular, do amor proposta por Sternberg (1988), possui como objetivo classificar o amor em três componentes principais: intimidade,

compromisso e paixão, assumindo a forma geométrica de um triângulo. Seu estudo acerca do constructo amor transformou-se em fonte de referência teórica e empírica nos estudos que se propunham investigar o amor de maneira classificatória, bem como suas consequências a exemplo da infidelidade conjugal (Alferes, 2002; Engel, Olson, & Patrick, 2002; Serrano & Carreño, 1993).

De acordo com esta perspectiva, a utilização de um triângulo é uma metáfora mais do que simplesmente um modelo geométrico. No contexto desta teoria, cada elemento manifesta aspectos diferentes do amor (Gao, 2001; Sternberg, 1988, 1997), como ilustrado na Figura 1.

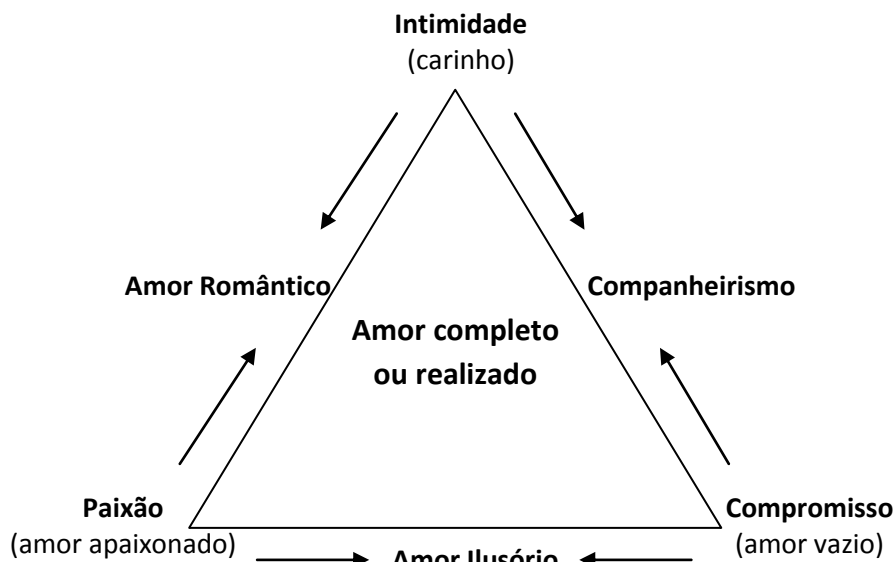


Figura 1. Componentes básicos do amor e suas combinações, segundo a Teoria Triangular do Amor de Sternberg (1997).

O componente intimidade situada no topo do vértice se refere a um dos elementos dinâmicos do amor mais valioso, devido o mesmo representar àqueles sentimentos que provocam proximidade, vínculo e conexão nos relacionamentos amorosos. Em seu campo de ação iniciam sentimentos que enaltecem, essencialmente, a experiência de aconchego na relação, à felicidade e a comunicação (Gao, 2001; Hernandez, 1999; Hernandez &

Oliveira, 2003). Segundo Sternberg (1997), para que haja intimidade faz-se necessário a presença de alguns elementos, como: (a) o desejo de promover o bem-estar de outra pessoa; (b) a felicidade de poder compartilhar experiências de vida; (c) o discernimento de respeito mútuo; (d) a compreensão mútua de se manter presente nos momentos difíceis da vida do parceiro; (e) a concepção íntima de compartilhar a vida, assim como bens materiais; (f) a disposição de dar e receber apoio emocional; (g) a capacidade de se comunicar além dos níveis superficiais ou práticos; e (h) o reconhecimento mútuo do valor do parceiro em sua vida.

O componente paixão localizada no vértice esquerdo do triângulo diz respeito a um elemento que representa às atividades que conduzem ao romance, à atração física, à relação sexual e aos fenômenos relacionados ao amor propriamente dito (Gao, 2001; Hernandez & Oliveira, 2003). Sternberg (1997) argumenta que esta característica baseia-se em fontes motivacionais que levam à experiência apaixonada, como a excitação. Num relacionamento amoroso, as necessidades sexuais podem predominar. De qualquer modo, outras necessidades, tais como autoestima, satisfação, afiliação, dominância, submissão e auto-atualização, podem também contribuir para a experiência da paixão. Das três características, é o mais fácil de ser identificado, porém não significa que seja o mais fácil de definir ou controlar. Para o autor, este componente pode ser descrito como: (a) sensações românticas; (b) atração física e desejo de estar junto; (c) satisfação e contentamento sexual mútuos; e (d) excitação física e emocional.

O componente compromisso situado no vértice direito do triângulo, refere-se a um aspecto mais restrito, decidir amar o outro, num aspecto mais abrangente, comprometer-se a amar o outro. Portanto, estes dois aspectos do compromisso não precisam obrigatoriamente estar juntos (Hernandez & Oliveira, 2003). Amar alguém mesmo que o outro não esteja empenhado a manter este amor ou manter um compromisso mesmo

reconhecendo que não é amado pela outra pessoa (Sternberg, 1997). O comprometimento é essencial para um relacionamento duradouro, podendo incluir como características: (a) a certeza de que o que se sente é um tipo especial de amor; (b) a disposição para simbolizar ou articular esse amor de algum modo; (c) a compreensão de que o relacionamento é mais do que um capricho passageiro; e (d) a decisão de investir no relacionamento por um determinado período de tempo (“para sempre”, “a longo prazo”, etc.).

Sternberg (1997) salienta ainda que a forma geométrica do triângulo depende de dois fatores: a quantidade e o equilíbrio harmônico do amor. Assim, quanto maior a quantidade de amor, maior será a área do triângulo, caso haja um equilíbrio nos três componentes, a representação do amor no triângulo será vista como sendo igualmente equilibrado. O amor não envolve somente um único triângulo, mas certamente outros, onde somente alguns são de interesse, tanto teórico como prático (Hernandez, 1999; Hernandez & Oliveira, 2003).

Segundo Sternberg (1997), é importante destacar a diferença entre triângulos de sentimento e triângulos de interação (ação). Assim, a afeição é determinada pelo significado do outro, enquanto a forma de agir delimita a maneira como esse sentimento se comporta. Gouveia et al. (2009) destacam que cada um dos três componentes do amor apresenta um conjunto de ações associados. Por exemplo, a intimidade pode-se iniciar a partir de ações que visam dividir o tempo com o indivíduo, indicando empatia pelo outro. O compromisso pode ser expresso por meio da fidelidade sexual, empenho na relação, ou casamento. Para estes autores nem sempre os três componentes do amor fazem parte de um relacionamento afetivo ou possuem peso igual para todos. Hernandes (1999) destaca que nas relações que ocorrem em ambiente de trabalho com grande intimidade, essas nem sempre se transformam em amizades duradouras ou relacionamentos românticos.

Esses três componentes – intimidade, compromisso e paixão – apesar de poderem ser considerados isoladamente, interagem entre si (Engel, Olson & Patrick, 2002; Sternberg, 1988). Por exemplo, uma grande intimidade pode levar a uma grande paixão ou compromisso, assim como o compromisso pode levar a uma grande intimidade ou, com pouca probabilidade, a uma grande paixão. Nesse sentido, a união de pelo menos dois componentes representam formas mais intensas de amar (Sternberg, 1997).

De acordo com Sternberg (1988, 1997), a combinação desses componentes (compromisso, intimidade e paixão) produz sete diferentes tipos de amor, limitando-se assim às circunstâncias das diferentes combinações: a) carinho: surge quando uma pessoa experimenta somente a intimidade, havendo ausência dos componentes paixão e compromisso; b) amor apaixonado: resulta da vivência do componente paixão e a ausência dos demais; c) amor vazio: emana da determinação de um dos indivíduos de estar comprometido com o outro, mas há ausência dos componentes de intimidade e paixão; d) amor companheiro: deriva da combinação dos componentes de intimidade e compromisso; e) amor ilusório (irreal, insensato): resulta da combinação dos componentes de paixão e compromisso e ausência do componente intimidade; f) amor romântico: fruto dos elementos paixão e intimidade; e g) amor completo: é o resultado da combinação plena dos três componentes do amor (Engel, Olson, & Patrick, 2002).

No intuito de fornecer suporte empírico à Teoria Triangular do Amor, foi desenvolvida uma escala que abrange os componentes teóricos intimidade, paixão e decisão/compromisso. A validação de construto da Escala Triangular do Amor de Sternberg (ETAS) foi feita nos Estados Unidos com a participação de 84 adultos. Os participantes responderam à primeira versão da ETAS e às escalas de amar e gostar de Rubin (1970), utilizadas para a validação externa da ETA. Cada escala foi respondida seis vezes, descrevendo-se o amor que sente pela mãe, pelo pai, por um(a) irmã(o), por um(a)

amigo(a) do mesmo sexo, pela pessoa que ama e por um(a) amante ideal. A quantificação da importância do amor foi feita por outro grupo de participantes para os seis relacionamentos anteriormente descritos. Os resultados mostraram que o efeito da variável sexo não foi estatisticamente significativo. Apesar disso, as mulheres obtiveram índices mais altos para a melhor amiga e o amante ideal. As médias referentes à pessoa amada e amante ideal foram muito maiores que as demais, principalmente no componente da paixão (Sternberg, 1997).

No Brasil, estudo realizado por Gouveia et al. (2009) tinha como finalidade conhecer evidências de validade fatorial e consistência interna da escala triangular do Amor proposta por Sternberg. Os resultados dessa pesquisa corroboram com a teoria original apontando que o constructo amor pode ser representado pelas três dimensões: compromisso, intimidade e paixão, contendo cada uma cinco itens, perfazendo um total de 15. Outros achados dizem respeito à relação dos componentes paixão e intimidade, representados por comportamentos de proximidade, respeito, valorização do companheiro, desejo e comportamento sexual, apontam uma maior contribuição para satisfação global com o relacionamento romântico, do que a satisfação sexual e o comprometimento (Andrade, Garcia, & Cano, 2009).

Segundo Sternberg e Weis (2006), apesar do extenso número de teorias e pesquisas, compostas por métodos e focos temáticos diferentes, uma única perspectiva não é capaz do entendimento do fenômeno, sendo necessária a construção de explicações baseadas em modelos mais complexos que envolvam variáveis de diferentes origens, como variáveis psicológicas, sociais, culturais e ambientais. O que se pode afirmar consensualmente é que relacionar romanticamente é parte natural do processo de vida da maioria das pessoas e elemento comum em diferentes culturas, sociedades e momentos históricos (Hatfield, Rapson, & Martel, 2007).

O desenvolvimento do modelo triangular do amor foi crucial para a construção do modelo tetragonal do amor proposto por Yela (2006), modelo este que serviu de aporte teórico da presente tese, que será apresentado no subitem a seguir.

3.3. TEORIA TETRANGULAR DO AMOR

A construção da Escala Tetragonal do Amor (ETA) iniciou-se a partir dos anos 1990, quando Yela compilou os resultados de estudos das medidas sobre as dimensões do amor (cuidado, sexualidade, intimidade, paixão, respeito, compromisso, apego). Porém, o estudo que contribuiu de forma mais contundente para a elaboração de sua teoria foi o de Sternberg (1997).

Yela (2006) desenvolve sua teoria do amor, que combina e complementa a Teoria Triangular do amor. No novo modelo proposto procedeu a refinamentos em razão de inconsistências teóricas e empíricas (Gouveia et al., 2009).

No modelo tetragonal, o autor propõe quatro componentes do amor: intimidade, compromisso e paixão sendo este terceiro componente dividido em dois: paixão romântica e paixão erótica (ver Figura 2). Além de apresentar uma visão global temporária da relação em três momentos (paixão, desenvolvimento ou evolução do relacionamento, e fim do amor).

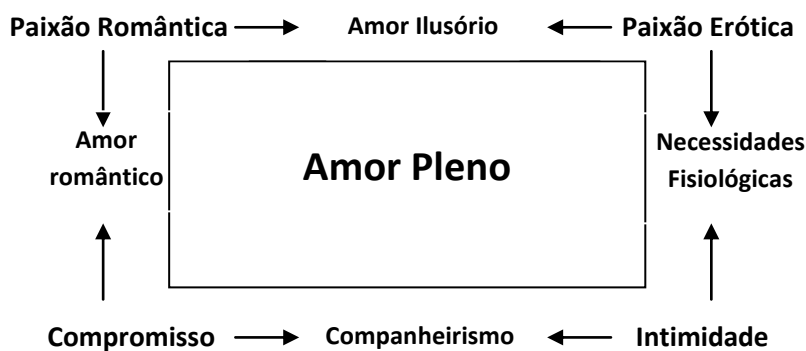


Figura 3. Modelo tetragonal do amor a partir do modelo proposto por Yela (2006).

De acordo com Yela (2006), a paixão erótica refere-se à experimentação de desejos e necessidades de natureza fundamentalmente fisiológica, voltados para o outro. Enquanto, a paixão romântica condiz a um desejo de amor e às necessidades de natureza psicológica, como a concepção da pessoa amada.

Gouveia et al. (2009) salientam que a divisão da componente (paixão) em – erótica e romântica – apesar de ser simples, aponta sua importância prática de diferenciá-los. Por exemplo, ver-se que a intimidade e o compromisso aumentam com o passar dos anos de relacionamento, evidenciando uma relação linear, quanto à característica paixão no início é forte, e diminui com o tempo (Sternberg, 1988, 1997). O padrão curvilinear, quadrático, entre tempo de relacionamento e paixão dependerá de seu tipo, ocorrendo mais cedo e mais acentuada no caso da paixão erótica quando comparada com a paixão romântica (Yela, 1997). Assim, parece plausível contar com uma medida específica que permita contemplar os quatro componentes do amor.

Pesquisas realizadas no Brasil (Andrade, Garcia, & Cano, 2009; Gouveia et al., 2012) evidenciam a validade de constructo da *Escala Tetragonal do Amor*. Quanto aos correlatos dos tipos de amor (todos coeficientes com $p < 0,001$), compromisso se correlacionou com percepção de satisfação na relação amorosa com o(a) parceiro(a) ($r = 0,66$), porém não com percepção de satisfação na relação sexual com o(a) parceiro(a); intimidade o fez com estas duas variáveis ($r = 0,61$ e $0,31$, respectivamente); paixão erótica apresentou padrão de correlação parecido com este último ($r = 0,30$ para os dois correlatos), e também uma correlação com amor dependente, obsessivo-possessivo ($r = 0,34$); e, finalmente, paixão romântica se mostrou inversamente correlacionada com comportamento de infidelidade sexual ($r = -0,30$) e diretamente com atitudes positivas frente à fidelidade em geral ($r = 0,30$); também se correlacionou com amor dependente, obsessivo-possessivo ($r = 0,42$).

3.4. CIÚME: CORRELATOS DO AMOR

Numa perspectiva histórica, constata-se que o ciúme está presente nas relações amorosas desde o início das civilizações. Encontram-se referências bíblicas, de que este sentimento é denotativo de agressividade a boa vivência do amor. Na idade média, o escritor francês François de la Rochefoucauld descreveu o ciúme como uma tendência egocêntrica e afirmava que o amor é a essência para a formação do ciúme (Almeida, 2007). No século XIX, Freud (1922/1976) associava o ciúme como um estado emocional, e define como sendo: “... um daqueles estados emocionais, como o luto, que podem ser descritos como normais” (p. 271).

No contexto psicológico, o ciúme é comum em diversas situações. Na clínica, emerge como um tema central de dificuldade no relacionamento amoroso e sexual (Marks & Silva, 1991; White & Mullen, 1989). Pesquisas mostram a relação estreita entre ciúme e comportamentos violentos, especialmente contra a mulher (Holtzworth-Munroe, Stuart & Hutchinson, 1997; Mullen, 1995), e com o stress no trabalho (Vecchio, 2000), tornando-o também o tema de interesse para as áreas da Psicologia Social, Criminal e do Trabalho (Bueno & Carvalho, 2012).

Comportamentos de ciúme são originados em resposta a uma ameaça ou a perda efetiva de, um valor, que na maior parte envolve uma relação amorosa com outra pessoa, devido a presença de um rival real ou imaginário (Bringle & Buunk, 1985; DeSteno & Salovey, 1996; Dijkstra & Buunk, 1998). Esta premissa acerca do ciúme implica a existência de um triângulo de três pessoas, ou seja, si mesmo, um(a) parceiro(a) e um(a) rival (Pam & Pearson, 1996).

White (1981) descreve o ciúme como um “complexo de pensamentos, sentimentos e ações que seguem as ameaças da autoestima e/ou ameaças da existência ou qualidade da relação” (p. 296). Aristóteles (2001) argumenta que o ciúme é o desejo de ter

o que outro possui. Para Alferes (2002), o ciúme é uma das principais causas de dissolvência das relações íntimas, organizadas em torno da sexualidade e regulada normativamente pelos padrões de conjugalidade heterossexual.

Pode-se também descrevê-lo como uma reação emocional extremamente usual, manifestada em diversos tipos de relacionamentos interpessoal, entre parceiros amorosos (De Silva, 1997), pais e filhos (Masciuch & Kienapple, 1993) ou amigos (Parker, Low, Walker & Gamn, 2005). Belo (2003) salienta que o ciúme tem como característica principal o processo de comparação dos indivíduos, desse modo, diz respeito a um dos fenômenos produzidos nas relações interpessoais.

Para os autores DeSteno e Salovey (1996); Pines (1998), afirmam que o ciúme possui três características: (1) o ciúme é uma reação emocional complexa e desagradável, que envolve sentimentos (*raiva, ansiedade e tristeza*); (2) reação que ocorre fase à percepção de ameaça a um relacionamento considerado importante; e (3) a ameaça é representada por um rival, que pode ser real ou imaginário.

De acordo com Salovey e Rodin (1984), existem dois tipos de ciúme: (1) o ciúme de comparação social – caracterizado pelo desejo de superioridade; e (2) o ciúme de relação social – resultado de um desejo por exclusividade na relação. Este último quando associado a uma relação romântica concebe uma nova concepção denominada “*ciúme romântico*”.

Para Buss, Larsen, Western, e Semmelroth (1992), apesar das reações do ciúme ser comumente associadas a tragédias, este é antes um fenômeno normal, decorrente da evolução humana em sociedade. Ao adotar a convivência em grupo como estratégia de sobrevivência e preservação da espécie, o homem tornou-se um ser social. Em decorrência disso, os relacionamentos de todos os tipos foram valorizados tornando-se alvo de competição inclusive os amorosos. Do ponto de vista evolutivo, o ciúme emerge e evolui

ao longo do tempo, como um dispositivo emocional destinado a proteger a estabilidade de relacionamentos amorosos considerados importantes (DeSteno et al., 2006).

O ciúme pode se manifestar de duas maneiras, saudável ou patológica. Para Pfeiffer e Wong (1989), o ciúme saudável é o que se segue à percepção de ameaça real, provocando algum sofrimento (reação emocional) e desencadeando ações (reação comportamental) de proteção ao relacionamento. Esta modalidade muitas vezes é percebida como um sinal de afeição e amor, ou seja, de que uma pessoa se preocupa, se importa com a outra, e não a quer perder (De Silva, 1997). A reação patológica pode envolver ameaça imaginada ao relacionamento (delírios de infidelidade), suspeita paranóide de estar sendo traído, sofrimento mais intenso do que na reação normal de ciúme. Esta manifestação patológica do ciúme faz com que uma pessoa se comporta de forma ambivalente em relação ao parceiro, hora amando ou desconfiando. Esta labilidade afetiva ocasiona deterioramento no relacionamento, em razão das freqüentes acusações de traição, suspeitas, tentativas de controle do parceiro e comportamentos agressivos (Almeida, Rodrigues & Silva, 2008).

Desse modo, infere-se que às diferenças individuais na manifestação do ciúme depende em parte da cultura e em parte das predisposições patológicas (incluindo as temperamentais), que, por sua vez, atuam sobre a extensão com que a exclusividade mútua será entendido entre parceiros amorosos (Almeida, Rodrigues & Silva, 2008).

Em relação ao ciúme romântico, White (1981) o descreve como sendo um campo mais complexo das relações interpessoais, a exemplo dos – namoros, noivados, casamentos – estabelecendo não apenas uma simples emoção. A partir de tal observação, o referido autor define o ciúme romântico como:

pensamentos, sentimentos e ações que seguem as ameaças da autoestima e/ou ameaças da existência ou qualidade da relação, quando estas ameaças são geradas pela percepção de uma atração real ou potencial entre o parceiro e um (talvez imaginário) rival (p. 296).

Segundo Ramos, Yazawa e Salazar (1994), o ciúme romântico envolve em sua maioria três elementos comuns: (1) uma reação frente a uma ameaça percebida; (2) que parte de um rival real ou imaginário; e (3) que tem como objetivo eliminar os riscos da perda do amor. Embora seja uma experiência que envolva diferentes níveis de tristeza, irritação e ansiedade, o ciúme para a ciência psicológica engloba principalmente a experiência de aflição ou desconforto diante de uma situação concreta ou fantasiosa que pode desestabilizar a relação do casal (Sheets & Wolfe, 2001).

Neste direcionamento, White (1981) ressalta que a forma de expressão do ciúme romântico ocorre de maneira e circunstância diferente nas pessoas, podendo haver pelo menos oito características distintas, nomeadamente:

- 1) Um aglomerado de pensamentos, emoções e ações – a inter-relação dessa tríade constituindo um só elemento (ciúme);
- 2) Coexistências de dois sentimentos (perda e ameaça) – tais sentimentos podem influenciar tanto na autoestima como na própria relação interpessoal;
- 3) Sensações de perda e ameaça derivada de duas percepções distintas – entendimento de uma relação rival real ou imaginária;
- 4) Percepção originado a partir de duas condições – (1) a compreensão de uma relação rival gerando uma nova relação real; (2) início de uma relação potencial, envolvendo o parceiro;
- 5) Tipo de percepção – a percepção das relações rivais imaginárias e a percepção das relações rivais reais;
- 6) Existência de duas maneiras de sentir a ameaça do ciúme – (1) ameaça percebida pela pessoa que vivencia o ciúme pode ser quanto à autoestima; e (2) a relação romântica construída com o parceiro;

- 7) Consequências advindas de uma relação rival – em um relacionamento, o surgimento de uma relação rival indicam uma ameaça ou pode prejudicar a qualidade da relação. Não necessariamente esta pode chegar ao fim, porém suas consequências acarretam na perda de confiança, do suporte emocional e da sensação de singularidade onde o(a) parceiro(a) é uma pessoa especial;
- 8) Sentido do termo “romântico” – considerado não apenas o amor apaixonado, mas também o de companheirismo.

A partir destas características, o ciúme é concebido como uma diversidade de emoções, pensamentos, sentimentos e comportamentos, provenientes de uma situação específica. White e Mullen (1989) assumem que tal argumento pode até mesmo ser caracterizado como um padrão. Não obstante, salienta estes autores, a existência de uma flexibilidade inerente à forma de expressão do ciúme romântico.

Em síntese, o ciúme enquanto conceito plural adota a coexistência de vários princípios na sua explicação. Assim, ele circunscreve desde um conhecimento do senso comum, a um conhecimento científico. Este último considera o ciúme como uma relação afetiva negativa frente a uma ameaça no relacionamento amoroso (Almeida, 2007), já no senso comum o ciúme é visto com estreitas relações com o amor verdadeiro.

Além de aporte teórico da teoria Tetragonal do Amor, aliada ao construto Ciúme romântico, faz-se necessário descrever a teoria Funcionalista dos Valores Humanos uma vez que a mesma irá subsidiar o desenvolvimento desta tese.

No presente capítulo, são apresentadas as principais teorias acerca dos valores humanos, enfatizando, entretanto, a teoria funcionalista, que é a base teórica a partir da qual se estrutura o estudo posteriormente descrito. O leitor interessado poderá encontrar mais informações a respeito em obras publicadas sobre este tema (e.g., Tamayo & Porto, 2009; Ros & Gouveia, 2006).

4.1. PRECURSORES HISTÓRICOS DOS ESTUDOS SOBRE VALORES HUMANOS

Segundo Gouvêa (2008), o estudo filosófico dos valores ou também chamado de axiologia surge a partir do século XIX em consequência dos trabalhos desenvolvidos pela escola de pensamento neokantiana na Alemanha. Não obstante, o autor destaca, uma associação da Filosofia com os valores desde o período da Grécia antiga, destaca-se o idealismo platônico a qual se verifica em seu sistema metafísico acerca dos valores fundamentais a serem almejados pela reflexão racional: a verdade, a beleza e o bem.

O autor anteriormente citado destaca alguns precursores que impulsionaram este movimento, a saber: Rudolf H. Lotze considerado um dos mais principais filósofos da axiologia, tratou o tema dos valores em seu livro *Mikrokosmos*, distinguindo o “ser” do “valor”. Afirmava ainda, que o ser deve ser estudado pelas ciências da natureza e, o valor pelas ciências do espírito ou da cultura. Desse modo, rompeu os laços da metafísica cristã medieval entre a ontologia e a questão dos valores. Albrecht Ritschl, filósofo e teólogo, implementou na axiologia a diferenciação lógico-epistemológico entre juízos de valor e juízos de fato. Para este filósofo, na esfera da ética, política, estética, arte e religião não há nenhum juízo de fato, e sim juízos de valor, sendo os valores assunto para a Sociologia, a Psicologia e as Ciências Humanas em geral.

Ainda de acordo com o autor op. cit. Heinrich Rickert, pensador muito influenciado pelas tendências positivistas, criou uma axiologia logicista. Para o mesmo, o

valor significava “validade lógica”. Seu objetivo era tornar a axiologia mais clara nos estudos dos valores. Dentre os discípulos de Rickert, sobressai Franz Brentano, que, defendeu a tese do valor como fenômeno *sui generis* e autônomo, ao evidenciar um esquema psicológico sintético no qual existem três características psíquicas fundamentais: a representação, o juízo e o sentimento.

Christian von Ehrenfelds, citado por Gouvêa (2008) desenvolveu um sistema de teoria dos valores, a partir do sistema de Brentano a qual reduziu a uma axiologia psicológica. Ele afirmava que a valoração é um fenômeno meramente psicológico. Arthur Meinong em sua obra Investigações psicológico-éticas acerca dos valores retratava o seu psicologismo dos valores no sentido mais fenomenológico.

Hugo Münsterberg trouxe uma nova dimensão à axiologia, a partir da sua obra Filosofia dos valores, argumentava que nossa experiência do mundo fazia parte de uma construção do sujeito a partir de uma auto-transcendência em que o mesmo se vê como um dos polos da relação sujeito-objeto. Assim, afirmava que o ser humano experimenta o mundo como uma realidade dividida em experiências subjetivas e objetivas dialeticamente conectadas (Gouvêa, 2008).

Max Scheler é chamado de Pai da axiologia fenomenológica. Defendeu em suas obras uma nova forma de axiologia objetiva, apontando que os valores deviam ser entendidos como qualidades intrínsecas e reais das coisas, mesmo que sua apreensão dependa da intencionalidade, não passando de um fenômeno neuro-psíquico

Nicolai Hartmann considerado o último dos axiólogos, do período clássico da axiologia, a partir de sua obra Ética desenvolveu uma axiologia fenomenológica. Postou os valores são entes em si, entes de caráter ideal, independentes dos objetos a que se conectam.

Apesar dos esforços apreendidos pelos axiólogos neokantianos, e mesmo das inovações advindas dos fenomenólogos, a axiologia começa o seu declínio no século XX, com a superação do kantismo pelos movimentos pragmatistas, neopositivistas, neomarxistas e existencialistas (Gouvêa, 2008). O início do colapso da axiologia clássica se dá com o surgimento dos chamados “mestres da suspeita”, tendo como principais teóricos, Karl Marx, Soren Kierkegaard, Sigmund Freud e Friedrich Nietzsche.

Friedrich Nietzsche foi quem popularizou o uso filosófico do termo “valor” com a publicação de sua obra “Assim falou Zarastustra”. Sua preocupação se concentrava nas questões mais práticas da classificação e hierarquização dos valores, ou seja, relacionado com os critérios de valoração. Os pensamentos de Kierkegaard só se tornam influentes no século XX; para ele, a valoração depende das escolhas pessoais subjetivas de cada um, e a “subjetividade é a verdade [...] a verdade é a própria pessoa se expressando de dentro” (Gouvêa, 2008, p. 41).

Outro autor deste período foi Karl Marx, descrevia os valores morais, religiosos, estéticos e culturais como elementos da ideologia, esta estrutura ideológica se sobrepõe intencionalmente esconder a supremacia das questões econômicas como uma cortina de fumaça, iludindo a sociedade (Foucault, 2007). E Sigmund Freud acreditava existir mais de uma hierarquia de valores de acordo com cada nível da consciência, a saber ID, EGO e SUPEREGO (Gouvêa, 2008).

Ros (2006) cita nos seus estudos dos valores autores-chave, como Thomas e Znaniecki (1918), as concepções de Talcott Parsons e Clude Kluckhohn (*teoria da ação social*) e os psicológicos Maslow (*teoria das necessidades humanas*) e Rokeach.

Thomas e Znaniecki (1918) fazem uma conexão das atitudes com a estrutura social por meio dos valores, definido valor social como “qualquer dado que tenha conteúdo empírico acessível aos membros de um grupo social e significado a respeito do qual se seja

ou se possa ser objeto de atitude” (p. 25). Estes autores explicam a partir de cinco motivações subjacentes aos valores: reconhecimento social, segurança, resposta, domínio ou competência e novas experiências.

Gouveia et al. (2011) destacam dois aspectos primordiais: (1) apesar de relacionadas na obra de Thomas e Znaniecki (1918), as atitudes e os valores são formados como constructos distintos; e (2) as atitudes assumem uma natureza *intrasubjetiva* enquanto os valores dependem da assimilação de significado, logo, são entendidos como *intersubjetivos*. Medeiros (2011) descreve que Thomas e Znaniecki (1918) não se aprofundam no tema dos valores, mas concorda em afirmar, que estes foram notáveis em introduzir seus conceitos acerca do constructo, destacando assim que as principais contribuições foram no campo conceitual e analítico.

Talcott Parsons (1961) faz uso do conceito de ação social desenvolvido por Weber; para exemplificar que a ação não se dá de forma isolada, mas sim formando um conjunto ou sistema de ações. Assim, descreve que o indivíduo é motivado a agir pelas orientações de valor que a obrigam a respeitar certas normas que limitam suas escolhas.

Talcott Parsons introduziu a concepção de ação motivada, isto é, o comportamento de um indivíduo inicia-se sempre que este almeja novas metas (Gouveia et al., 2011). Não obstante, Spates (1983) faz críticas ao trabalho de Parsons, ao indicar: (1) falta de suporte empírico para sua teoria; (2) problemas de imposição dedutiva; e (3) problemas de abstração.

Maslow (1954) dizia que o indivíduo precisava de uma estrutura de valores, para suprir as suas necessidades. Sua teoria parte do pressuposto de que os indivíduos possuem hierarquicamente necessidades básicas, e, portanto, só ascendemos na hierarquia quando essas estejam satisfeitas. Ros (2006) salienta que existem algumas exceções quanto ao princípio de ordem da hierarquia das necessidades, a exemplo: pessoas que passam por

situações de escassez, e buscam satisfazer as necessidades de ordem fisiológicas (fome, sede, sono, secreção, sexo).

A ideia de Maslow influenciou mais tarde o modelo de valores proposto por Inglehart que envolvia os valores políticos do materialismo e pós-materialismo, cuja emergência relaciona-se à satisfação das necessidades de bem-estar econômico para depois vir a de autorealização (Inglehart, 1977). Gouveia (1998) esclarece que a teoria maslowniana se faz importante por ela ser clara e consistente ao definir a natureza humana, concebendo-a como essencialmente benévola.

Em síntese, foi apresentada uma evolução das primeiras concepções acerca dos valores humanos, abarcando desde a influência da escola de pensamento neokantiana, passando pelos movimentos pragmatistas, neopositivistas, neomarxistas e existencialistas, até as concepções clássicas que compreendem: a) os valores como diferentes atitudes; b) a ideia da adesão às normas sociais ou desvio; c) princípio desejável; e d) os valores representando as necessidades. Por fim, destaca-se que essa evolução serviu de alicerce para o surgimento dos modelos contemporâneos sobre os valores, que serão abordados no próximo item.

4.2. TEORIAS CONTEMPORÂNEAS

O estudo contemporâneo de valores tem em Hofstede, Inglehart, Rokeach, e Schwartz seus teóricos mais importantes e que dão a base para as pesquisas em valores nos dias atuais, como os estudos sobre a Teoria Funcionalista dos Valores Humanos de Gouveia.

4.2.1. TEORIA DOS VALORES DE HOFSTEDE

Hofstede (1984) define os valores como representações de necessidades construídas socialmente na realidade, e que são constituídas sob as normas sociais e institucionais. Ainda de acordo com o autor, são analisadas as prioridades valorativas levando em consideração a cultura onde os indivíduos estão inseridos.

Medeiros (2011) descreve que no final da década de 1970, o Hofstede criou as dimensões valorativas a partir do trabalho desenvolvido para a empresa IBM, utilizando um questionário contendo 14 itens, aplicou a mais de 100.000 empregados espalhados pelos cinco continentes. Os achados desse estudo evidenciaram quatro dimensões para representar os valores como variação transcultural, a saber: distância de poder; individualismo-coletivismo; masculinidade-feminilidade; evitar a incerteza e orientação a longo prazo versus a curto prazo (Hofstede, 1984).

A dimensão distância de poder também chamada distância hierárquica é uma medida de quanto os subalternos se sentem confortáveis frente ao poder e à autoridade. Esta dimensão está diretamente relacionada com a forma encontrada por diferentes sociedades para lidar com questões ligadas as desigualdades entre os indivíduos. Já a dimensão individualismo-coletivismo expressa a “(in)dependência emocional de grupos, organizações e outras coletividades” (Hofstede, 1984). Assim, aponta se uma sociedade é considerada uma rede social sem relação entre os indivíduos, onde o interesse é apenas por si mesmo (Medeiros, 2011).

A dimensão masculinidade – feminilidade assinala até que ponto a cultura é mais conducente do predomínio, assertividade e aquisição de algo versus uma cultura voltada para as pessoas, sentimentos e qualidade de vida. Refere ainda, em que medida o sexo determina os papéis no caso dos homens e das mulheres na sociedade (Timmer, 2012).

Hofstede (1984) define a dimensão evitar a incerteza como sendo o grau de ansiedade e preocupação das pessoas frente a situações inesperadas ou incertas, ou seja, reflete o sentimento de desconforto as quais os indivíduos se sentem com relação a insegurança, caos e situações não estruturadas.

Finalmente, a dimensão orientação em longo prazo versus em curto prazo demonstra em que medida uma sociedade fundamenta as suas tradições sobre os acontecimentos do passado ou do presente, sobre os benefícios apresentados ou ainda sobre o que é desejável para o futuro, a exemplo: valores orientados para o futuro (poupanças e persistência) e os direcionados para o passado (tradição e cumprimento de obrigações sociais).

Gouveia (2003) destaca dois motivos pelos quais o modelo em questão se revelou inadequado. 1) Hofstede aponta que o desenvolvimento econômico das sociedades tenderia a se tornar individualistas, afastando o estilo de vida coletivista. Tal fato é contestado, visto que as sociedades contemporâneas misturam elementos coletivistas e individualistas (Sinha & Tripathi, 1994); o 2) refere-se aos dados que não levam em conta o coletivismo e individualismo como fatores cruciais e independentes, argumentando que seriam pólos de uma única dimensão. Nesta mesma linha, Inglehart desenvolve um modelo cultural dos valores políticos representados pelas dimensões materialistas e pós-materialista tomando como base as necessidades proposta por Maslow (1954), conforme será desenvolvido no próximo tópico.

4.2.2. TEORIA DO MATERIALISMO E POS-MATERIALISMO

Ronald Inglehart é considerado um dos teóricos de grande influência no estudo dos valores humanos tanto na Psicologia, como também nas Ciências Sociais e Políticas (Gouveia, 1998). A partir da década de 1970, este autor desenvolveu estudos direcionados

à transmissão cultural em sociedades industrializadas, exatamente por entender que os valores não são apenas úteis para estudar as condutas dos indivíduos, mas são também bons indicadores do nível de vida de uma população, além de sua utilidade para conhecer estilos e hábitos de uma sociedade e/ou cultura (Vasconcelos, 2004). Inglehart (1991) propõe uma teoria acerca dos valores humanos baseada nas ideias de escassez e socialização, nas mudanças no plano dos valores e das práticas dos indivíduos de diferentes gerações.

Tomando como base a Teoria das Necessidades de Maslow, Inglehart descreve duas dimensões básicas através das quais pretende identificar as mudanças organizacionais e comparar as culturas nacionais, a saber: a) materialista – se refere à satisfação das necessidades fisiológicas e de segurança, ou seja, valores materiais; e b) pós-materialistas – produzida a partir de necessidades sociais e de atualização, desencadeando os valores espirituais. Para Inglehart (1977), a transição cultural de valores materialistas para pós-materialistas acarretam modificação na concepção dos indivíduos. Essas alterações acontecem de forma progressiva, uma vez que são reflexo da evolução nas múltiplas experiências vivenciadas pelas diferentes gerações.

Santos (2008) aponta que essas transformações na sociedade ocorrem da seguinte maneira: as gerações mais antigas tendem a preservar os valores tradicionais, porém, ao mesmo tempo, procuram se adaptar ao cenário cultural, já as gerações mais novas se situam na condução das orientações culturais e, pouco a pouco, vão substituindo as gerações precedentes. De acordo com Medeiros (2011), para compreender as prioridades valorativas dessa teoria, faz-se necessário entender o processo de socialização e escassez pelo qual os indivíduos passaram.

Segundo Inglehart (1991), o materialismo é o padrão valorativo que prevalece nas sociedades em que são satisfeitas as necessidades de segurança (física e econômica).

Diferentemente, nas sociedades mais ricas, chamadas de sociedades industriais avançadas, predomina a dimensão valorativa pós-materialista. De acordo com Formiga (2002), essa premissa, não necessariamente corresponde à realidade, sendo possível que em países ricos ou pessoas que na atualidade gozem de estabilidade, siga-se dando importância à orientação materialista.

Ainda de acordo com o autor supra citado, Inglehart parte de duas hipóteses principais: a primeira diz respeito as prioridades valorativas básicas advindas pela escassez, isto é, as pessoas valorizam o que mais necessitam, e a segunda deve a hipótese de socialização, demonstrando que o processo de socialização pelo qual os indivíduos passam são determinantes para demonstrar o que tem mais importância (Medeiros, 2011). Gouveia (1998) sustenta a hipótese de que as orientações materialistas e pós-materialista se apresentem em polos opostos. De acordo com este autor, em alguns países é mais provável que estas dimensões se confundam ou se mesquem, sem contar que a proposta de um modelo dicotômico parece pouco adequada para o estudo dos valores.

4.2.3. TEORIA DOS VALORES DE ROKEACH

Segundo Chaves (2004), a partir da década de 1950, os valores humanos adquiriram maior expressão pela comunidade científica devido à inserção das técnicas de refinamentos de mediação das atitudes. Destaca-se às contribuições de Milton Rokeach, considerado como um dos que mais contribuíram para os estudos recentes dos valores (Gouveia, Andrade, Milfont, Queiroga, & Santos, 2003; Rohan, 2000).

Na sua obra intitulada *The Nature of Human Value* em 1973, o autor instituiu quatro grandes efeitos que delimitaram os estudos de valores, nomeadamente: (1) Propôs uma teoria que reuniu saberes de diversas áreas: da Psicologia, a Antropologia, a Filosofia e a Sociologia; (2) Diferenciou os valores de outros constructos similares como atitudes,

interesses e traços de personalidade; (3) Criou um instrumento que se propunha medir os valores humanos; (4) Demonstrou sua centralidade no sistema cognitivo dos indivíduos, reunindo dados sobre seus antecedentes e consequentes (Gouveia, Martinez, Meira & Milfont, 2001).

A teoria está ancorada em cinco pressupostos básicos: (1) o número de valores que uma pessoa possui é relativamente pequeno; (2) todos os indivíduos possuem os mesmos valores independentemente da cultura na qual estejam inseridas; (3) os valores são organizados em sistemas de valores; (4) os antecedentes dos valores podem ser determinados pela cultura, pela sociedade e por suas instituições, além da própria personalidade dos indivíduos; e (5) as manifestações dos valores se dão em fenômenos considerados dignos de serem estudados e entendidos pelos cientistas sociais.

Rokeach (1981) define valores como:

crença duradoura de que um modo específico de comportamento ou estado final de existência, é pessoal ou socialmente preferível a um modo de comportamento ou estado final de existência oposto ou inverso (p. 5).

Para o autor, sua teoria dos valores humanos é vista como uma organização hierárquica – em termos ordinais – levando em consideração o grau de importância que lhe é atribuído. Pesquisas demonstram que essa hierarquia ou importância dada aos valores veem auxiliar o modo de compreensão dos indivíduos (Bain, Kashima, & Haslan, 2006).

Rokeach (1973) divide em dois grupos: (1) terminais – que correspondem às necessidades da existência humana; (2) instrumentais – que constituem um meio para alcançar os fins da existência humana. Desse modo, o autor admite caracterizar os valores em duas listas separadas, cada uma contendo 18 valores específicos, a qual abrange os dois tipos (Tabela 1).

Tabela 1. Valores Terminais e Instrumentais de Rokeach (1973)

VALORES TERMINAIS	VALORES INSTRUMENTAIS
Felicidade	Valente
Auto-respeito	Educado
Tempo livre	Intelectual
Salvação	Honrado
Segurança familiar	Obediente
Satisfação com a tarefa realizada	Lógico
Uma vida confortável	Imaginativo
Amizade verdadeira	Capaz
Harmonia interna	Alegre
Maturidade	Autocontrolado
Um mundo de paz	Capaz de perdoar
Igualdade	Capaz de amar
Reconhecimento social	Responsável
Amor maduro	Independente
Segurança nacional	Limpo
Um mundo de beleza	Ambicioso
Liberdade	Liberal
Uma vida excitante	Serviçal

No que se refere aos valores instrumentais, estes são representados pela conduta da moralidade e da competência. A violação deste último provoca sentimentos de vergonha ou de inadequação pessoal; enquanto os advindos da moralidade correspondem a uma perspectiva interpessoal, provocando sentimentos de culpa quando são transgredidos.

Os valores terminais também apresentam duas tendências, podendo estar centrados no indivíduo (pessoais) ou na sociedade (sociais). Para distinguir estas duas submodalidades, Rokeach (1973) utiliza o critério de verificar se estes estão centrados no grupo social (“*social-centered*”) ou na pessoa (“*self-centered*”). Por exemplo: (igualdade, fraternidade, representa oportunidade para todos) neste sentido retrata um valor terminal social, enquanto harmonia interior (livre de conflitos internos) é um valor terminal pessoal.

A divisão entre Valores Humanos Terminais e Instrumentais, apesar de aparentemente lógica, não encontrou suporte empírico. Assim, Gouveia (1998) previne que essa divisão não se confirma em resultados de pesquisas posteriores, nas quais não apresentou fidedignidade confiável para o contexto brasileiro, além da metodologia utilizada por Rokeach se basear nas suas próprias convicções. Considerando tais aspectos críticos, Shalom H. Schwartz propôs um novo modelo teórico dos valores humanos, denominado de Teoria dos tipos Motivacionais.

4.2.4. TEORIA DOS TIPOS MOTIVACIONAIS

Apesar de reconhecer a contribuição de Rokeach para os estudos dos valores na Psicologia, foi a partir das pesquisas transculturais realizadas por Schwartz e colaboradores que o estudo desse constructo se torna um dos principais temas em Psicologia Social (Rohan & Zanna, 2003). Desde o final da década de 1980, o modelo deste autor é utilizado por pesquisadores de mais de 50 países dos cinco continentes (Gouveia et al., 2001).

Schwartz e Bilsky (1987) define um valor como:

um conceito ou crença do indivíduo sobre uma meta (terminal, instrumental) que transcende às situações e expressem interesses (individualistas, coletivistas ou mistos) correspondentes a um domínio motivacional (hedonismo, poder, tradição, universalismo etc.), sendo avaliada em uma escala de importância (nada importante, muito importante) como um princípio que guia a sua vida (p. 35).

De acordo com Medeiros (2011), Schwartz e seus colaboradores descrevem aspectos da estrutura psicológica humana que são fundamentais, e aspectos comuns a toda a humanidade, tendo, portanto, um caráter de universalidade, pretendendo que tenha validade tanto intra como inter-cultural.

Schwartz e Bilsky (1990) anunciam os valores como sendo concepções do desejável que influenciam a forma de como as pessoas escolhem ações e avaliam eventos. Desse modo, os valores humanos direcionam pensamentos, comportamentos na vida das

peças, com graus de importância variados, podendo ser muito importante para um indivíduo, e não importante para outro (Gouveia et al., 2001). Assim, os autores acima incorporam elementos sobre os valores que são consensuais nas teorias de Klunckhohn e Rokeach, quando afirmam que valores são crenças, é um construto motivacional, transcendem situações e ações específicas, guiam à seleção e a avaliação de ações políticas, pessoas e eventos, e são ordenados pela importância relativa aos demais.

Schwartz e Bardi (2001) definem valores “... como metas desejáveis e trans-situacionais, que variam em importância, que servem como princípio na vida de uma pessoa ou de outra entidade social” (p.55). A partir desta definição surge algumas características importantes dos valores, nomeadamente: a) servem a interesses de alguma entidade social; b) podem motivar a ação, dando-lhe direção e intensidade emocional; c) funcionam como padrões para julgar e justificar as ações; e d) são adquiridos tanto pela socialização de valores do grupo dominante como por meio das experiências singulares dos indivíduos. Essas características não são específicas de cada valor, mas de todos eles, o que diferencia um dos outros é o objetivo ou motivação contida em cada um.

Schwartz (1994, 2006) propõe dez tipos motivacionais levando em consideração a motivação subjacente de cada um deles. Ainda de acordo com esse autor, esses dez tipos advêm de três necessidades básicas universais da condição humana: necessidades biológicas, necessidades de interação social e necessidades de sobrevivência e manutenção dos grupos.

Segundo Schwartz e Bilsky (1990), cada tipo motivacional é definido por seus objetivos ou metas, seguidos pelos valores específicos que fundamentalmente os representam, conforme a Tabela 2.

Tabela 2. Tipos Motivacionais, Metas e Valores Específicos de Schwartz.

Tipos Motivacionais	Objetivo ou Metas	Valores Específicos
Poder	Status social e prestígio, controle ou domínio sobre pessoas e recursos	Autoridade, saúde, poder social, preservação da imagem pública, reconhecimento social
Realização	Sucesso pessoal por meio de demonstração de competência de acordos com padrões sociais	Ambição, sucesso, capacidade e influência
Hedonismo	Prazer ou gratificação sexual	Prazer, apreciar a vida
Estimulação	Excitação, novidade. Desafio na vida	Ousadia, vida diversificada, excitante
Auto-determinação	Pensamento e ação independente, escolher, criar, explorar	Criatividade, liberdade, escolha do próprio destino, curiosidade e independência
Universalismo	Compreensão, estima, tolerância e proteção para com o bem-estar das pessoas e da natureza	Mente aberta, justiça social, igualdade, um mundo em paz, um mundo de beleza, protegendo o meio ambiente
Benevolência	Preservação e aumento do bem-estar das pessoas com quem se tem contato pessoal freqüente	Prestativo, honesto, que perdoa, leal, responsável e verdadeiramente amigo
Tradição	Respeito, compromisso e aceitação dos costumes e idéias que a cultura ou a religião do indivíduo fornecem	Respeito a tradições, humilde, devoção, aceitação da vida que possui, moderação
Conformismo	Restrição de ações, inclinações e impulsos que tendem a chatear ou prejudicar outros e que violam expectativas ou normas sociais	Obediência, auto-disciplina, educação, respeito aos parentes e mais velhos
Segurança	Segurança, harmonia e estabilidade da sociedade, dos relacionamentos e de si mesmo	Ordem social, segurança familiar, segurança nacional, reciprocidade de favores, limpeza, saúde e senso de pertencimento

De acordo com essa teoria, os valores encontrados em qualquer cultura deveriam ser passíveis de serem virtualmente classificados em algum destes dez tipos motivacionais.

A Teoria Schwartz explica também a estrutura dinâmica de relações entre tipos motivacionais. Essa estrutura deixa claro que os tipos motivacionais podem estar em conflito ou podem ser congruentes entre eles. A estrutura circular dos valores humanos permite observar as relações de antagonismo e congruência entre os tipos motivacionais (ver Figura 3).

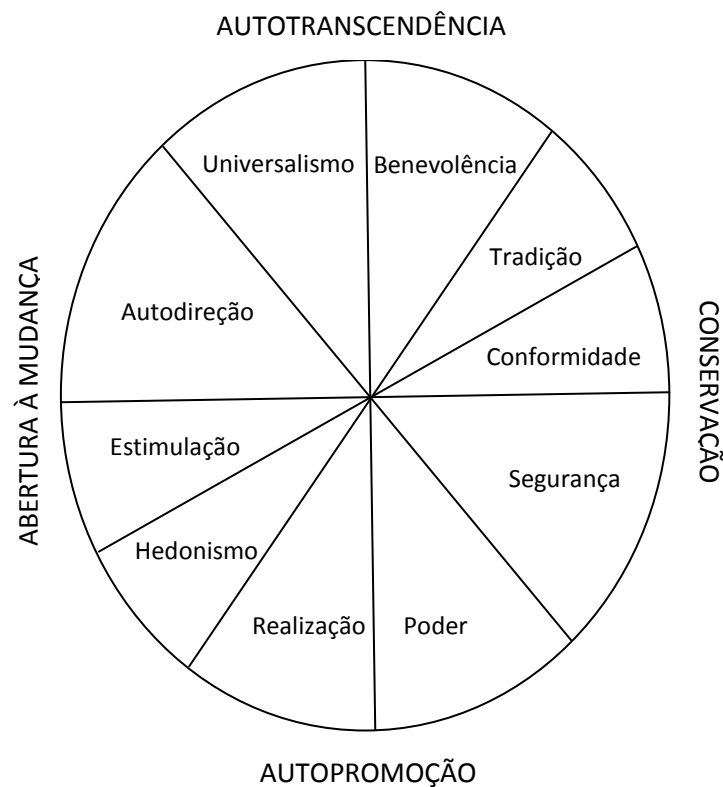


Figura 3. Estrutura dos tipos motivacionais (adaptado de Schwartz, 2006, p.142).

Por exemplo, em relação às duas dimensões bipolares (ou de primeira ordem) Abertura à Mudança (Autodireção, Estimulação e Hedonismo) X Conservação (Conformidade, Tradição e Segurança) e Auto-Promoção (Realização e Poder) X Auto-Transcendência (Universalismo e Benevolência), desse modo pessoas que endossam valores contidos em uma das dimensões tendem a endossar menos valores na dimensão oposta a primeira, logo os valores formam motivações relacionadas (Schwartz, 2005).

A Teoria de Schwartz e seus colaboradores desfruta hoje de grande popularidade no meio científico e tem sido utilizada em diversas pesquisas dentro da Psicologia Social, contudo não está isenta de falhas. Autores como Gouveia (1998) e Molpeceres (1994) têm levantado uma série de questões acerca deste modelo, principalmente no que se refere a não possuir uma teoria para elaborar sua lista de valores. Em função das restrições deste

modelo, Gouveia (1998, 2003) apresenta uma tipologia nova acerca da natureza e função dos valores humanos, denominada Teoria Funcionalista dos Valores Humanos.

4.2.5. TEORIA FUNCIONALISTA DOS VALORES HUMANOS

No presente estudo adota-se o modelo Teórico Funcionalista dos Valores Humanos, fundamentado no modelo de Ronald Inglehart e baseada na Teoria das Necessidades de Maslow.

Esta teoria vem sendo desenvolvido desde a década de 1990, por Gouveia (1998, 2003, Gouveia et al., 2008a) que propõe um modelo alternativo aos já existentes, mais parcimonioso e que, apesar de ainda pouco difundido no contexto internacional, tem apresentado padrões satisfatórios de adequação.

O aspecto mais inovador desta teoria, segundo Queiroga, Gouveia, Coutinho, Pessoa e Meira (2006), é esta assumir a natureza humana como benévola. Para tanto, admite quatro suposições teóricas principais (Gouveia et al., 2008a):

- Natureza humana – este modelo assume a natureza benevolente ou positiva dos seres humanos. Assim, apenas valores positivos são admitidos.
- Princípios-guia individuais – os valores servem como padrões gerais de orientação para os comportamentos dos indivíduos. É por meio desses valores que a continuidade da sociedade é assegurada, pois eles permitem a existência harmoniosa de seus membros.
- Base motivacional – assume os valores como representações cognitivas das necessidades humanas, necessidades estas não só individuais, mas também de ordem institucionais e sociais.
- Caráter terminal – são considerados apenas os valores terminais, por estes compreenderem metas superiores, que vão além de metas imediatas e biologicamente urgentes.

Com base nessas quatro suposições teóricas, pode-se assumir como características da definição dos valores, segundo Gouveia et al. (2008a):

são conceitos ou categorias; sobre estados desejáveis de existência; transcendem situações específicas; assumem diferentes graus de importância; guiam a seleção ou avaliação de comportamentos e eventos e representam cognitivamente as necessidades humanas (p.55).

A presente teoria, por ser funcionalista, apresenta como foco principal as funções dos valores que, de acordo com Gouveia et al. (2008a), consensualmente, são duas: os valores são critérios de orientação que guiam as ações dos indivíduos e expressam as suas necessidades básicas.

A primeira função dos valores, de guia para os comportamentos humanos é identificada pela dimensão funcional como tipo de orientação, possui três possibilidades: social, central e pessoal. Nesse sentido, os indivíduos guiados por valores sociais são centrados na sociedade; já aqueles guiados por valores pessoais são egocêntricos ou têm um foco interpessoal. Todavia, estudos empíricos apontam que há valores que se interpõem entre os valores sociais e pessoais, pois estes não se restringem à dicotomia de interesses centrados na sociedade ou no próprio indivíduo, denominados de valores centrais.

Já a segunda função dos valores de expressar as necessidades básicas do homem, aponta que indivíduos guiados por tais valores tendem a pensar em condições de sobrevivência mais físicas, ressaltando a sua própria existência e as condições de mantê-las. Portanto, essa função objetiva dar expressão cognitiva às necessidades humanas, identificada pela dimensão funcional do tipo de motivador: materialista (pragmático) ou humanitário (idealista).

Unindo estas duas dimensões funcionais, isto é, *tipo de orientação* (social, central e pessoal) e *tipo de motivador* [materialista (pragmático) e humanitário (idealista)], é possível identificar seis subfunções valorativas, como segue: interativa, normativa,

suprapessoal, existência, experimentação e realização. Este conjunto de funções e subfunções são mostrados na Figura 4.

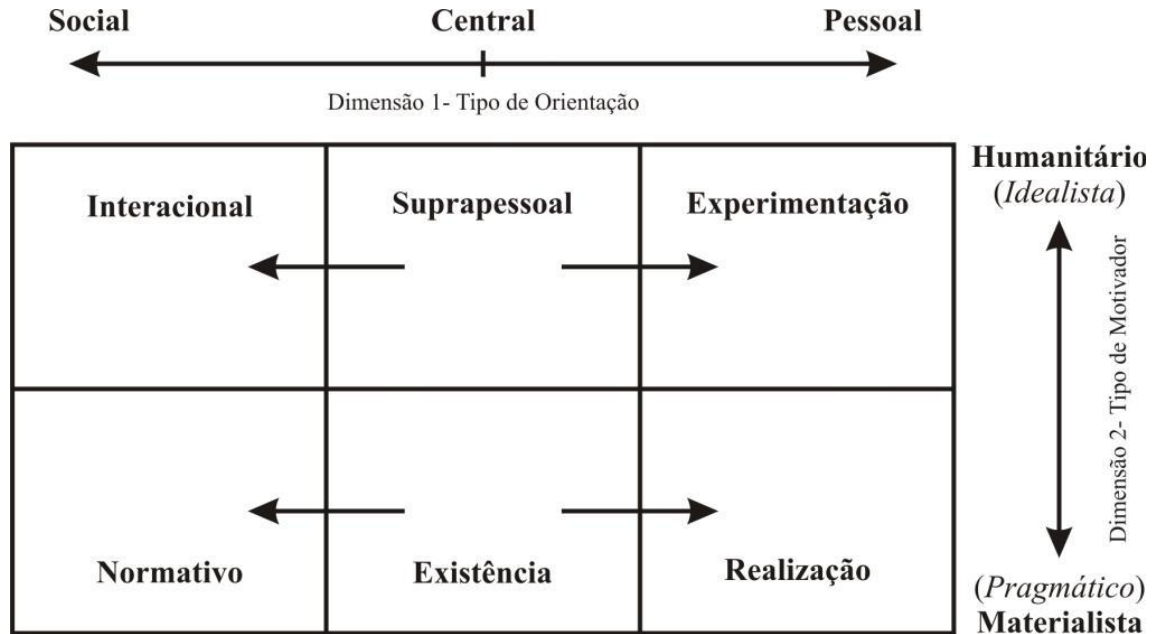


Figura 4. Facetas, dimensões e sub-funções dos valores básicos (Gouveia et al., 2008)

A combinação dessas duas funções principais (tipo motivador e tipo de orientação) deriva seis sub-funções psicossociais que explicam a organização (estrutura) dos valores humanos (Gouveia et al., 2008a). Estas subfunções, no que se refere ao tipo de orientação, são descritas da seguinte forma: (1) *existência*: É compatível com orientações sociais e pessoais dentro do domínio motivador materialista; *realização*: É compatível com orientações pessoais dentro do domínio motivador materialista; *normativa*: É compatível com orientações dentro do domínio motivador materialista; *suprapessoal*: É compatível com orientações centrais dentro do domínio motivador humanitário; *experimentação*: É compatível com orientações pessoais dentro do domínio motivador humanitário; e, finalmente, *interativa*: É compatível com orientações sociais dentro do domínio motivador humanitário.

As seis subfunções dos valores, em graus diferentes, enfatizam o ajuste do indivíduo à sociedade e às suas instituições, mas também acentuam a sobrevivência do indivíduo. Entretanto, essas funções valorativas e suas respectivas subfunções são estruturas latentes que precisam ser representadas por variáveis observáveis, tais como indicadores, itens ou valores específicos (Gouveia et al., 2008a).

Para melhor compreensão da ideia central de cada um dos dezoito valores básicos que compõem a Teoria Funcionalista dos Valores Humanos e suas respectivas subfunções, estes serão descritos a seguir na Tabela 3.

Tabela 3. Valores Básicos e suas Subfunções

Valores	Subfunção
Sexualidade Emoção Prazer	Experimentação
Êxito Poder Prestígio	Realização
Saúde Estabilidade pessoal Sobrevivência	Existência
Conhecimento Beleza Maturidade	Suprapessoal
Apoio social Afetividade Convivência	Interacional
Obediência Religiosidade Tradição	Normativa

Tomando como base a Tabela 3, será descrito cada subfunção, considerando o *tipo de orientação* e o *tipo motivador* que representam, ilustrando os valores específicos que os representam. Levando em consideração que os valores centrais são a base ou a referência a partir da qual os demais valores se originam (Gouveia & cols, 2011).

Subfunção experimentação – esta representa um motivador idealista (humanitário), contudo, com uma orientação pessoal. Seus valores representam as necessidades de sexo e gratificação, envolvendo a suposição do princípio de prazer (hedonismo; Maslow, 1954). Tais valores favorecem a promoção de mudança e inovação na estrutura das organizações sociais, sendo mais endossados por jovens (Chaves, 2004). Fazem parte desta subfunção os seguintes valores: emoção, prazer e sexualidade.

Emoção. representa as necessidades fisiológicas de excitabilidade e busca de experiências perigosas, arriscadas, algo equivalente ao tipo de personalidade “buscador de sensações” (Zuckerman, 1994).

Prazer. Corresponde à necessidade orgânica de satisfação em um sentido mais amplo (e.g. beber ou comer por prazer, diversão). Apesar de imaginar-se como algo material, sua ênfase não é em qualquer coisa concreta; interessa aproveitar a vida; aproveitar os prazeres ao máximo.

Sexualidade. Este valor representa a necessidade de sexo. É tratado na literatura como um item ou um fator de moralidade religiosa (Braithwaite & Scott, 1991). Para Maslow (1954), ser possível pensar nesta necessidade como fisiológica, básica, recentemente tem sido reunidas evidências do que a sexualidade não pode ser enquadrada neste tipo de necessidade (Kenrick & cols., 2010).

Subfunção realização – encontra-se associada ao tipo motivador *materialista*, com uma orientação pessoal. Pessoas pautadas de tais valores focalizam as realizações materiais e pessoais, sendo imediatistas no aqui e agora. Representam as necessidades de autoestima (Maslow, 1954). Infere-se que tais valores são mais típicos de jovens adultos, em face produtiva, ou indivíduos educados em contextos rígidos (Rokeach, 1973). Sendo representado pelos seguintes valores: êxito, poder e prestígio.

Êxito. A ênfase refere-se ser eficiente e alcançar as metas definidas, principalmente, a curto e médio prazo. As pessoas que adotam este valor têm o ideal de sucesso, primando pela competitividade, com fins de benefícios pessoal que as façam se sentirem destacadas das demais.

Poder. Este valor é menos social que os outros dois desta subfunção, sendo mesmo desconsiderado ou rejeitado por pessoas com formação escolar e nível sócio econômico elevados.

Prestígio. A ênfase deste valor associa-se ao contexto social. Pessoas que assumem este tipo de valor tendem a procurar que sua imagem pessoal seja reconhecida pelos outros publicamente, visando desfrutar das vantagens do reconhecimento social.

Subfunção existência – constitui-se dos valores mais claramente definidores do motivador materialista. Representa as necessidades mais básicas do ser humano (biológica e psicológica), além da necessidade de segurança (Maslow, 1954). Reúne valores que são compatíveis com as orientações pessoal e social, sendo, portanto considerados centrais. Esta subfunção serve de referência para as de realização e normativa. Os valores que representam esta subfunção são saúde, estabilidade pessoal e sobrevivência.

Saúde. As pessoas que se guiam por este valor buscam obter um elevado grau de saúde. Neste contexto a saúde é mais do que não estar doente; compreende também o aspecto subjetivo, de sentir-se bem, não se encontra enfermo; e evitar o que possa comprometer sua saúde. Para Medeiros (2011), fica evidente a representação das necessidades de sobrevivência e segurança.

Estabilidade Pessoal. Sua ênfase está na vida organizada e planejada. As pessoas que se guiam por este valor procuram garantir sua própria sobrevivência, tendo uma vida que segue padrões fixos, focada em aspectos práticos, orientada para o imediato.

Sobrevivência. É o valor mais relevante para pessoas socializadas em contexto de escassez ou aquelas que não têm à sua disposição recursos econômicos básicos. Representa as necessidades humanas mais básicas, como comer e beber.

Subfunção suprapessoal – Esta representa uma orientação central e um motivador idealista. Seus valores representam as necessidades de estética e cognição, bem como a necessidade superior de autorrealização (Maslow, 1954), que auxilia a categorizar o mundo de forma consistente. É considerado o mais importante dentre os motivadores idealista, sendo representado pelos seguintes valores: conhecimento, beleza e maturidade.

Conhecimento. Representa as necessidades cognitivas, possuindo um caráter mais universal, abrangente, não se limitando à dicotomia pessoal-social. Indivíduos assumem este tipo de valor, buscam novos conhecimentos, procurando descobrir fatos e ideias.

Beleza. Representa as necessidades estéticas, evidenciando uma orientação global, desconectada de objetos e pessoais específicos. Pessoas que se guiam por este valor buscam apreciar o que é belo, não se limitando a questões pragmáticas.

Maturidade. Representa as necessidades de autorrealização. Descreve um sentimento de satisfação consigo mesmo, percebendo-se ser útil na vida, tendo encontrado um sentido existencial. Indivíduos pautados por este valor tendem a apresentar uma orientação universal, não se restringindo a pessoas ou grupo específicos, nem se limitando a coisas bem e materiais.

Subfunção interacional – Esta é outra subfunção que representa o tipo motivador idealista, com uma orientação claramente social. Representada cognitivamente as necessidades de pertença, amor e afiliação (Maslow, 1954). Contatos sociais são uma meta em si mesmos, com ênfase em características mais afetivas e abstratas. Pessoas que adotam este tipo de subfunção em suas vidas são os jovens e orientados para relações íntimas estáveis, sobretudo em fase de busca e manutenção do parceiro(a), ou seja, na constituição

familiar (Kenrick & cols., 2010; Milfont, 2001). Esta subfunção é representada pelos seguintes valores: apoio social, afetividade e convivência.

Apoio Social. Enfatiza a necessidade de afiliação, destacando-se a segurança que pode ser promovida pelo apoio dos que o rodeiam. Expressa portanto, sentimentos de não encontrar-se sozinho no mundo.

Afetividade. Este valor está relacionado com aspectos da vida social, dando ênfase aos relacionamentos íntimos, afetos, relações familiares, compartilhamento de cuidados, prazeres e tristezas. Representa, principalmente, a necessidade de amor.

Convivência. Este valor não encontra-se associado as relações interpessoais específicas, porém, uma relação indivíduo-grupo. Requer um sentido de identidade social, indicando a ideia de pertença a um grupo social.

Subfunção normativa – esta subfunção encontra-se no tipo motivador *materialista*, porém com um tipo de orientação *social*, focada na observância de normas sociais, representa as necessidades de controle e as condições para alcançar todas as necessidades humanas (Maslow, 1954), correspondendo às demandas institucionais e sociais (Schwartz, 1992). Normalmente, são pessoas mais velhas as que se guiam por tais valores (Rokeach, 1973; Tamayo, 1988), seguindo normas convencionais e, conseqüentemente, apresentando menor número de comportamentos socialmente desviantes (Pimentel, 2004; Santos, 2008). Os valores que representam esta subfunção são: obediência, religiosidade e tradição.

Obediência. Evidencia a importância de obedecer e cumprir deveres e obrigações diárias, respeitando os pais e as pessoas mais velhas. É um valor predominante de pessoas com mais idade e/ou educadas em sistema mais tradicional, orientado para seguir normas restritas.

Religiosidade. Representa a necessidade de controle para lidar com realidades diversas; não depende de qualquer preceito religioso. Unicamente há o reconhecimento de uma entidade ou ser superior em quem se busca certeza e harmonia social para uma vida social pacífica.

Tradição. Representa a pré-condição de disciplina no grupo, ou na sociedade como um todo, para satisfazer as necessidades. Sugere respeito aos padrões morais, seculares e contribuem para harmonia social. Desse modo, indivíduos que são guiados por tal valor, dão importância à manutenção de padrões culturais prevaletentes, nos quais foram socializadas por seus pais e mestres.

Gouveia et al. (2008a) citam que no contexto brasileiro, este modelo teórico tem sido amplamente comprovado, com dados de aproximadamente 20 mil paraibanos e de outros estados brasileiros (Amazonas, Bahia, Pará, Distrito Federal), como também a estrutura das funções e subfunções dos valores tem sido confirmada em amostras transculturais de estudantes e não estudantes em vários países (Alemanha, Espanha, Filipinas, Nova Zelândia e Reino Unido).

Santos (2008) também ressalta a adequabilidade deste modelo, no decorrer dos últimos anos, com diversos estudos que têm corroborado com a Teoria Funcionalista dos Valores Humanos por meio dos parâmetros psicométricos e de sua relação com outros construtos (Chaves, 2006; Coelho Júnior, 2001; Formiga, 2002; Maia, 2000; Pimentel, 2004; Vasconcelos, 2004), o que o fez ser adotado como referencial na presente tese.

PARTE II – ESTUDOS EMPÍRICOS

CAPÍTULO 5. ESTUDO 1 – MEDIDAS DE ADIÇÃO À *INTERNET* E INFIDELIDADE

5.1. Introdução

A *Internet* se espalhou rapidamente e passou a fazer parte do dia-a-dia das pessoas. De fato, para a maioria dos indivíduos esta nova ferramenta possibilita o acesso rápido a informações e uma inquestionável oportunidade de conexão social, autoaprendizado e superação da timidez, por exemplo. Pesquisas demonstram que para algumas pessoas a *Internet* possibilita maior bem-estar e melhor qualidade de vida, porém ela pode igualmente levar a um estado de dependência incondicional, associada à presença de angústia, sofrimento, incapacidade ou perda importante de liberdade (Young & Abreu, 2011; Greenfield, 2006).

O problema da dependência de *Internet* ainda é relativamente novo, embora pesquisas demonstrem se tratar de uma questão de saúde crescente. Neste sentido, visando conhecer seus correlatos, demanda-se, inicialmente, avaliá-la. Precisamente com este propósito se constituiu o objetivo do presente estudo, que procurou adaptar para o contexto brasileiro duas medidas: *Escala de Adição à Internet* e *Escala de Infidelidade Virtual*, conhecendo evidências de sua validade fatorial e consistência interna.

5.2. MÉTODO

5.2.1. Delineamento

Tratou-se de um estudo eminentemente psicométrico, procurando avaliar os parâmetros das medidas anteriormente citadas. Para isso, empregou delineamento correlacional, visando ainda conhecer, preliminarmente, a relação dos construtos adição à *Internet* e infidelidade virtual com valores humanos e variáveis de relações interpessoais, isto é, ciúme e amor.

5.2.2. Participantes

Tratou-se de uma amostra de conveniência (não-probabilística), tendo participado as pessoas que, estando em sala de aula e sendo solicitadas a colaborar, concordaram em fazer parte da pesquisa. Portanto, participaram deste estudo 246 estudantes universitários de instituições pública e privada da cidade de João Pessoa (PB), com idades variando de 17 a 55 anos ($m = 24,3$; $dp = 7,15$), a maioria do sexo feminino (62,1%), solteira (78,5%), embora 56,4% afirmaram estar em algum tipo de relacionamento (namoro ocasional ou fixo, inclusive noivado), 56,9% adotam a religião católica; 53,2% expressaram ser da classe média. Quando questionados se já havia iniciado algum tipo de relacionamento pela *Internet*, 26,5% responderam que sim. 29,5% dos participantes afirmaram já ter traído, podendo ter ocorrido pessoalmente, virtualmente ou ambos. E finalmente, perguntou-se se já havia praticado sexo virtual, 11% responderam que sim.

5.2.3. Instrumentos

Os participantes receberam um livreto composto pelos seguintes instrumentos:

Um questionário sociodemográfico cujo objetivo era caracterizar o perfil dos participantes do estudo, tais como: sexo, idade, estado civil, entre outros (Anexo 2).

Escala de Adição à Internet (EAI). Desenvolvida por Young (1998, 2011), compõe-se de 20 itens com o objetivo de medir a extensão do envolvimento da pessoa com o computador e classificar o comportamento de dependência em termos de prejuízo leve, moderado e grave. Com o fim de respondê-los, o participante deve indicar em que medida pratica cada uma das atividades listadas, utilizando escala de resposta de **1** (*Nunca*) a **5** (*Sempre*). Esta escala foi originalmente avaliada por meio de Análises Fatorial Exploratória e Confirmatória, tendo sido observados três fatores: *retirada e problemas sociais* ($\alpha = 0,89$; e.g., *Com que frequência você prefere a emoção da Internet à*

intimidade/relação com seu parceiro/amigo?), *gestão do tempo e performance* ($\alpha = 0,87$; e.g., *Com que frequência você fica online mais tempo do que o pretendido?*) e *realidade substituta* ($\alpha = 0,60$; e.g., *Com que frequência você fica pensando o que acontecerá quando estiver novamente online?*). Estas dimensões foram correlacionadas com um número de variáveis critérios, incluindo desempenho acadêmico e atividades *online*, como sexo virtual e uso da *Internet*. Para a correção do crivo utiliza-se o somatório das respostas dos itens, e em seguida, verificar em qual dos três intervalos o resultado encontra-se inserido. O 1º intervalo (20-49) considerado como um usuário médio, este intervalo demonstra que o indivíduo apesar de utilizar a web por um longo tempo, ele ainda possui um controle sobre seu uso. O 2º intervalo (50-79) considerado como um usuário que pode apresentar problemas ocasionais ou frequentes. E no 3º intervalo (80-100) significa que o uso da *Internet* estar causando problemas significativos na vida do usuário.

Escala de Infidelidade Virtual (EIV). Desenvolvida por Wang e Hsiung (2008), esta medida procura conhecer as atitudes dos usuários em relação aos relacionamentos *online* e a infidelidade. Esta escala se compõe de 12 itens divididos em quatro fatores: amizade virtual (e.g., *Formar amizades online com pessoas estranhas*), amizade face a face (e.g., *Ter diversos encontros pessoalmente com pessoas estranhas que conheceu online*), encontros de salas de bate papo (e.g., *Ter conversas sensuais pela Internet com pessoas diferentes*) e *relação sexual* (e.g., *Fazer sexo regularmente com as mesmas pessoas que conheceu na Internet*). Apesar desta estrutura presumivelmente ser tetrafatorial, os autores desta escala apresentam unicamente o índice de consistência interna para o conjunto de itens ($\alpha = 0,94$). Para responder a escala, os participantes precisam ler cada item e, posteriormente, indicar na escala de resposta de cinco pontos, que varia de **1** (*Nulo*) a **5** (*Extremo*), o nível de infidelidade que considera da pessoa que tem o tipo de relacionamento descrito com outra pessoa.

Como as medidas de adição à *Internet* e infidelidade virtual foram criadas no contexto Internacional precisou ser adaptada para o contexto brasileiro, passando, inicialmente, por uma tradução por dois psicólogos bilíngues, sendo tais traduções, posteriormente, submetidas à apreciação de um terceiro psicólogo, igualmente bilíngue, que dirimiu as dúvidas, produzindo as versões preliminares de consenso. Estas, em seguida, foram submetidas à validação semântica, oportunidade em que foram avaliados os itens, as escalas de respostas e instruções respectivas. Neste caso, considerou-se a participação de vinte estudantes universitários de instituições pública e privada, cursando o primeiro período de Psicologia. Não foi verificada qualquer alteração substancial, tendo-se mantida as versões inicialmente produzidas em português.

5.2.4. Procedimento

A coleta de dados foi realizada em ambiente coletivo de sala de aula, embora os instrumentos tenham sido respondidos individualmente. Utilizou-se um procedimento padrão, consistindo em distribuir os questionários e pedir para apenas começarem a responder depois de dadas às instruções iniciais. Em todo caso, considerando a natureza das medidas, de autorrelato, procurou-se dirimir dúvidas unicamente quanto à forma de resposta, nunca ao conteúdo dos itens, procurando garantir um mínimo de respostas enviesadas. Um único aplicador, com treinamento prévio, ficou responsável por dar as instruções e permanecer presente durante o processo de coleta. Inicialmente, informava-se o objetivo geral da pesquisa, assim como eram garantidos o anonimato e o sigilo da participação, ressaltando que não existiam respostas certas ou erradas; antes de começarem a responder, todos tiveram que ler e assinar um termo de consentimento livre e esclarecido. Neste sentido, asseguraram-se os aspectos éticos pertinentes a pesquisas envolvendo seres humanos, de acordo com a “Resolução 196/96”, sendo o projeto aprovado pelo Comitê de

Ética da Universidade Federal da Paraíba – Centro de Ciências da Saúde (Anexo 1). Insiste-se que o pesquisador interferiu o mínimo possível na aplicação, dando apenas explicações, quando solicitadas, evitando comentários ou respostas que produzissem nos participantes significados ou conotações diferentes. Em média, foram necessários 30 minutos para concluir a participação neste estudo.

5.2.6. Análise dos dados

Para tabulação e análise dos dados foi utilizado o programa *PASW* (versão 18). Realizaram-se análises estatísticas descritivas, como frequência e medidas de tendência central e dispersão, bem como aquelas bi e multivariada, como correlação de *r-Pearson*, Análise Fatorial Exploratória, alfa de *Cronbach* e MANOVA, com objetivo de verificar o poder discriminativo dos itens das duas medidas.

No caso da análise fatorial exploratória, verificou-se previamente a adequação de dois indicadores: *KMO* (*Kaiser-Meyer-Olkin*) e *Teste de Esfericidade de Bartlett*. O *KMO* é um índice utilizado para comparar a magnitude dos coeficientes de correlação simples observados em relação às magnitudes dos coeficientes de correlação parcial. No caso do *Teste de Esfericidade de Bartlett*, é um teste estatístico empregado para examinar a hipótese de que as variáveis não estejam correlacionadas na população. Em termos de critérios, *KMO* inferior a 0,50 é inaceitável, sendo valores desejáveis aqueles que se aproximem de 1, aceitando-se a partir de 0,60; o *Teste de Esfericidade de Bartlett* precisa apresentar valor de qui-quadrado (χ^2) significativo, isto é, $p < 0,05$, rejeitando assim a hipótese de que a matriz de correlação é de identidade, composta por uns (1) na diagonal e zeros (0) fora dela (Tabachnick & Fidell, 2007). Utilizaram-se três critérios para a definição/extração do número de componentes: Kaiser (valor próprio igual ou superior a 1), Cattell (distribuição dos valores próprios, desprezando aqueles que não se diferenciam

dos demais, situando-se na base do gráfico) e Horn (confrontação de valores próprios observados em relação aos simulados, emergindo um fator sempre quando aqueles forem maiores).

5.3. RESULTADOS

Como forma de organizar os resultados deste estudo, procura-se a seguir separar as análises segundo o foco principal. No caso, primeiramente, considera-se cada medida que está sendo adaptada para o contexto brasileiro, efetuando análises referentes ao poder discriminativo e em seguida a fatorial exploratória dos itens que compõem as medidas.

5.3.1. ESCALA DE INFIDELIDADE VIRTUAL

Poder discriminativo dos itens da medida Infidelidade Virtual

Com o objetivo de verificar se a medida (Infidelidade Virtual) consegue distinguir aqueles participantes que obtiveram pontuações com magnitudes próximas, procedeu-se com uma análise de poder discriminativo da medida. Inicialmente partiu-se do critério da mediana empírica para definir os grupos-critério. Portanto, somando-se todos os itens, foi possível obter a pontuação total da escala. Com base nela, foram criados os grupos critérios “*inferior e superior*”, conforme as pontuações totais dos participantes fossem abaixo ou acima da mediana (1,92). Após a estruturação dos grupos, foram realizados testes multivariados. Os resultados são apresentados a seguir:

A partir da Manova, verificou-se que o conjunto de itens desta medida se mostrou discriminador [Lambda de Wilks = 0,05, $F(12, 222) = 348,89$, $p < 0,001$, $\eta^2 = 0,95$]. Análises univariadas complementares, checando o poder discriminativo de cada item, reforçando a adequação da *Escala de Infidelidade Virtual*, conforme se aprecia na Tabela 4 a seguir.

Tabela 4. Poder discriminativo dos itens da Escala de Infidelidade Virtual

Item	Grupos-Critério				Contraste	
	Inferior		Superior		F (1,233)	p
	m	dp	m	dp		
1	1,47	0,73	2,92	1,32	106,55	0,001
2	1,25	0,54	2,88	1,31	154,66	0,001
3	1,62	0,68	2,57	1,29	49,09	0,001
4	1,03	0,18	4,13	1,38	576,97	0,001
5	1,03	0,16	3,97	1,40	509,04	0,001
6	1,05	0,25	4,03	1,44	483,12	0,001
7	1,57	0,64	2,58	1,18	65,74	0,001
8	2,21	0,96	2,44	1,22	2,69	0,10
9	1,19	0,47	3,88	1,22	495,97	0,001
10	1,12	0,37	3,79	1,33	435,09	0,001
11	1,04	0,20	3,57	1,40	370,22	0,001
12	1,17	0,44	3,57	1,39	312,63	0,001

Conforme pode observar na Tabela 4, os resultados advindos da análise multivariada comprovam que todos itens apresentam um poder discriminativo satisfatório ($p < 0,001$). Portanto, os participantes dos dois grupos critérios (inferior e superior) conseguiram diferencia-los, desta forma, verificou-se a qualidade métrica dos itens da medida de infidelidade virtual.

Após a observação da qualidade dos itens da medida em análise, partiu-se para a avaliação de sua estrutura fatorial. Primeiramente, com a finalidade de verificar a possibilidade de fatorializar a matriz de correlação dos itens que representa o construto infidelidade. Nesta avaliação foram observados dois indicadores como suporte a este tipo de análise: *KMO* (0,92) e Teste de Esfericidade de Bartlett [χ^2 (66) = 3464,39 $p < 0,001$]. Em seguida, procedeu-se com as análises para extração do número de fatores. Os resultados advindos da análise de componentes principais indicaram dois valores próprios superiores a 1, especificamente, **7,44** e **2,05**, sugerindo a existência de uma estrutura bidimensional.

Não obstante, verifica-se esta solução a partir da distribuição gráfica dos valores próprios (critério de Cattell). Neste caso, observa-se na Figura 5 que dois componentes representam os fatores para o construto de infidelidade virtual. Para visualizar mais nitidamente este resultado, tenha-se em conta a linha tracejada que foi desenhada, aproximadamente paralela ao eixo horizontal. Nela observa-se uma “quebra” (cotovelo) que ressalta a presença dos dois componentes desta característica.

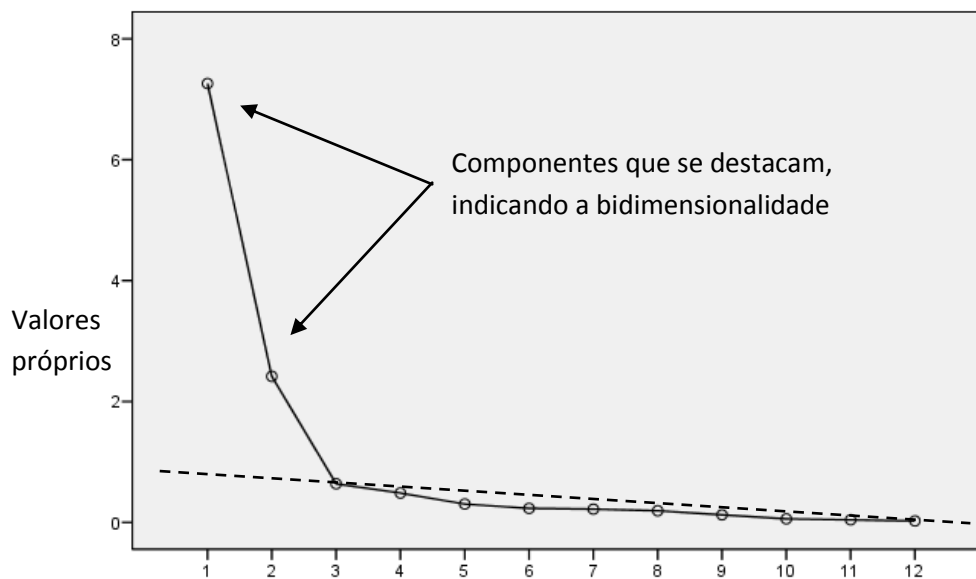


Figura 5. Distribuição dos Valores Próprios (*scree plot*) para a Escala Infidelidade Virtual

É importante destacar que os achados previamente relatados devem ainda ser ponderados em razão da análise paralela (critério de Horn), cujos resultados figuram nas duas últimas colunas da Tabela 5. Como é possível constatar nesta tabela, os dois fatores apresentaram valores próprios observados que foram, invariavelmente, superiores àqueles produzidos aleatoriamente.

Tabela 5. Valores próprios observados e simulados para a Escala de Infidelidade Virtual

Análise de Componentes (observado)	Análise Paralela (simulação)	
	<i>M</i>	Percentil 90%
7,44	1,37	1,47
2,06	1,27	1,34
0,65	1,19	1,25
0,56	1,13	1,18
0,31	1,01	1,11

Portanto, parece adequado falar em uma estrutura bifatorial para a *Escala de Infidelidade Virtual*, sendo seus fatores denominados como *relação sexual* e *relação de amizade*. Os resultados da análise de *componentes principais* (CP, rotação *Varimax*) do conjunto de seus itens, seus índices de consistência interna (alfa de Cronbach) e homogeneidade (correlação inter-item, $r_{i,i}$) são mostrados na Tabela 6.

Tabela 6. Estrutura fatorial da Escala de Infidelidade Virtual

Item	Conteúdo	I	II
4	Fazer sexo com pessoas diferentes que conheceu pela <i>Internet</i> .	0,97*	0,05
6	Fazer sexo, uma única vez, com uma pessoa estranha que conheceu pela <i>Internet</i> .	0,96*	0,07
5	Fazer sexo regularmente com as mesmas pessoas que conheceu na <i>Internet</i> .	0,95*	0,06
11	Ter diversos encontros pessoalmente com pessoas estranhas que conheceu <i>online</i> .	0,91*	0,20
9	Ter conversas sensuais pela <i>Internet</i> com pessoas diferentes.	0,88*	0,25
10	Ter conversas sensuais regularmente pela <i>Internet</i> com as mesmas pessoas.	0,87*	0,23
12	Ter, uma única vez, uma conversa sensual com um (a) estranho(a) pela <i>Internet</i> .	0,82*	0,26
2	Encontrar pessoalmente, uma única vez, com um(a) estranho(a) que conheceu <i>online</i> .	0,68*	0,42
3	Fazer amizade <i>online</i> (uma única vez) com um (a) estranho(a).	0,21	0,85*
7	Formar amizades <i>online</i> com pessoas estranhas.	0,29	0,83*
8	Manter amizades <i>online</i> regularmente com as mesmas pessoas.	-0,13	0,82*
1	Encontrar pessoalmente, de forma frequente, com as mesmas pessoas que conheceu <i>online</i> .	0,47	0,58*
Número de Itens		8	4
Valor Próprio		7,44	2,05
% Variância		62,0	17,1
Alfa de Cronbach		0,96	0,81
Homogeneidade ($r_{i,i}$)		0,73	0,52

Nota: * carga fatorial considerada satisfatória para interpretação do componente, $|0,40|$; Fator I (Relação Sexual) e Fator II (Relação Amizade)

A carga fatorial considerada satisfatória para interpretação do componente foi $|0,40|$. Conforme a Tabela 6, oito itens saturaram no primeiro fator ($\lambda \geq 0,68$, $p < 0,001$). Este fator foi denominado como *relação sexual*, apresentando valor próprio (*eigenvalue*) de 7,44, explicando cerca de 62% da variância total. Sua consistência interna (alfa de Cronbach, α) se situou em 0,96, com homogeneidade de 0,79 [amplitude de 0,58 (itens 2 e 12) a 0,96 (itens 4 e 6)]. O segundo fator foi nomeado como *relação de amizade*, caracterizado pelo conjunto de quatro itens que apresentou valor próprio de 2,05, explicando cerca de 17,1% da variância total. Sua consistência interna (α) foi de 0,81, apresentando homogeneidade de 0,52 [amplitude de 0,38 (itens 1 e 8) a 0,74 (itens 3 e 7)]. Ressalta-se que os dois primeiros itens desta escala saturaram nos dois fatores, dessa

forma, levou-se em consideração a maior carga fatorial para agrupar os itens no respectivo Fator. Em suma, o conjunto destes resultados faz pensar na adequação de se considerar o conjunto de doze itens para medir a atitude de infidelidade virtual, que no presente caso se mostrou bidimensional.

Na Tabela 7, são apresentadas as estatísticas descritivas dos 12 itens que compõem a *Escala de Infidelidade Virtual*. Conforme se constata nesta tabela, das 66 correlações possíveis entre tais itens, unicamente cinco (7,6%) não foram significativas ($p > 0,05$); as demais correlações variaram de 0,13 (itens 8 e 12) a 0,97 (itens 4 e 6). Contudo, isso não implica dizer que valorizem todas de igual modo, segundo se constata na média (m) e no desvio padrão (dp) listados para cada item da escala de infidelidade virtual.

Tabela 7. Estatísticas descritivas e correlação dos itens da medida de Infidelidade Virtual

Item	m	dp	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	2,2	1,29											
2	2,0	1,29	0,61*										
3	2,1	1,13	0,50*	0,51*									
4	2,6	1,83	0,50*	0,68*	0,26*								
5	2,5	1,78	0,52*	0,65*	0,26*	0,96*							
6	2,5	1,81	0,50*	0,68*	0,27*	0,97*	0,94*						
7	2,1	1,08	0,49*	0,51*	0,75*	0,33*	0,32*	0,34*					
8	2,3	1,10	0,38*	0,15†	0,50*	-0,06	-0,03	-0,06	0,52*				
9	2,5	1,63	0,50*	0,61*	0,37*	0,83*	0,82*	0,81*	0,50*	0,11			
10	2,4	1,65	0,50*	0,58*	0,35*	0,83*	0,83*	0,80*	0,43*	0,14†	0,90*		
11	2,3	1,60	0,53*	0,71*	0,36*	0,89*	0,87*	0,90*	0,43*	0,06	0,81*	0,81*	
12	2,4	1,58	0,44*	0,58*	0,41*	0,78*	0,76*	0,76*	0,47*	0,13†	0,84*	0,82*	0,76*

Nota: † $p < 0,05$, * $p < 0,001$

Portanto, fica evidente que, apesar de uma estrutura com dois fatores, a maioria dos itens que formam esta medida se correlaciona diretamente entre si, sugerindo, talvez, uma estrutura subjacente de segunda ordem ou mesmo um fator geral de infidelidade virtual. Contudo, este aspecto precisará ser comprovado em uma amostra independente, inclusive contrastando as alternativas com o modelo original (quatro fatores) e com um fator.

5.3.2. ESCALA DE ADIÇÃO À INTERNET

Poder discriminativo dos itens da medida Adição à Internet

Procedeu-se com a mesma análise do item anterior, cujo objetivo é de verificar se a medida de adição à *Internet* consegue distinguir aqueles participantes que obtiveram pontuações com magnitudes próximas, ou seja, se os itens apresentam um poder discriminativo. Os dados advindos da MANOVA mostraram que o conjunto de itens desta medida se mostrou discriminador [Lambda de Wilks = 0,03, $F(20, 175) = 316,98$, $p < 0,001$, $\eta^2 = 0,97$]. A partir das análises univariadas complementares, foi possível checar o poder discriminativo de cada item, reforçando a adequação da *Escala de Adição à Internet*, conforme se aprecia na Tabela 8.

Tabela 8. Poder discriminativo dos itens da Escala de Adição à Internet

Item	Grupos-Critério				Contraste	
	Inferior		Superior		F (1,194)	p
	m	dp	M	dp		
1	2,60	0,85	3,80	0,93	89,30	0,001
2	1,86	0,84	3,12	0,88	105,33	0,001
3	1,27	0,53	2,19	1,03	62,22	0,001
4	1,72	0,72	2,75	1,01	66,60	0,001
5	1,39	0,60	2,66	1,17	89,74	0,001
6	1,22	0,54	2,19	0,88	85,47	0,001
7	2,99	1,15	3,57	1,14	12,35	0,001
8	1,29	0,61	2,17	0,91	62,81	0,001
9	1,42	0,83	2,32	1,12	40,71	0,001
10	1,48	0,72	2,41	1,08	49,40	0,001
11	1,34	0,55	2,60	1,08	102,93	0,001
12	1,36	0,71	2,66	1,17	87,35	0,001
13	1,36	0,56	2,42	1,09	73,34	0,001
14	1,41	0,57	2,70	1,25	85,05	0,001
15	1,21	0,52	2,29	1,12	74,64	0,001
16	1,86	0,76	3,59	1,05	173,50	0,001
17	1,53	0,76	3,04	1,11	122,48	0,001
18	1,14	0,52	2,48	1,21	100,05	0,001
19	1,14	0,41	1,99	0,95	64,74	0,001
20	1,10	0,30	1,94	1,07	55,12	0,001

Como é possível observar na Tabela 8, fica evidente que os participantes dos grupos-critério (inferior e superior) foram capazes de diferenciar com poder discriminativo os itens da medida de adição à *Internet*. Assim, após verificar a qualidade dos itens da medida, procedeu-se com a validação/adaptação de sua estrutura fatorial.

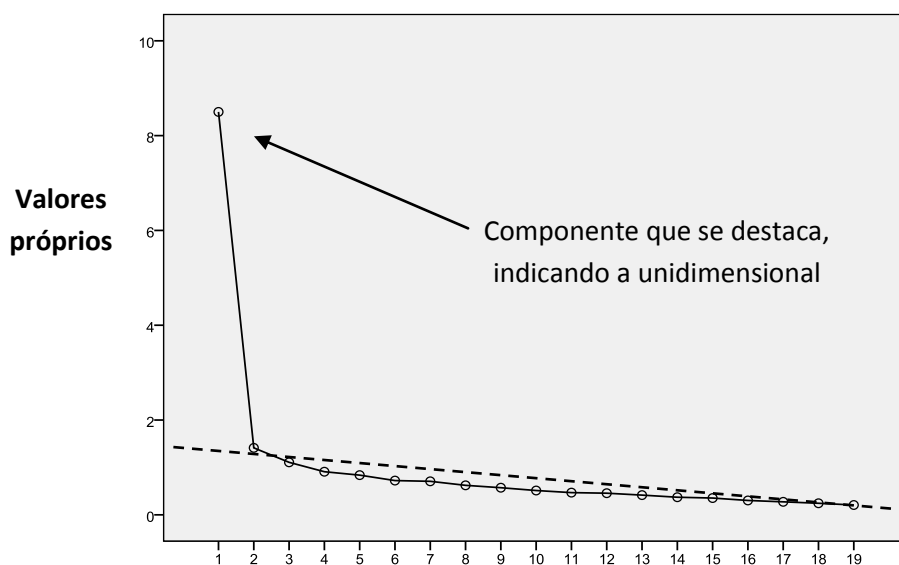
Posteriormente, procedeu-se a uma nova análise fatorial exploratória (AFE), utilizando rotação *Promax*, de acordo com o procedimento empregado quando analisada a versão original deste instrumento. Inicialmente, o conjunto de seus 20 itens foi submetido à análise *CP*, adotando a extração de fatores com valores próprios iguais ou superiores 1,0 (critério de Kaiser), identificando-se uma estrutura com quatro fatores, os quais explicaram conjuntamente 61% da variância total. No entanto, o item 7 (*Com que frequência você checa seu e-mail antes de qualquer outra coisa que precise fazer?*) saturou em um único fator, revelando sua especificidade. Neste caso, congruente inclusive com estudo original, decidiu-se eliminar este item, ficando a escala composta pelos 19 restantes, que foram submetidos à nova análise fatorial exploratória.

A segunda análise fatorial exploratória (AFE) levou em conta a possibilidade de fatorializar a matriz de correlação dos dezenove itens que permaneceram. No caso, observaram-se os seguintes indicadores: $KMO = 0,89$ e *Teste de Esfericidade de Bartlett*, $\chi^2 (171) = 1.535,55$; $p < 0,001$, apoiando a realização deste tipo de análise. De acordo com a Tabela 9, observaram-se quatro valores próprios superiores a 1 (6,77, 1,37, 1,24 e 1,10), sugerindo um construto de natureza multidimensional. Contudo, com o fim de comprovar esta solução fatorial, procedeu-se também a uma análise paralela, cujos resultados são apresentados nas duas últimas colunas desta tabela.

Tabela 9. Valores próprios observados e simulados para a medida de Adição à *Internet*

Análise de Componentes (observado)	Análise Paralela (simulação)	
	<i>M</i>	Percentil 90%
6,77	1,52	1,62
1,37	1,42	1,48
1,24	1,34	1,40
1,10	1,27	1,33
0,95	1,22	1,27

Conforme pode ser verificado na Tabela 9, unicamente o primeiro valor próprio observado foi superior ao simulado, quer considerando o valor médio ou aquele correspondente ao percentil 90%. Resta, entretanto, comparar esta solução (critério de Honr) com a distribuição gráfica dos valores próprios (critério de Cattell). Este resultado pode ser observado na Figura 6 a seguir.

Figura 6. Distribuição Gráfica dos Valores Próprios para Escala de Adição à *Internet*

Tomando em conta a Figura 6, torna evidente uma solução unifatorial. No caso, tenha-se em conta a linha tracejada que foi desenhada; no ponto em que corta o gráfico, praticamente se forma um “cotovelo”, isto é, há uma quebra acentuada, revelando uma projeção paralela à base. Neste sentido, um único componente se destaca, possibilitando

pensar nesta medida como unidimensional. Desta forma, admite-se falar de uma característica integrada, denominada *Adição à Internet*; os achados desta estrutura, considerando cargas fatoriais, variância explicada e consistência interna (alfa de Cronbach e homogeneidade) são apresentados na Tabela 10.

Tabela 10. Estrutura fatorial da Escala de Adição à Internet

Item	Conteúdo	Saturações
16	Com que frequência você tenta reduzir a quantidade de tempo que passa <i>online</i> e não consegue?	0,74*
15	Com que frequência você se diz "apenas mais uns minutos" quando está <i>online</i> ?	0,74*
05	Com que frequência os outros reclamam sobre a quantidade de tempo que você gasta <i>online</i> ?	0,70*
01	Com que frequência você fica <i>online</i> mais tempo do que o pretendido?	0,66*
06	Com que frequência suas notas ou tarefas da escola são prejudicadas pela quantidade de tempo gasto <i>online</i> ?	0,65*
14	Com que frequência você se sente preocupado com a <i>Internet</i> , ao estar desconectado, ou fantasia sobre estar conectado?	0,64*
13	Com que frequência você perde o sono devido ao uso da <i>Internet</i> tarde da noite?	0,63*
02	Com que frequência você negligencia as tarefas domésticas para passar mais tempo <i>online</i> ?	0,63*
17	Com que frequência você tenta esconder quanto tempo está <i>online</i> ?	0,63*
10	Com que frequência você fica pensando o que acontecerá quando estiver novamente <i>online</i> ?	0,63*
20	Com que frequência você se sente deprimido, melancólico ou nervoso quando está <i>offline</i> , e desaparece quando fica novamente <i>online</i> ?	0,57*
12	Com que frequência você bate, grita ou fica chateado se alguém lhe incomoda enquanto você está <i>online</i> ?	0,56*
11	Com que frequência você tem medo de que a vida sem a <i>Internet</i> seria chata, vazia e sem alegria?	0,55*
03	Com que frequência você prefere a emoção da <i>Internet</i> à intimidade/relação com seu parceiro/amigo?	0,50*
19	Com que frequência você se sente deprimido, melancólico ou nervoso quando está <i>offline</i> , e desaparece quando fica novamente <i>online</i> ?	0,50*
04	Com que frequência você constrói novos relacionamentos com os usuários <i>online</i> ?	0,49*
09	Com que frequência você bloqueia pensamentos perturbadores sobre sua vida com pensamentos leves da <i>Internet</i> ?	0,48*
18	Com que frequência você prefere passar mais tempo <i>online</i> do que sair com outras pessoas?	0,45*
08	Com que frequência você fica na defensiva ou guarda segredo quando alguém lhe pergunta o que você faz <i>online</i> ?	0,44*
Número de Itens		19
Valor Próprio		6,77
% Variância Explicada		35,6%
alfa de Cronbach		0,89
Homogeneidade (<i>r_{i.i}</i> corrigida)		0,31

Nota: * carga fatorial considerada satisfatória para interpretação do componente, $|\geq 0,40|$

Conforme a Tabela 10, todos os dezenove itens da *EAI* se mostraram relevantes, isto é, apresentaram saturação superior a 0,40, diferindo estatisticamente de zero ($n = 246$, $p > 0,001$). Este fator geral apresentou valor próprio de 6,77, explicando 35,6% da variância total; sua consistência interna foi de 0,89, apresentando homogeneidade de 0,31 [amplitude de 0,09 (itens 4 e 9) a 0,60 (itens 15 e 16)]. Reforçam estes achados às correlações entre os itens desta medida ($r \geq 0,17$, $p < 0,05$), que são apresentados na Tabela 11. De fato, há uma “convergência” das pontuações dos participantes para os itens, indicando a adequação de considerá-los conjuntamente com o fim de estimar a adição à *Internet*.

Tabela 11. Estatísticas descritivas e correlação dos itens da Escala Adição à Internet

Item	m	Dp																			
1	3,2	1,08																			
2	2,5	1,06	0,56*																		
3	1,7	0,92	0,46*	0,35*																	
4	2,2	0,99	0,38*	0,36*	0,43*																
5	2,0	1,12	0,50*	0,44*	0,49*	0,47*															
6	1,7	0,88	0,48*	0,55*	0,37*	0,29*	0,53*														
8	1,7	0,92	0,43*	0,54*	0,38*	0,24*	0,40*	0,65*													
9	1,8	1,06	0,29*	0,20†	0,29*	0,36*	0,31*	0,23*	0,21*												
10	1,9	1,03	0,30*	0,40*	0,23†	0,17†	0,38*	0,34*	0,31*	0,39*											
11	1,9	1,05	0,37*	0,48*	0,36*	0,35*	0,45*	0,40*	0,38*	0,36*	0,44*										
12	2,0	1,15	0,42*	0,32*	0,40*	0,33*	0,50*	0,38*	0,36*	0,28*	0,41*	0,53*									
13	1,9	1,02	0,29*	0,29*	0,34*	0,25*	0,40*	0,31*	0,38*	0,33*	0,41*	0,44*	0,48*								
14	2,0	1,15	0,53*	0,46*	0,38*	0,30*	0,45*	0,45*	0,46*	0,37*	0,41*	0,45*	0,46*	0,49*							
15	1,7	1,03	0,28*	0,31*	0,38*	0,33*	0,38*	0,33*	0,35*	0,39*	0,35*	0,56*	0,56*	0,48*	0,51*						
16	2,7	1,27	0,57*	0,53*	0,32*	0,42*	0,45*	0,40*	0,39*	0,39*	0,40*	0,55*	0,55*	0,51*	0,53*	0,55*					
17	2,3	1,22	0,46*	0,44*	0,32*	0,30*	0,47*	0,51*	0,42*	0,37*	0,34*	0,50*	0,50*	0,47*	0,55*	0,46*	0,61*				
18	1,8	1,14	0,38*	0,36*	0,35*	0,36*	0,47*	0,38*	0,38*	0,31*	0,31*	0,40*	0,40*	0,51*	0,63*	0,46*	0,53*	0,59*			
19	1,5	0,86	0,26*	0,24*	0,48*	0,35*	0,42*	0,27*	0,23*	0,33*	0,22*	0,40*	0,40*	0,40*	0,42*	0,40*	0,47*	0,45*	0,42*		
20	1,5	0,89	0,22†	0,21†	0,31*	0,28*	0,41*	0,32*	0,31*	0,36*	0,27*	0,46*	0,46*	0,46*	0,40*	0,53*	0,42*	0,40*	0,47*	0,53*	
			1	2	3	4	5	6	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	

Nota: † $p < 0,05$, * $p < 0,001$ (teste bicaudal)

De acordo com a Tabela 11, observou-se que os itens da estrutura de adição à *Internet* se correlacionou diretamente entre si, apontando, talvez, para uma estrutura subjacente de primeira ordem. Contudo, este aspecto precisará ser comprovado em uma amostra independente, inclusive contrastando as alternativas com o modelo original (três fatores).

Em resumo, no contexto brasileiro parece sustentável a existência de uma única dimensão ou componente principal para descrever a adição das pessoas à *Internet*. Os parâmetros observados da medida correspondente dão conta de evidências em favor de sua validade fatorial e consistência interna.

5.4. DISCUSSÃO PARCIAL

Face aos resultados obtidos após a realização das análises exploratórias para as duas escalas de *Infidelidade Virtual* e *Adição à Internet*, verificou-se que estes instrumentos reúnem evidências psicométricas favoráveis no contexto em que o estudo foi realizado. A primeira medida pressupunha quatro dimensões, porém foi melhor representada por uma solução bifatorial, representando as dimensões *relação sexual* e *relação de amizade*.

A dimensão *relação sexual* agrupou itens relacionados com atitudes favoráveis ao sexo cibernético, conversas virtuais de cunho sensual. Estes achados, corroboram com estudos desenvolvidos por Young, Griffin-Shelley, Cooper, O'Mara e Buchanan (2000) ao afirmarem que a infidelidade virtual é um relacionamento sexual iniciado via contato virtual e mantido, predominantemente, por meio de conversas eletrônicas que acontecem via e-mail e em comunidades virtuais como salas de bate-papo, jogos interativos ou newsgroups. Para Whitty (2003/2010), o cibersexo ou sexo virtual envolve dois internautas

empenhados em uma conversa particular sobre fantasias sexuais, que vai além do flerte inconsequente.

A dimensão relação de amizade reuniu itens relacionados com a procura e manutenção de amizade *on-line*. Este tipo de relacionamento se prologando é provável que favoreça a dimensão sexual. Para Almeida (2007) os contatos sexuais iniciam-se por meio de bate-papo virtual, com o passar do tempo, os contatos passam a ser mais constante, e periódico, onde ambos os interlocutores acabam cedendo a maiores intimidades um para o outro. Estudos desenvolvidos por Silva et al. (2005) também corroboram com esta premissa ao afirmarem que as pessoas com o passar do tempo desenvolvem relações de amizade, e até mesmo relações afetiva-amorosa.

No que se refere a medida de Adição à *Internet*, que teoricamente apresentava três dimensões (*retirada de problemas sociais, gestão de tempo e desempenho e realidade substituída*), após análise fatorial exploratória verificou-se que o mais adequado foi o modelo unifatorial. Este modelo agrupou 19 itens todos voltados para dependência da *Internet*, em relação ao uso excessivo. Estes resultados provavelmente podem levar os indivíduos a desenvolver comportamentos de isolamento social, baixo rendimento escolar e laboral, negligência com as atividades cotidianas. Estudos desenvolvidos por Greenfield (1999) e Kraut et al. (1998) afirmam que a *Internet* pode produzir um efeito de compulsão, de dependência, e problemas individuais e sociais característicos do vício. Para Young e Abreu (2011), a dependência virtual manifesta suas características de duas maneiras: a psicológica e a física. A primeira diz respeito aos sintomas de abstinência, tais como: depressão, insônia, irritabilidade, e a segunda, surge quando o corpo do indivíduo se torna dependente do uso excessivo da *internet*.

Em síntese, considera-se que o *Estudo 1*, referente à adaptação das escalas de *Adição à Internet e Infidelidade Virtual*, cumpriu seus objetivos previstos. Neste sentido,

sugere que as citadas medidas podem ser adequadamente aplicadas no contexto em que se levou a cabo este estudo. Contudo, vale registrar que a seguir será apresentado o *Estudo 2*, oportunidade em que estes instrumentos serão novamente apreciados, checando-se sua validade fatorial por meio de modelagem por equações estruturais, inclusive confrontando as soluções observadas com modelos alternativos.

**CAPÍTULO 6. ESTUDO 2. ANÁLISE CONFIRMATÓRIA DAS MEDIDAS DE ADIÇÃO
À *INTERNET* E INFIDELIDADE VIRTUAL**

6.1. Introdução

Segundo Giles (2002), a análise fatorial confirmatória (AFC) é uma técnica multivariada que tem como requisitos básicos os mesmos de todas as multivariadas: linearidade, normalidade, ausência de multicolinearidade e homocedasticidade das variâncias residuais. O que se pretende com a realização da AFC é conhecer se os padrões de covariância entre as variáveis observadas são causados pela variância nos fatores, mas também comprovar o número de fatores presumíveis e a relação entre eles, tomando em conta um embasamento de ordem substantiva ou teórica. Por meio de procedimento (estimador) de máxima verosimilhança, faz-se uma estimativa dos parâmetros, refinando-os gradualmente até não poderem “ficar melhor” (Antunes & Fontaine, 2005).

Assim, o objetivo deste estudo é comprovar a estrutura fatorial das medidas de *Infidelidade Virtual e Adição da Internet*, anteriormente validadas no estudo 1 e, verificar qual o poder de correlação dessas duas medidas com os construtos *amor*, *ciúme* e *valores humanos*, tomando como base os procedimentos recomendados na literatura no que tange aos estudos empíricos (Antunes & Fontaine, 2005; Giles, 2002; Gouveia et al., 2008b).

6.2. Método

6.2.1. Participantes

Participaram 210 estudantes universitários das mesmas instituições do estudo anterior, com idades variando de 17 a 50 anos ($m = 23,6$; $dp = 6,41$), a maioria do sexo feminino (73,8%), indicando-se como sendo de classe média (50,5%) e de orientação heterossexual (93,3%). Tais participantes indicaram majoritariamente ser solteiros (79,5%), sendo que 61,4% possuíam algum tipo de relacionamento, nomeadamente: namoro fixo (25,9%), namoro ocasional (28,9%) ou noivado (6,6%). Quanto à religião, mais da metade indicou ser católica (61,9%). Quando questionados sobre se havia iniciado

algum tipo de relacionamento pela *Internet*, 26,4% responderam afirmativamente; porém, quanto a terem traído por esta via, foram mais os que disseram sim (27,3%), sendo que 10,5% admitiram já terem feito sexo virtual. Tratou-se de uma amostra de conveniência (não-probabilística), tendo participado os indivíduos que, estando presentes em sala de aula e sendo solicitadas a colaborar, concordaram em fazê-lo.

6.2.3. Instrumentos

Os participantes responderam aos mesmos instrumentos descritos no *Estudo 1* (*Escala de Infidelidade Virtual e Escala de Adição à Internet*), acrescidas das seguintes medidas: *Escala de Ciúme Romântico*, *Escala Tetrangular do Amor* e *Questionário dos Valores Básicos*. Além destes instrumentos, no final do livreto os participantes responderam um questionário demográfico, reunido informações sobre sexo, idade, estado civil, religião, orientação sexual, tipo de relacionamento, conduta interpessoal e sexual na *Internet*.

Escala de Ciúme Romântico. Este instrumento foi elaborado por Dijkstra, Barels e Groothof (2009) com o objetivo de identificar as características mais importantes acerca do ciúme, evocando comportamentos do parceiro, e analisar o grau de como tais comportamentos promovem a inveja nos parceiros, incluindo a participação extra-diádica do parceiro com outra pessoa. Originalmente, esta escala está formada por 42 itens, porém se utilizou neste estudo a versão reduzida, adaptada para o contexto brasileiro, constituída de 24 itens (Belo, 2003). Estes são estruturados em dois fatores: *não ameaça* [$\alpha = 0,79$; e.g., *É perfeitamente normal ela(ele) conversar longamente com um(a) amigo(a)*] e *exclusão* [$\alpha = 0,73$; e.g., *Fico furioso(a) quando ela(ele) conversa com um(a) amigo(a) que acha bonito(a)*]. Depois de ler cada item, o respondente precisa indicar em que medida

concorda ou discorda com a afirmação, empregando uma escala de cinco pontos, variando de **1** (*Discordo totalmente*) a **5** (*Concordo totalmente*).

Escala Tetrangular do Amor (ETA). Desenvolvida por Yela (2006), esta medida compreende uma adaptação da Escala Triangular do Amor (Sternberg, 1988). Possui como objetivo mensurar o amor a partir de quatro fatores: *paixão erótica* ($\alpha = 0,81$; e.g., *Sinto que meu corpo reage quando _____ me toca*), *paixão romântica* ($\alpha = 0,78$; e.g., *Minha relação com _____ é muito romântica*), *intimidade* ($\alpha = 0,83$; e.g., *Recebo considerável apoio emocional de _____*) e *compromisso* ($\alpha = 0,91$; e.g., *Espero amar _____ por toda a vida*). Cada fator é constituído por cinco itens, sendo respondida em escala de cinco pontos, variando de **1** (*Não me descreve nada*) a **5** (*Me descreve totalmente*). Sua adaptação ao contexto brasileiro foi realizada por Gouveia, Carvalho, Santos e Almeida (2012), os quais corroboraram esta estrutura fatorial, observando alfas de Cronbach superiores a 0,70.

Questionário dos Valores Básicos (QVB). Desenvolvido por Gouveia (1998, 2003), na sua versão inicial era composta de 24 itens que retratam valores específicos (por exemplo, *Apoio Social*. Obter ajuda quando a necessita; sentir que não está só no mundo; *Êxito*. Obter o que se propõe; ser eficiente em tudo que faz). Posteriormente, esta passou a ser formada por 18 itens / valores específicos, sendo a versão mais conhecida e utilizada na presente pesquisa (Gouveia et al., 2009). Com o fim de respondê-los, a pessoa precisa considerar cada valor e indicar o quanto o considera importante como um princípio que guia sua vida, utilizando escala de sete pontos, variando de **1** (*Totalmente não importante*) a **7** (*Totalmente importante*). Medeiros (2011) reúne evidências de seus parâmetros psicométricos, mostrando que esta medida apresenta evidências de validade fatorial e consistência interna.

6.2.4. Procedimento

A coleta dos dados foi realizada em ambiente coletivo de sala de aula, porém os instrumentos foram respondidos de forma individual. Inicialmente, procedeu-se com a explicação do objetivo geral da pesquisa, dando-se em seguida as instruções de como preencher o livreto contendo os instrumentos. A todos foi informado que não havia respostas certas ou erradas, e que seria garantido o anonimato e o sigilo na participação da pesquisa. Entretanto, informou-se também que, caso desejassem, poderiam deixar o estudo a qualquer momento, sem penalização. Por fim, atendendo recomendações éticas em pesquisa com seres humanos, todos os participantes do estudo assinaram Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Em média, o tempo para concluir sua participação no estudo foi de 30 minutos.

6.2.5. Análise dos dados

Para a confirmação da estrutura das medidas, fez-se necessário realizar uma Análise Fatorial Confirmatória (AFC), a qual optou-se pelo *software AMOS (Analysis of Moment Structures; versão 20)*, considerando-se a matriz de covariâncias e adotando o método de estimação ML (*Maximum Likelihood*). Em seguida, fez-se uso do programa estatístico PASW na versão 18, procedendo com análises descritivas (medidas de tendência central e dispersão) e multivariada (correlação r de Pearson, regressão hierárquica e alfa de Cronbach) com a finalidade de verificar quais os fatores dos construtos adição à *Internet*, amor, ciúme e valores humanos, podem explicar a atitude de infidelidade virtual.

A seguir, resumem-se os indicadores de qualidade de ajuste levados em consideração para testagem dos modelos (Byrne, 2001; Garson, 2003; Hu & Bentler, 1999):

Qui-quadrado (χ^2). Comprova a probabilidade do modelo se ajustar aos dados. Um valor do χ^2 estatisticamente significativo indica discrepâncias entre os dados e o modelo teórico que está sendo testado. É influenciado pelo tamanho da amostra e assume a multinormalidade do conjunto de variáveis.

Índice de Qualidade do Ajuste (*Goodness-of-Fit Index, GFI*) e *Índice de Qualidade do Ajuste Ponderado* (*Adjusted Goodness-of-Fit Index, AGFI*), este leva em conta os graus de liberdade do modelo com respeito ao número de variáveis consideradas. São recomendados valores de *GFI* e *AGFI* próximos ou superiores a 0,95 e 0,90, respectivamente.

Índice de Ajuste Comparativo (*Comparative Fit Index, CFI*) é um índice comparativo entre os modelos original e alternativos, adicional, de ajuste ao modelo, com valores mais próximos de 1 indicando melhor ajuste, sendo que valores próximos ou superiores a 0,90 sugerem aceitar o modelo como adequado.

Razão χ^2/gl (gaus de liberdade). É considerada uma qualidade de ajuste subjetiva. Um valor inferior a 5,00 pode ser interpretado como indicador de adequação do modelo teórico para descrever os dados, recomendando-se aqueles entre 2 e 3.

Raíz Quadrada Média Residual (*Root Mean Square Residual, RMR*). Baseia-se nos residuais, sendo que um valor próximo a zero significa que o modelo se ajusta aos dados, indicando que todos os residuais se apresentam mais perto deste valor. Considerar-se a *RMR* padronizada; um valor em torno de 0,05 é indicativo de adequação do modelo.

Raíz Quadrada Média do Erro de Aproximação (*Root Mean Square Error of Approximation, RMSEA*). Com relação aos valores de *RMSEA*, recomendam-se aqueles próximos a 0,08 ou inferiores, tomando em conta seu intervalo de confiança de 90% (*IC90%*); interpretam-se os valores altos como indicação de um modelo não ajustado.

Além destes indicadores, com o fim de comparar modelos rivais, procurou-se ter em conta dois indicadores: *CAIC* (Consistent Akaike Information Criterion) e $\Delta \chi^2 / \text{gl}$ (diferença entre os qui-quadrados dos modelos, tomando em conta seus respectivos graus de liberdade). O melhor modelo deve apresentar menores valores de *CAIC* e χ^2 , este precisando ser estatisticamente significativo ($p < 0,05$).

6.3. Resultados

Procura-se a seguir considerar separadamente as duas medidas aqui avaliadas, isto é, *Escala de Adição à Internet (EAI)* e *Escala de Infidelidade Virtual (EIV)*. Em ambos os casos, além de testar o modelo mais provável, que seria teoricamente esperado, testou-se também um modelo alternativo, unifatorial, que permite a contraprova da adequação de cada modelo. Portanto, principiam-se as análises para o primeiro instrumento mencionado.

6.3.1. Escala de Adição à Internet

Dois modelos foram testados para esta medida. O primeiro modelo (M_1) teve em conta três fatores, de acordo com a teoria que fundamentou esta medida; neste caso, os 18 itens foram distribuídos nos três fatores; e o segundo modelo (M_2) pressupôs que todos os 19 itens da versão brasileira se agrupariam em um único fator. Os resultados destas análises podem ser observados na Tabela 12 a seguir.

Tabela 12. Qualidade de ajuste de modelos alternativos da escala de Adição à Internet

Modelos	χ^2	gl	χ^2/gl	RMR	GFI	AGFI	CFI	RMSEA (90%IC)	CAIC
M_1	363,49	132	2,75	0,06	0,83	0,78	0,86	0,09 (0,08 – 0,10)	611,02
M_2	449,92	152	2,96	0,07	0,81	0,76	0,84	0,10 (0,09 – 0,11)	691,11

Nota: M_1 (Trifatorial); M_2 (Unifatorial)

No tocante ao primeiro modelo (M_1), isto é, admitindo três fatores (*retirada e problemas sociais; gestão do tempo e desempenho; realidade substituída*), este apresentou índices de ajustes aceitáveis (e.g., $GFI = 0,83$ e $CFI = 0,86$). Resultados menos promissores, contudo admissíveis observa-se também no segundo modelo (M_2) (e.g., $GFI = 0,81$ e $CFI = 0,84$), que admitiu todos os itens saturando em um único fator, conforme pode ser observado na Tabela 10. Quando estes modelos são diretamente comparados, parece evidente a melhor adequação do M_1 , que apresenta o menor $CAIC$, sendo que a diferença entre os respectivos qui-quadrados [$\Delta \chi^2 (20) = 86,43, p < 0,001$] é igualmente favorável a este modelo, que apresenta o menor valor. A seguir na Figura 7 é possível observar a representação da estrutura fatorial.

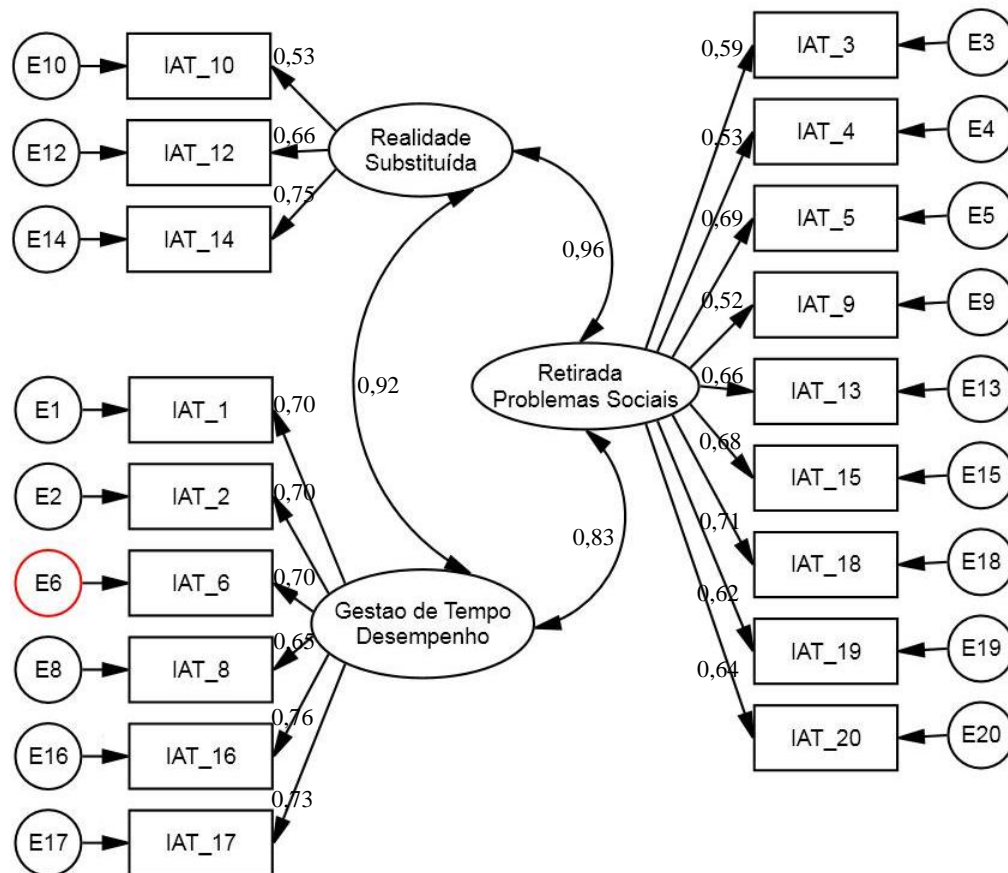


Figura 7. Modelo Trifatorial da escala de Adição à Internet

Portanto, os achados previamente descritos apontam que a *Escala de Adição à Internet*, em sua versão brasileira, reúne parâmetros psicométricos adequados, justificando uma estrutura tridimensional. Não obstante, verifica-se que o modelo (M₂) representado por uma única dimensão também apresentou indicadores de ajustes adequados conforme Tabela 12. A seguir é ilustrada a estrutura unifatorial.

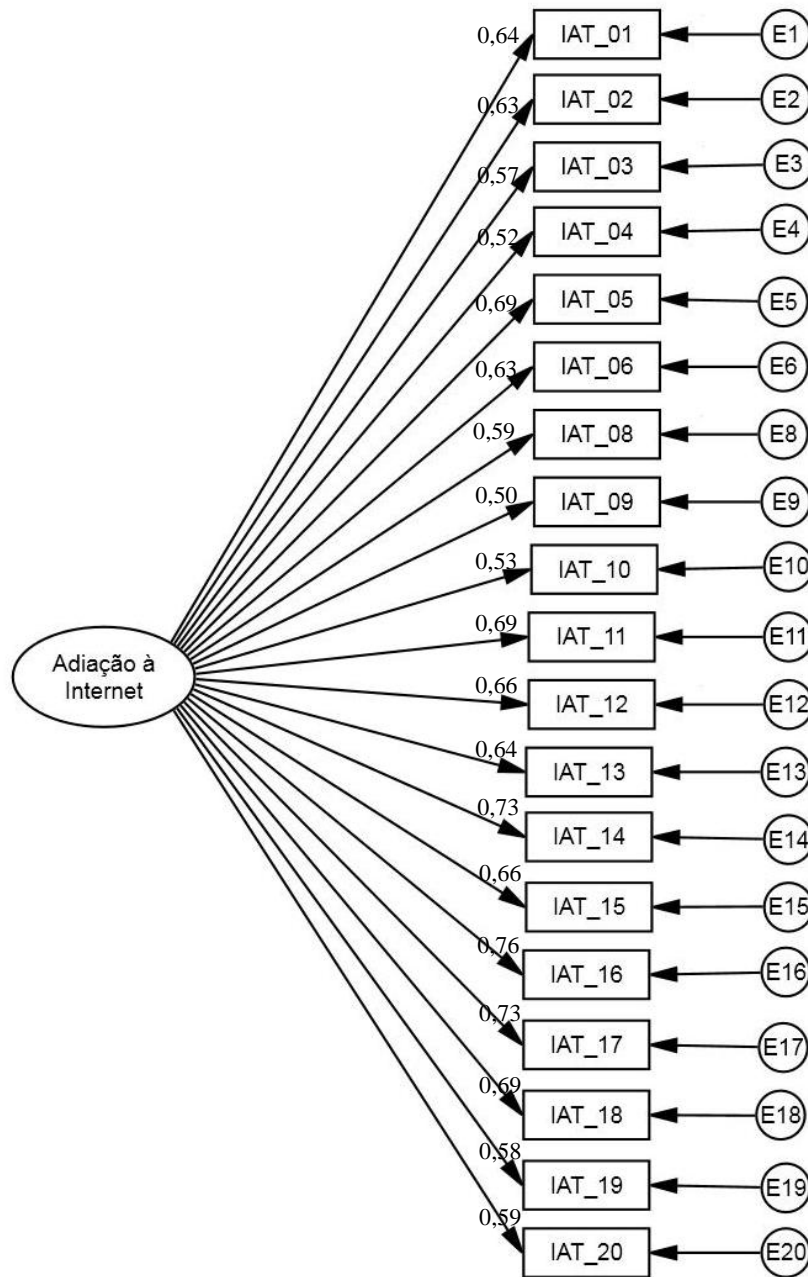


Figura 8. Modelo unifatorial estrutural da escala de Adição à Internet

Por fim, é importante destacar que todas as saturações foram estatisticamente diferentes de zero ($\lambda \neq 0$; $z > 1,96$, $p < 0,05$), assim como o foram as correlações (Φ) entre os três fatores para o modelo (M1) e um único fator no modelo (M2). Desta forma, embora seja mais plausível o modelo com três fatores, não parece completamente descartada a solução unifatorial. O que faz pensar que ambos os modelos podem ser considerado no contexto brasileiro.

6.3.2. Escala de Infidelidade Virtual

Procedeu-se às mesmas análises realizadas anteriormente. Neste caso concreto, teve-se em conta o conjunto dos 12 itens desta medida para testar três modelos: o primeiro (M₁), em linha com a teoria, pressupõe uma estrutura tetrafatorial (*amizade virtual, amizade face a face, salas de bate-papo quente e relação sexual*); o segundo modelo (M₂) agrupa os itens em dois fatores (*relação sexual e relação de amizade*); e, finalmente, o terceiro modelo (M₃) pressupõe uma estrutura unidimensional, com todos os itens saturando em um único fator. Os resultados destas análises são mostrados na Tabela 13.

Tabela 13. Ajuste dos modelos alternativos da Escala de Infidelidade Virtual

Modelos	χ^2	GI	χ^2/gl	RMR	GFI	AGFI	CFI	RMSEA (90%CI)	CAIC
1	149,36	47	3,18	0,12	0,89	0,82	0,97	0,10 (0,08 – 0,12)	346,12
2	635,40	53	11,99	0,36	0,63	0,45	0,82	0,23 (0,21 – 0,24)	794,08
3	908,26	54	16,82	0,26	0,47	0,23	0,73	0,27 (0,26-0,29)	1060,60

Nota: Modelo 1 (tetrafatorial); Modelo 2 (Bifatorial); Modelo 3 (Unifatorial)

De acordo com esta tabela, percebe-se claramente que o M₁, mais aceitável teoricamente sugerido, foi o que reuniu os melhores indicadores de ajuste (e.g., $GFI = 0,89$ e $CFI = 0,97$). Este modelo apresentou valor menor de $CAIC$ (346,12) do que os fizeram os

modelos M_2 e, principalmente, M_3 ; além disso, estatisticamente, o M_1 se mostrou superior aos outros dois modelos: M_2 [$\Delta \chi^2 (6) = 486,04, p < 0,001$] e M_3 [$\Delta \chi^2 (7) = 758,90, p < 0,001$]; este último modelo foi menos ajustado que o anterior [$\Delta \chi^2 (1) = 272,86, p < 0,001$]. É possível observar a representação gráfica do modelo tetrafatorial na Figura 9.

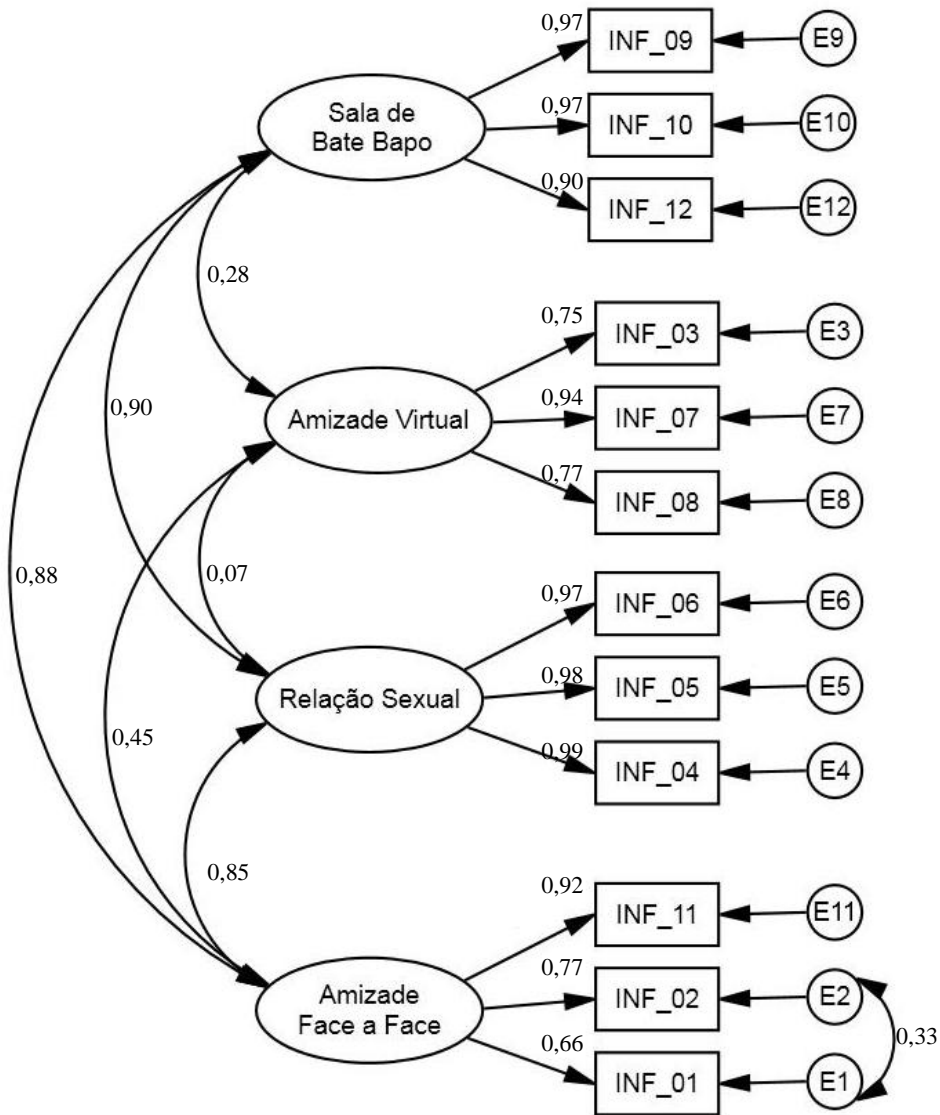


Figura 9. Modelo de equação estrutural da escala Infidelidade Virtual

Destaca-se que todas as saturações foram estatisticamente diferentes de zero ($\lambda \neq 0$; $z > 1,96, p < 0,05$). Este mesmo padrão foi observado para as correlações entre os fatores

desta medida, que sugere uma estrutura oblíqua. Portanto, espera-se alguma convergência entre o padrão de correlação de tais fatores com variáveis externas, embora, conforme a análise realizada, não possam ser confundidos ou agrupados sem qualquer justificativa.

Tabela 14. Estatísticas descritivas da medida de Infidelidade Virtual e seus correlatos

Dimensão	M	Dp																			
1. Relação Sexual	2,5	1,41																			
2. Amizade Virtual	2,2	0,96	0,26*																		
3. Amizade Face a Face	2,2	1,18	0,87*	0,46*																	
4. Sala de Bate-Papo	2,6	1,54	0,95*	0,30*	0,77*																
5. Retirada e Problemas Sociais	1,9	0,78	0,14	0,25*	0,15†	0,14†															
6. Gestão do Tempo e Desempenho	2,3	0,79	0,33*	0,29*	0,34*	0,30*	0,65*														
7. Realidade Substituída	1,9	0,75	0,18†	0,26*	0,20*	0,18†	0,70*	0,61*													
8. Não Ameaça	2,6	0,69	0,20*	-0,16†	0,10	0,18†	0,06	0,08	0,15†												
9. Exclusão	3,1	0,74	0,06	0,17†	0,09	0,06	0,04	0,09	0,00	-0,19*											
10. Compromisso	3,7	1,15	-0,01	-0,09	-0,06	0,03	-0,11	-0,19*	-0,25*	-0,21*	0,07										
11. Intimidade	3,6	0,96	0,02	-0,08	-0,05	0,05	-0,13	-0,09	-0,22*	-0,02	-0,03	0,70*									
12. Paixão Sexual	3,4	1,03	-0,09	0,02	-0,06	-0,03	0,05	-0,00	-0,02	-0,16†	0,10	0,62*	0,47*								
13. Paixão Romântica	3,5	0,92	-0,04	0,01	-0,04	0,01	0,05	-0,00	-0,06	-0,12	0,09	0,76*	0,66*	0,71*							
14. Experimentação	3,0	0,58	-0,18†	0,15†	-0,06	-0,13	0,18†	0,10	0,09	-0,30*	0,09	0,18†	0,07	0,43*	0,22*						
15. Realização	4,9	0,89	-0,28*	0,16†	-0,16†	-0,26*	0,09	-0,04	0,03	-0,36*	0,09	0,10	0,04	0,14†	0,12	0,47*					
16. Existência	6,2	0,73	-0,08	0,15†	-0,04	-0,03	0,02	0,03	0,02	-0,20*	0,21*	0,16†	0,19†	0,13	0,18†	0,37*	0,37*				
17. Suprapessoal	5,7	0,73	-0,26*	-0,05	-0,23*	-0,26*	-0,01	-0,11	0,02	-0,01	-0,10	0,06	0,15†	0,12	0,10	0,30*	0,25*	0,40*			
18. Interativa	5,9	0,74	0,02	-0,04	-0,01	0,04	0,06	-0,01	-0,02	-0,05	0,10	0,25*	0,26*	0,21*	0,26*	0,25*	0,16†	0,41*	0,36*		
19. Normativa	5,5	1,02	-0,32*	0,03	-0,30*	-0,27*	-0,15†	-0,27*	-0,14†	-0,36*	0,04	0,18†	0,12	0,06	0,14	0,05	0,30*	0,30*	0,26*	0,26*	
			1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	

Nota: † $p < 0,05$, * $p < 0,001$ (teste bicaudal)

Conforme é possível observar na Tabela 14, o construto infidelidade virtual se correlacionou com algumas dimensões das medidas de adição à *Internet*, ciúme romântico e valores humanos. Alguns destes construtos também se correlacionaram entre eles. Como forma de organizar tais achados, procura-se a seguir, considerar cada construto separadamente, avaliando em que medida seus fatores estão correlacionados com os demais, principiando com aquele que é o foco principal desta tese: *infidelidade virtual*.

Infidelidade Virtual. Os quatro fatores deste construto “*relação sexual, amizade virtual, amizade face a face e sala de bate papo*” se correlacionaram entre si ($p < 0,001$), verificando que a menor correlação foi entre *relação sexual e amizade virtual* ($r = 0,26$) e a maior correlação entre *relação sexual e sala de bate papo* ($r = 0,95$). Além disso, todos os fatores da escala de infidelidade virtual se correlacionou ($p < 0,05$) com duas medidas de adição à *Internet* (i) *gestão do tempo e desempenho*; (ii) *realidade substituída* e uma subfunção valorativa (i) *realização*. Foi observado que a maior correlação se deu entre *amizade face a face e gestão do tempo e desempenho* ($r = 0,34$) e a menor entre *amizade virtual e realização* ($r = 0,16$). Constatou-se que três dimensões da medida de infidelidade virtual se correlacionou ($p < 0,05$) com uma dimensão da medida de adição à *Internet* (i) *retirada e problemas sociais*; uma dimensão da medida de ciúme (i) *não ameaça*; e duas subfunções valorativas (i) *suprapessoal* e (ii) *normativa*. Dentre elas, a que obteve maior correlação foi *relação sexual e normativa* ($r = -0,32$), enquanto a menor correlação foi entre *bate-papo quente e retirada e problemas sociais* ($r = 0,14$). Observa-se também que duas dimensões da medida de infidelidade virtual (*relação sexual e amizade virtual*) se correlacionou ($p < 0,05$) com uma subfunção valorativa (*experimentação*), verificando que a maior correlação com a dimensão *relação sexual* ($r = -0,18$). E finalmente, nota-se que a dimensão *amizade virtual* se correlacionou ($p < 0,05$) com uma dimensão da medida de ciúme (i) *exclusão* e uma subfunção valorativa (i) *existência*.

Adição à Internet. As pontuações deste fator se correlacionaram com aquelas de dois componentes do amor [*compromisso* ($r = -0,25$) e *intimidade* ($r = -0,22$), $p < 0,05$ para ambos] e duas subfunções valorativas [*experimentação* ($r = 0,18$, $p < 0,05$) e *normativa* ($r = -0,27$, $p < 0,001$)].

Ciúme romântico. Seus dois fatores se correlacionaram negativamente entre si ($r = -0,19$, $p < 0,001$). Considerando isoladamente tais fatores, *exclusão* se correlacionou unicamente com a subfunção *existência* ($r = 0,21$, $p < 0,001$). Entretanto, seu outro fator, *não-ameaça*, o fez com duas dimensões da medida de amor: *compromisso* ($r = -0,21$, $p < 0,001$) e *paixão sexual* ($r = -0,16$, $p < 0,05$), porém sua correlação foi mais preponderante com as seguintes subfunções ($p < 0,001$): *experimentação* ($r = -0,30$), *realização* ($r = -0,36$), *existência* ($r = -0,20$) e *normativa* ($r = -0,36$).

Amor. Este construto se correlacionou com diversas subfunções valorativas. Concretamente, seu fator *compromisso* se correlacionou com *interativa* ($r = 0,25$, $p < 0,001$), *experimentação* ($r = 0,18$, $p < 0,001$), *normativa* ($r = 0,18$, $p < 0,05$) e *existência* ($r = 0,16$, $p < 0,05$); *intimidade* o fez com *interativa* ($r = 0,26$, $p < 0,001$), *existência* ($r = 0,19$, $p < 0,05$) e *suprapessoal* ($r = 0,15$, $p < 0,05$); *paixão sexual* se mostrou correlacionado com as subfunções *experimentação* ($r = 0,43$, $p < 0,001$), *realização* ($r = 0,14$, $p < 0,05$) e *interativa* ($r = 0,21$, $p < 0,001$); e, finalmente, *paixão romântica* se correlacionou com *interativa* ($r = 0,26$, $p < 0,001$), *experimentação* ($r = 0,22$, $p < 0,001$) e *existência* ($r = 0,18$, $p < 0,05$).

Por fim, procurando conhecer a contribuição dos múltiplos construtos para explicar as atitudes frente à infidelidade virtual, decidiu-se realizar uma análise de regressão linear hierárquica, tendo-a como variável dependente e considerando como variáveis independentes, nesta ordem, a adição à *Internet*, o ciúme, o amor e os valores humanos. A primeira variável contribuiu significativamente para a explicação das atitudes

frente à infidelidade virtual ($R = 0,25$, $R^2 = 0,06$; $F_{mudança} = 13,23$, $p < 0,001$); o ciúme romântico apresentou uma contribuição marginal ($R = 0,30$, $R^2 = 0,08$; $F_{mudança} = 3,01$, $p = 0,05$); a terceira variável independente, isto é, o amor, aportou muito pouco, não sendo uma contribuição significativa ($R = 0,34$, $R^2 = 0,08$; $F_{mudança} = 1,16$, $p > 0,05$); e, por fim, os valores humanos tiveram uma contribuição de destaque ($R = 0,49$, $R^2 = 0,18$; $F_{mudança} = 4,81$, $p < 0,001$).

Em resumo, percebe-se claramente que os valores humanos são fundamentais para compreender as atitudes frente à infidelidade virtual, mas também os outros construtos cuja ênfase sejam relações interpessoais (e.g., *amor*, *ciúme*). Além disso, deve-se destacar, neste marco, a contribuição da medida de *adição à Internet* como um construto relevante, sobretudo quando se tratam de atitudes que têm em conta as relações em contexto virtual.

6.4. Discussão Parcial

A comunicação mediada por computador é atualmente um meio importante de construção e manutenção de relações interpessoais, visto que os relacionamentos virtuais não são incomuns para muitos usuários da *Internet*, como foi visto no *marco teórico* desta tese. Portanto, estudá-la, de algum modo, favorece compreender práticas comuns de como as pessoas se relacionam no seu dia-a-dia. Na prática, tudo começa com o mero contato em uma sala de bate-papo virtual e se transforma, muitas vezes, em um relacionamento sério e duradouro, podendo comprometer o casamento ou a união estável. Interessante notar que estudos realizados nos Estados Unidos (Daneback, Mansson, & Ross, 2007), salientam que 83% das pessoas casadas tiveram um romance virtual não considerando essa prática como indicadora de infidelidade, porém, a mesma pesquisa revelou que 30% dos relacionamentos virtuais transformaram-se em realidade, de forma que 3 em cada 10

peessoas não se conformaram em manter apenas o contato virtual, passando para a prática presencial.

Este estudo visou comprovar a estrutura fatorial de duas medidas (*infidelidade virtual e adição à Internet*) relacionadas com o uso e a comunicação na *Internet*, como também relacionar estes construtos com as medidas (*amor tetragonal, ciúme romântico e valores humanos*), pois de acordo com os pressupostos da tese foi esperado encontrar uma relação entre elas, que possa auxiliar na elaboração de um modelo explicativo.

No que se refere à Escala de Infidelidade Virtual, os resultados deste estudo indicaram que o melhor modelo estrutural para o nosso contexto foi o de quatro fatores (*relação sexual, amizade face-a-face, amizade virtual e salas de bate-papo*), tal evidência corroborou com o estudo original (Wang & Hsiung, 2008).

Os resultados também corroboraram os resultados de Whitty e Gavin (2001) e Almeida (2007), no qual afirmam que a infidelidade virtual é originada a partir de salas de bate-papo virtual, que em geral à medida que passam a ser mais constantes e periódicos, culminam no comprometimento da união estável.

Ainda de acordo com Whitty (2010), a infidelidade virtual encontra-se também conectada a dois tipos de comportamentos, os sexuais e os emocionais. Nesse sentido, a medida de Infidelidade Virtual encontra-se enquadrado nestes dois tipos. Uma vez que relaciona o primeiro “*sexual*” a construção e manutenção de amigos do ambiente virtual para o real com o objetivo de realização sexual. O segundo “*emocional*” associa a obtenção sexual durante a interação com outra pessoa no ambiente cibernético.

Os resultados referentes à Escala de adição à *Internet* resultaram em dois modelos no que diz respeito à estrutura fatorial. O primeiro modelo se coaduna com a estrutura proposta originalmente (Young, 1998), constituída de três fatores (*retirada e problemas sociais, realidade substituída e gestão de tempo e desempenho*). Corroborando também

com os estudos desenvolvidos por Chang e Law (2008) quando da adaptação da referida escala para o contexto Chinês, apresentou a mesma estrutura fatorial do estudo original. O segundo modelo, apresentou uma estrutura unidimensional, assumindo parâmetros psicométricos aceitáveis. Portanto, o presente estudo evidencia que no contexto brasileiro pode-se utilizar tanto a estrutura tridimensional quanto a unidimensional. Até então, este segundo modelo não havia sido antevisto, desta forma, assinala-se aqui uma das contribuições deste estudo.

Após a realização das análises confirmatórias das *Escala de Adição à Internet* e *Escala de Infidelidade Virtual*, os resultados apoiaram a adequação destas medidas, que reuniram parâmetros psicométricos satisfatórios, justificando seu uso em estudos futuros.

Em relação à análise de correlação *r-Pearson*, os resultados apontaram que o construto de adição à *Internet* apresentou uma correlação positiva com a medida de infidelidade virtual. Estes resultados são semelhantes com os achados de Greenfield (2001) e Yellowlees e Marks (2005), que indicaram que a dependência da *internet* encontra-se associada a diferentes atividades *on-line* (e.g. jogos *on-line*, salas bate-papo), inclusive fatores relacionados com a sexualidade virtual.

Os resultados da correlação do construto ciúme romântico em relação à infidelidade virtual, apontaram uma correlação positiva. Este resultado se aproxima aos estudos de Goldenberg (2006) e Almeida (2007), quando estes autores salientam que o ciúme e a infidelidade encontram-se relacionados quando frente a uma ameaça no relacionamento amoroso. Resultado semelhante encontrado pelos autores Muise, Christofides e Desmarais (2009), mencionam a relação significativa entre a quantidade de tempo passada no site de rede social a sentimentos de ciúmes.

Já os valores humanos demonstrou haver uma correlação negativa com a medida de infidelidade virtual. Provavelmente, este resultado indica que indivíduos guiados pelas

funções do tipo: (1) existência – que se refere aos valores mais básicos de sobrevivência do homem; (2) realização – estes valores focam as realizações materiais e pessoais, direcionados no aqui e agora; (3) normativa – representa as necessidades focadas na observância das normas sociais; (4) suprapessoal – representam as necessidades de estética e de cognição; e (5) experimentação – representam as necessidades de sexo e gratificação (Gouveia et al., 2010), tendem a não fazer uso da *internet* como prática da infidelidade virtual.

Quanto ao construto amor, os dados indicaram não haver correlação com a medida de infidelidade virtual. Provavelmente, este resultado deve-se ao fato do construto infidelidade virtual não encontrar-se relacionado com as facetas de intimidade, compromisso, paixão romântica e erótica, que são elementos constituintes do amor. Pois segundo Kim e Hatfield (2004), o amor revela-se como um importante preditor da felicidade, satisfação e manutenção do casamento.

Nesta direção, deram-se os primeiros passos para elaborar um modelo aplicativo correspondente, partindo-se das evidências acerca das relações entre os construtos estudados. Conforme os achados, a infidelidade virtual se correlacionou com as medidas adição à *Internet*, ciúme romântico e valores humanos; a medida do amor tetragonal, embora não correlacionado com o construto infidelidade virtual, o fez, por exemplo, com o ciúme romântico e os valores humanos. Isso faz pensar em um conjunto de relações presumíveis, que estabelecem a infidelidade virtual como variável critério, podendo ser explicada pelos construtos de adição à *Internet* e valores humanos; caberá entender neste contexto os papéis dos construtos ciúme e amor. Estes aspectos motivaram o *Estudo 3*, descrito a seguir.

**CAPÍTULO 7. ESTUDO 3. INFIDELIDADE VIRTUAL: UMA EXPLICAÇÃO PAUTADA
EM VALORES, AMOR E CIÚME**

7.1. Introdução

O presente estudo não se centra na infidelidade consumada, mas nas atitudes frente à infidelidade virtual. Nesse direcionamento, procurou-se elaborar um modelo explicativo visando compreender quais os fatores sociais e afetivos que se encontram envolvidos com a prática da infidelidade virtual. Parte-se dos aportes teóricos do amor, ciúme romântico e valores humanos, conforme detalhados nos capítulos do *marco teórico* previamente apresentado.

Na literatura específica acerca deste construto, observa-se que várias áreas do conhecimento, como a Antropologia, a Sociologia e a Psicologia, têm se debruçado a investigar o ato de infidelidade entre os casais. Alguns estudos tem-se voltado para questões com ênfase em variáveis sociais (e.g., influência cultural e/ou religiosa) e outros que abordam mais aquelas individuais (e.g., crenças, valores, traços de personalidade, tipos de amor) (Cavalcanti, 2007; Becker et al., 2004).

Na vida real, a infidelidade é vista como um dos maiores determinantes na dissolvência de um relacionamento amoroso, pois encontra-se envolvida por questões individuais e emocionais extremamente intensas (Cavalcanti, 2007). O ato da infidelidade, em geral, é estudado como momento de absoluto transtorno, implicando um sofrimento comumente acentuado entre os participantes (Shackelford, Buss & Bennett, 2002).

No campo da Psicologia, especificamente, as pesquisas desenvolvidas se concentram nas áreas da Psicologia Social e Clínica. Por exemplo, alguns estudos têm verificado que razões de cunho sexual e afetivo são as principais motivações para praticar o ato de infidelidade (Schützwohl, 2004; Shackelford, Buss & Bennett, 2002). Quanto às reações, tais estudos demonstram que quando uma pessoa descobre a infidelidade de seu(sua) companheiro(a), é acometido de uma série de sensações de sofrimento, tais como: raiva, descontentamento, insegurança e desconfiança.

Em relação à infidelidade virtual, existem dois fatores que favorecem a procura desse tipo de comportamento. O primeiro diz respeito ao anonimato nas trocas de mensagens eletrônicas. Em geral, esse tipo de relação permite aos usuários se envolverem secretamente em bate-papos eróticos sem o medo de ser pego por seu parceiro. O segundo refere-se a variedade de aplicações interativas existentes no mundo *on-line*. Em geral, estas duas modalidades iniciam-se a partir de uma troca simples de *e-mail* ou um encontro em sala de bate-papo virtual, que pode rapidamente se transformar em um relacionamento amoroso virtual intenso.

7.2. Delineamento e Hipóteses

O presente estudo se pauta em um delineamento correlacional, considerando medidas de natureza *ex post facto*. Embora o propósito seja elaborar um modelo explicativo, causal, não se trata de estabelecer causas e efeitos, mas fixar relações de precedência no espaço, de modo a permitir identificar os antecedentes da infidelidade virtual. Nesse sentido foram elaboradas as seguintes hipóteses alternativas:

Hipótese 1. Valores pessoais se correlacionarão positivamente com a medida de infidelidade virtual.

Hipótese 2. Valores centrais não se correlacionarão com a infidelidade virtual.

Hipótese 3. Valores de cunho social correlacionarão negativamente com a medida de infidelidade virtual.

Hipótese 4. Participantes que apresentam uma maior pontuação na adição à *Internet* pontuarão mais na medida de infidelidade virtual.

Hipótese 5. Espera-se encontrar diferença entre os sexos em relação as medidas de adição à *Internet* e infidelidade virtual.

Hipótese 6. Homens e mulheres não diferem quanto ao uso abusivo da *Internet*.

7.3. Método

7.3.1. Participantes

Participaram deste estudo 204 indivíduos que responderam os questionários no ambiente virtual, com idade variando de 17 a 66 anos ($m = 29,3$; $dp = 10,34$), a maioria do sexo feminino (59,8%) e solteiros (67,2%). Destes, 2/3 indicaram ter algum tipo de relacionamento (65,1%), como namoro ocasional, fixo ou mesmo noivado. Majoritariamente, se declararam ser de religião católica (56,4%). 36,1% afirmaram ter iniciado algum tipo de relacionamento pela *Internet*, 54,7% indicou ter traído pelo menos uma vez, 25,6% informou já ter praticado o sexo virtual, e finalmente, quando perguntado se considera que exista infidelidade virtual, 90,2 % afirmaram que sim.

7.3.2. Instrumentos

Consideraram-se neste estudo os mesmo instrumentos que foram aplicados no *Estudo 2*, isto é, *Escala de Adição à Internet*, *Escala de Infidelidade Virtual*, *Escala de Ciúme Romântico*, *Escala Tetragonal do Amor* e *Questionários dos Valores Básicos*, além de perguntas demográficas (sexo, idade, religião, estado civil e tipo de relacionamento, caso estivesse envolvido em algum).

7.3.3. Procedimento

Inicialmente, foi desenvolvido um formulário *on-line* contendo todas as medidas e perguntas demográficas. Todos os instrumentos foram auto-aplicáveis, de modo que apresentavam instruções acerca de como respondê-los; também constou a garantia de que seriam assegurados o anonimato e a confidencialidade das respostas. Em seguida, o

formulário foi alojado no servidor da *Google*, ficando disponível o endereço eletrônico em *sites* de relacionamentos, tais como *facebook*, *orkut* e listas de discussão que abordassem a temática. O formulário *on-line* ficou disponível por um período de 45 dias nos meses de Junho a Julho de 2012. Portanto, aos participantes que concordassem em participar da presente pesquisa, era informado que o tempo médio para preenchimento do formulário seria de 30 minutos, aproximadamente, e que deveriam respondê-lo até o final para validar sua participação. No entanto, havia informações de que o participante poderia abandonar o estudo a qualquer momento, sem que houvesse penalização. Indicou-se que sua participação no estudo seria tomada como concordância deliberada em colaborar, substituindo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

7.3.4. Análise dos dados

Utilizou-se para a análise dos dados o programa PASW (versão 18), efetuando análise estatística descritiva (média, desvio padrão e frequência) e multivariada (correlação *r* de Pearson, regressão linear hierárquica e alfa de *Cronbach*). De acordo com o objetivo principal deste estudo, isto é, elaborar um modelo causal explicativo, procurou-se realizar as análises com o programa estatístico *AMOS* (*Analysis of Moment Structures*; na versão 20), considerando-se a matriz de covariâncias e adotando o método de estimação ML (*Maximum Likelihood*). Buscou-se testar modelos alternativos, definindo aquele que se mostrou mais promissor. No caso, levaram-se em consideração os diferentes indicadores de ajuste para a tomada de decisão (Byrne, 2001; Garson, 2003; Hu & Bentler, 1999), os quais já foram detalhados no *Estudo 2*.

7.4. Resultados

7.4.1. Estatísticas descritivas e consistência interna das medidas utilizadas

Após serem confirmadas as estruturas das medidas *Infidelidade Virtual e Adição à Internet* no Estudo 2, procurou-se calcular as estatísticas descritivas e consistência interna (alfa de *cronbach*) de todas as medidas utilizadas no Estudo 3. Em seguida são apresentados os resultados considerando como base a sua estrutura fatorial, assim, para a medida de infidelidade virtual, fez-se uso das dimensões (*amizade virtual, amizade face-a-face, sala de bate-papo e relação sexual*); a adição à *Internet* (*gestão de tempo e desempenho, realidade substituída e retirada e problemas sociais*); ciúme (*não-ameaça e exclusão*); amor (*intimidade, compromisso, paixão sexual e paixão romântica*) e as subfunções valorativas do questionário de valores humanos (*interativa, normativa, existência, experimentação, suprapessoal e realização*).

Tabela 15. Estatística descritiva para as escalas utilizadas no estudo 2

<i>Escalas/Fatores</i>	<i>Número de Itens</i>	<i>Alfa de Cronbach</i>	<i>média</i>	<i>dp</i>
Infidelidade Virtual				
Relação Sexual	3	0,70	2,4	1,78
Amizade Face-a-Face	3	0,85	2,2	1,18
Sala de Bate-Papo	3	0,96	2,4	1,52
Amizade Virtual	3	0,85	2,3	0,89
Adição à Internet				
Gestão de Tempo e Desempenho	4	0,82	2,6	0,78
Realidade Substituída	4	0,76	2,1	0,76
Retirada e Problemas Sociais	11	0,89	1,8	0,58
Amor Tetrangular				
Compromisso	5	0,92	3,8	1,11
Intimidade	5	0,87	3,6	0,91
Paixão Romântica	5	0,90	3,5	0,99
Paixão Sexual	5	0,82	3,4	0,99
Ciúme Romântico				
Não-Ameaça	14	0,87	2,7	0,76
Exclusão	10	0,78	3,3	0,78
Valores Humanos				
Experimentação	3	0,60	5,1	0,88
Suprapessoal	3	0,56	5,6	0,84
Interativa	3	0,55	5,8	0,78
Existência	3	0,61	6,1	0,83
Normativa	3	0,60	5,3	1,14
Realização	3	0,65	5,0	0,98
Social	6	0,71	5,5	0,84
Central	6	0,75	5,9	0,73
Pessoal	6	0,75	5,0	0,82

Conforme os achados da Tabela 15, os dados referentes à consistência interna das medidas utilizadas foram considerados aceitáveis, visto que a maioria apresentou valores recomendados pela literatura $> 0,60$ (Hair et al., 2009), com exceção de duas subfunções valorativas a *suprapessoal* e a *interativa* (0,56; 0,55) respectivamente. As explicações para tais valores se justificam provavelmente em decorrência do construto que está sendo analisado e em razão da sensibilidade do alfa de *Cronbach* com relação ao número de itens que compõem a escala ou o fator, neste caso específico, as subfunções valorativas apresentam apenas três itens por fator.

7.4.2. Testando as Hipóteses

Neste tópico foram feitas análises de correlação e teste *t* de *Student* para amostra independentes com o objetivo de testar as hipóteses levantadas no início deste estudo: (1) valores pessoais se correlacionarão positivamente com a medida de infidelidade virtual; (2) valores centrais não se correlacionarão com a infidelidade virtual; (3) valores de cunho social correlacionarão negativamente com a medida de infidelidade virtual; (4) participantes que apresentam uma maior pontuação na adição à *Internet* pontuarão mais na medida de infidelidade virtual; (5) espera-se encontrar diferença entre sexo em relação à medida de infidelidade virtual; e (6) homens e mulheres não diferem quanto ao uso abusivo da *Internet*.

E, finalmente, procurou-se organizar os resultados de acordo com o tipo de análise efetuada, procurando estruturá-los de forma a facilitar a elaboração do modelo explicativo. Neste sentido, primeiramente foram avaliadas as correlações, depois procurou-se definir um modelo geral por meio da regressão e, finalmente estabelecer o modelo explicativo resultante, verificando seus indicadores de ajuste.

Iniciou-se com a verificação das **hipóteses 1, 2 e 3**, entre os valores humanos e as atitudes consideradas como atos de infidelidade virtual. Assim, a partir da análise de correlação r de Pearson observaram-se as relações entre os tipos de orientação com a medida de infidelidade virtual, os resultados são mostrados na Tabela 16.

Tabela 16. Correlação entre infidelidade virtual e valores humanos

Valores	Tipo de Orientação		
	Social	Central	Pessoal
Infidelidade Virtual	-0,18**	-0,17*	0,19**

*Notas: * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$*

De acordo com a Tabela 16, verificou-se que a **hipótese 1** foi corroborada, apresentando uma correlação positiva ($r = 0,19$; $p < 0,01$) entre as duas variáveis. Provavelmente, este resultado pressupõe que pessoas pautadas pela orientação pessoal encontram-se predispostas a praticarem atitudes de infidelidade virtual. De acordo com Gouveia et al. (2012), este tipo de orientação encontra-se associado às necessidades fisiológicas de satisfação, em sentido amplo, ou a suposição do princípio de prazer, além das necessidades de autoestima.

A **hipótese 2** – valores centrais não se correlacionarão com a infidelidade virtual – foi observado haver uma correlação negativa ($r = -0,17$, $p < 0,05$) entre estas duas dimensões, apontando que ambas variáveis caminham de lados opostos. Esta hipótese não foi corroborada, não obstante, tal resultado provavelmente deva-se pelo fato de que este tipo de orientação serve como fonte principal ou referência para os outros valores (Gouveia et al., 2009).

A **hipótese 3** – valores de cunho social correlacionarão negativamente com a medida de infidelidade virtual – foi constatado que ambas as dimensões estão correlacionadas negativamente ($r = -0,18$; $p < 0,01$), desta forma, confirmando a hipótese

de que indivíduos pautados com um tipo de orientação social não buscam se aventurar no meio virtual em busca de novos prazeres.

Para testar a **hipótese 4** – participantes que pontuassem alto na medida de adição a *Internet* apresentariam pontuações altas (correlação positiva) com as atitudes de infidelidade virtual – os resultados apontaram uma correlação moderada positiva ($r = 0,26$; $p < 0,001$), demonstrando que ambos os construtos caminham na mesma direção. Tal resultado é corroborado com diversos estudos (Greenfield & Yan, 2006; Young & Abreu, 2011) ao afirmarem que embora a *Internet* tem impactos positivos, também oferece grandes preocupações nas sociedades acarretando diversos problemas sociais, a exemplo: vício, infidelidade virtual, privacidade, crimes virtuais, segurança, pornografia e etc.

Já a **hipótese 5** – espera-se encontrar diferença entre sexo em relação a medida de infidelidade virtual – de acordo com os resultados verificou-se haver diferença significativa [$t(180,94) = 2,36$; $p < 0,05$] entre os sexo para a medida de infidelidade virtual. Percebeu-se que os homens obtiveram uma pontuação maior ($m = 2,6$; $dp = 1,10$) do que as mulheres ($m = 2,1$; $dp = 1,17$). Este resultado é corroborado com estudos de Freitas e Moura (2011) ao afirmarem que a infidelidade tem significados diferentes para homens e mulheres, enquanto para os homens encontra-se atrelado a satisfação fisiológica, para as mulheres envolve mais sentimentos (Gouveia et al., 2010).

A **hipótese 6** – homens e mulheres não diferem quanto ao uso abusivo da *Internet* – a partir do teste t de *Student* para amostra independentes constatou-se não haver diferença significativa entre homens e mulheres [$t(83,99) = 1,56$; $p = 0,15$]. As médias de ambos situaram-se em $m = 2,1$ ($dp = 0,78$) e $m = 2,0$ ($dp = 0,66$), respectivamente. Este resultado é corroborado com estudos de Young e Abreu (2011) ao afirmar que o vício da

Internet não faz diferenciação de sexo, levando o indivíduo a desenvolver comportamentos compulsivos, e ou, sintomas depressivos, insônia e irritabilidade.

Em seguida buscou-se conhecer em que medida os participantes diferem na avaliação dos atos de infidelidade virtual a partir dos construtos valores humanos, adição à *Internet*, ciúme e amor. Fez uso da análise critério da mediana empírica para definir os grupos critério. Foram criados os grupos “*pontuação inferior e pontuação superior*”, de acordo com as pontuações totais dos participantes fossem abaixo ou acima da mediana, respectivamente. Após a formação dos grupos, realizou-se um teste *t* de *Student* para amostras independentes. Os resultados são apresentados na tabela 17.

Tabela 17. Diferença intra-grupos da medida de Infidelidade Virtual com relação aos Valores Humanos

Infidelidade Virtual	Grupo Critério	<i>média</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>P</i>
Normativo	Superior	2,2	0,99	3,48	175	0,001*
	Inferior	2,8	1,21			
Experimentação	Superior	2,3	1,10	-1,69	174,76	0,09
	Inferior	2,6	1,21			
Interativa	Superior	2,4	1,17	1,05	119,24	0,29
	Inferior	2,4	1,11			
Suprapessoal	Superior	2,1	1,05	3,33	156,09	0,001*
	Inferior	2,7	1,17			
Realização	Superior	2,0	1,10	3,45	166,95	0,001*
	Inferior	2,6	1,08			
Existência	Superior	2,4	1,21	1,27	161,05	0,60
	Inferior	2,5	1,06			

Nota: * $p < 0,001$

De acordo com os resultados da Tabela 17, os achados revelaram uma diferença significativa [$t(175) = 3,48, p < 0,001$] entre os grupos superiores e inferiores com relação a subfunção *normativa*, observando que o grupo inferior obteve uma maior pontuação ($m = 2,8; dp = 1,21$) do que o superior ($m = 2,2; dp = 0,99$). Tal resultado indica que pessoas com pontuações superiores dão maior importância a preservação da cultura e das normas convencionais/sociais, rejeitando qualquer atitude que leve a prática de atos de infidelidade virtual. Com relação a faceta *suprapessoal*, o resultado também evidenciou uma diferença significativa [$t(156,09) = 3,33; p < 0,001$], observa-se que o grupo inferior pontuou mais ($m = 2,7; dp = 1,17$) do que o superior ($m = 2,1; dp = 1,05$). Tal resultado sugere que indivíduos que pontuam menos nesta subfunção apresentem comportamentos que levem a cometer atos de infidelidade. Esta subfunção encontra-se dentro de uma orientação central, sendo representados pelas necessidades estéticas e de cognição do indivíduo (Gouveia et al, 2009; Medeiros, 2011). Já a subfunção *realização*, a qual encontra-se atrelada aos valores que são os princípios guias de nossas vidas, assumindo valor como realizações materiais, com base nas competências pessoais (Gouveia et al., 2011), foi encontrado diferença significativa [$t(166,95) = 3,45; p < 0,001$] entre os grupos, sugerindo que indivíduos com pontuações menores apresentam uma tendência a desenvolver atitudes que venham a se tornar atos de infidelidade virtual.

Para a subfunção *experimentação*, os dados apontam uma diferença marginal ($p = 0,09$), contudo observou-se uma pontuação invertida, ou seja, o grupo inferior apresentou $m = 2,6$ ($dp = 1,21$) maior do que grupo superior $m = 2,3$ ($dp = 1,10$). Tal resultado pode ser explicado provavelmente devido esta subfunção estar associada às necessidades fisiológicas de satisfação e princípio de prazer pelo contato real (Gouveia et al.,2009), diferentemente do construto em questão que mede o ato de infidelidade virtual.

Para as subfunções *interativa* e de *existência* não foi verificado diferença estatística entre os grupos superiores e inferiores. Provavelmente, este resultado deveu-se pelo fato delas estarem associadas com as necessidades de pertença, amor e afiliação no caso do valor interacional e, o valor existência com questões de sobrevivência, ou seja, as necessidades fisiológicas mais básicas (e.g. beber, dormir, comer) (Gouveia et al., 2009; Pessoa, 2011).

Foi realizado o mesmo teste estatístico para a medida da adição à *Internet* e suas dimensões com relação a infidelidade virtual, os dados são apresentados na Tabela 18.

Tabela 18. Diferença intra-grupos da medida de Infidelidade Virtual em relação à Adição à *Internet*

Infidelidade Virtual	Grupo Critério	média	Dp	t	Gl	P
Realidade Substituída	Superior	2,7	1,02	-2,13	183	0,05*
	Inferior	2,2	1,28			
Gestão de Tempo e Desempenho	Superior	3,0	1,02	-5,57	177,89	0,001***
	Inferior	2,0	1,10			
Retirada e Problemas Sociais	Superior	2,7	1,03	-2,32	189	0,05*
	Inferior	2,2	1,22			

Nota: * p < 0,05; ** p < 0,01; *** p < 0,01

Como pode ser verificado na tabela acima, os resultados para a medida de adição à *Internet* demonstrou haver diferença significativa ($p < 0,05$) entre os grupos, apontando que indivíduos que apresentam uma pontuação maior, provavelmente encontram-se mais susceptíveis a desenvolver comportamentos de infidelidade virtual. Tal resultado é corroborado com estudos desenvolvidos por Whitty (2010), onde afirma que as tecnologias estão modificando a natureza dos relacionamentos na vida real. Para Guimarães (2004), o

uso prolongado da *Internet* vem atender a uma necessidade natural da pessoa, dessa forma, possibilitando fazer novas descobertas, e preencher carências afetivas.

A seguir fez-se a mesma análise para as medidas de ciúme e de amor, os resultados são descritos na Tabela 19.

Tabela 19. Diferença intra-grupos da medida Infidelidade Virtual com relação às de ciúme e amor

Infidelidade Virtual		Grupo Critério	média	Dp	T	gl	p
Ciúme	Não-ameaça	Superior	2,2	1,08	0,93	202	0,35
		Inferior	2,4	1,23			
	Exclusão	Superior	2,5	1,07	-1,63	184	0,10
		Inferior	2,2	1,29			
Amor	Intimidade	Superior	2,3	1,23	-0,08	182	0,94
		Inferior	2,2	1,01			
	Compromisso	Superior	2,3	1,27	0,04	179	0,92
		Inferior	2,4	1,03			
	Paixão Romântica	Superior	2,2	1,25	0,88	186	0,37
		Inferior	2,4	1,07			
	Paixão Sexual	Superior	2,4	1,12	-0,64	201,15	0,52
		Inferior	2,3	1,20			

Nota: * p < 0,05; ** p < 0,01; *** p < 0,01

Conforme pode ser observado na tabela acima, as medidas de ciúme e amor não obtiveram em nenhuma diferença significativa para qualquer dimensão. Provavelmente, este resultado pode ser explicado a partir dos sentimentos que estão envolvidos e que são difíceis de definição.

7.4.2. Correlatos da Infidelidade Virtual

Procurou-se primeiramente conhecer em que medida a dimensão de infidelidade virtual se correlacionaria com cinco variáveis demográficas (idade, sexo, prática de sexo virtual, religiosidade e traição real ou virtual), efetuando uma correlação de Pearson. No caso das variáveis dicotômicas, foram tratadas como *dummy*, como seguem: *sexo* (0 = Feminino, 1 = Masculino), *evento de traição real ou virtual* (0 = Não, 1 = Sim) e *prática de sexo virtual* (0 = Não, 1 = Sim). No caso, unicamente se observou correlações significativas do julgamento correspondente à infidelidade virtual com as variáveis: sexo ($r = 0,16$, $p < 0,05$) e idade ($r = -0,18$, $p < 0,05$). Portanto, homens tendem a julgar mais favoravelmente atos de infidelidade em ambiente virtual, enquanto as pessoas mais velhas apresentam um padrão contrário a este.

Posteriormente, resolveu-se correlacionar a pontuação em infidelidade virtual com aquelas dos fatores de adição à *Internet*, amor, ciúme e valores humanos, controlando o efeito das variáveis sexo e idade. Neste caso, unicamente se observaram correlações significativas com dois fatores: a subfunção normativa ($r = -0,15$, $p < 0,05$) e a dimensão de ciúme exclusão ($r = 0,15$, $p < 0,05$). Deste modo, pessoas que se pautam por valores normativos são menos prováveis concordar com atos que indiquem infidelidade virtual, porém aquelas que pontuam alto em exclusão não percebem tais atos como evidenciando esta infidelidade.

Aqui é importante observar que se tratou a infidelidade virtual como uma única dimensão, o que, segundo o Estudo 2, parece ser um modelo menos provável. Desta forma, procurou-se repetir estas análises considerando os fatores específicos de infidelidade. No caso das variáveis demográficas, unicamente a religiosidade não se correlacionou com as pontuações em infidelidade virtual; o sexo o fez com os fatores relação sexual ($r = 0,14$, $p < 0,05$), amizade face a face ($r = 0,14$, $p < 0,05$) e sala de bate-papo ($r = 0,16$, $p < 0,05$); a

idade o fez com amizade face a face ($r = -0,17, p < 0,05$), sala de bate-papo ($r = -0,14, p < 0,05$) e amizade virtual ($r = 0,28, p < 0,001$); evento de traição real ou virtual se correlacionou unicamente com amizade virtual ($r = 0,22, p < 0,01$); e, finalmente, sexo virtual o fez com os fatores sala de bate-papo ($r = 0,14, p < 0,05$) e amizade virtual ($r = 0,16, p < 0,05$).

As variáveis demográficas que se mostraram relevantes na análise prévia foram introduzidas como covariantes, calculando correlações parciais dos fatores de infidelidade virtual com as demais variáveis. No caso, relação sexual se correlacionou significativamente com exclusão ($r = 0,12, p < 0,05$) e normativa ($r = -0,13, p < 0,05$), tendo sido marginalmente significativa sua correlação com paixão romântica ($r = -0,10, p = 0,08$); amizade face a face se correlacionou com exclusão ($r = 0,16, p < 0,05$) e normativa ($r = -0,12, p < 0,05$), sendo sua correlação marginal com suprapessoal ($r = -0,10, p < 0,09$); sala de bate-papo o fez com exclusão ($r = 0,14, p < 0,05$) e normativa ($r = -0,14, p < 0,05$), sendo marginal sua correlação com compromisso ($r = 0,12, p = 0,07$); e, por fim, amizade virtual se correlacionou significativamente com existência ($r = -0,14, p < 0,05$), tendo feito apenas marginalmente com exclusão ($r = 0,10, p = 0,09$).

Em resumo, parece evidente que a infidelidade virtual, mesmo controlando o efeito de variáveis demográficas, correlacionaram-se com fatores de amor, ciúme e valores humanos. Resta, entretanto, conhecer a contribuição de cada um destes construtos para explicar a infidelidade virtual. No caso, passa-se a seguir a calcular uma regressão hierárquica para fator de infidelidade virtual.

7.4.3. Explicação da Infidelidade Virtual

Nesta oportunidade, como anteriormente ficou evidenciado, o propósito é conhecer a contribuição dos construtos amor, ciúme e valores humanos para explicar a

medida de infidelidade virtual. Lembrando, os componentes de adição à *Internet* não foram incluídos em razão de não terem apresentado qualquer correlação com a infidelidade virtual. Ressalta-se que para cada fator desta medida foi realizada uma regressão linear hierárquica, introduzindo as variáveis antecedentes na seguinte ordem: demográficas, amor, ciúme e, por fim, valores humanos. Para cada construto foram incluídos apenas seus fatores que se mostraram relevantes nas análises prévias, excluindo os demais de modo a não tornar o modelo desnecessariamente complexo. Os resultados destas análises podem ser observados na Tabela 20 a seguir.

Tabela 20. Fatores explicadores da infidelidade virtual

Variável Critério	Modelo	R	R ²	R ² <i>Ajustado</i>	Estatísticas de Mudança			
					F Mudança	gl1	gl2	p
Relação sexual	1	0,18	0,03	0,01	1,63	4	197	0,16
	2	0,29	0,08	0,06	5,50	2	195	0,01**
	3	0,32	0,10	0,07	3,65	1	194	0,05*
	4	0,34	0,12	0,07	1,01	3	191	0,38
Amizade face a face	1	0,23	0,05	0,03	2,63	4	197	0,05*
	2	0,26	0,07	0,04	1,52	2	195	0,22
	3	0,31	0,09	0,06	5,91	1	194	0,01**
	4	0,33	0,11	0,06	0,94	3	191	0,42
Sala de bate-papo	1	0,25	0,06	0,04	3,18	4	197	0,01**
	2	0,31	0,10	0,07	3,99	2	195	0,05*
	3	0,34	0,12	0,09	4,17	1	194	0,05*
	4	0,37	0,14	0,09	1,56	3	191	0,20
Amizade virtual	1	0,36	0,13	0,11	7,47	4	197	0,001***
	2	0,39	0,15	0,12	2,06	2	195	0,130
	3	0,40	0,16	0,13	1,85	1	194	0,176
	4	0,42	0,17	0,13	1,27	3	191	0,287

Nota: * p < 0,05; ** p < 0,01; *** p < 0,001; Modelo 1 (Demográfico); Modelo 2 (Amor); Modelo 3 (Ciúme); Modelo 4 (Valores Humanos)

Conforme é possível observar nesta tabela, as variáveis demográficas, amor, ciúme e valores humanos explicam de 3 a 17% da variabilidade das pontuações dos fatores de infidelidade virtual. Mesmo controlando o efeito das variáveis demográficas, os demais fatores têm contribuição significativa para explicar este tipo de infidelidade, excetuando o caso da dimensão amizade virtual, quando as variáveis demográficas parecem ser preponderantes.

Em razão dos resultados previamente descritos, parece prudente tomar em conta a infidelidade virtual como um construto latente, formado por quatro dimensões, procurando relacionar a influência das demais variáveis ou fatores explicativos. Este intento é realizado a seguir.

7.4.4. Modelo Causal da Infidelidade Virtual

Na elaboração do modelo explicativo da infidelidade virtual, levou-se em consideração os resultados dos Estudos 2 e 3. Deste modo, foram realizadas testagem a partir de três modelos alternativos e analisados qual modelo obteve melhores indicadores de ajuste, para em seguida tomar como modelo explicativo aquele que se mostrar mais promissor.

O primeiro modelo (M_1), em linha com os achados do Estudo 2 (ver Tabela 14) pressupõe às três dimensões da medida de adição à *Internet* (retirada e problemas sociais, realidade substituída e gestão de tempo e desempenho), duas dimensões de ciúme romântico (não ameaça e exclusão) e cinco das subfunções valorativas (experimentação, realização, existência, suprapessoal, normativa). Na estrutura formal deste modelo, os construtos se posicionaram verticalmente, porém, sem hierarquização de valor, isto é, todos os três contribuindo diretamente para explicar o ato de infidelidade virtual. Vale

destacar que a retirada da subfunção interativa deveu-se a mesma não apresentar nenhuma correlação com a medida de Infidelidade Virtual.

O segundo modelo (M_2) tomou como base os mesmos construtos do (M_1) valores humanos, ciúme e adição à *Internet*, respectivamente, porém com sua disposição estrutural diferente, ou seja, as dimensões do questionário dos valores humanos e ciúme numa mesma coluna sem hierarquização, mediada pela adição à *Internet*.

O terceiro modelo (M_3) utilizou todas as dimensões dos construtos amor tetragonal, ciúme romântico, adição à *Internet* e o questionário de valores humanos, porém a sua estrutura deu-se da seguinte forma: as medidas dos valores humanos, ciúme romântico e amor tetragonal se posicionaram em um mesmo eixo (vertical), enquanto que, o construto adição à *Internet* se posicionou em um eixo horizontal (mediador). Os três primeiros contribuindo para explicar a infidelidade virtual, a partir da mediação da adição à *Internet*.

Tabela 21. Ajuste dos Modelos Alternativos para explicar a Infidelidade Virtual

Modelos	χ^2	gl	χ^2/gl	RMR	GFI	AGFI	CFI	RMSEA (90%CI)	CAIC
1	81,08	38	2,13	0,05	0,93	0,88	0,92	0,07 (0,05 – 0,09)	257,99
2	190,96	27	7,07	0,12	0,82	0,70	0,56	0,17 (0,15 – 0,19)	304,68
3	198,66	72	2,76	0,06	0,87	0,81	0,88	0,09 (0,08 – 0,10)	407,16

De acordo com os dados da Tabela 21, verificou-se que o M_1 foi o que melhor apresentou os indicadores de ajustes (e.g., $GFI = 0,93$ e $CFI = 0,92$). Este modelo apresentou o menor valor $CAIC$ (257,99) comparado com os demais modelos M_2 (304,68) e M_3 (407,16); além disso, estatisticamente, o M_1 se mostrou superior aos outros dois modelos M_2 [$\Delta \chi^2$ (11) = 109,88, $p < 0,001$] e ao M_3 [$\Delta \chi^2$ (34) = 117,58, $p < 0,001$]. Portanto, fica evidente que o modelo 1 assume parâmetros psicométricos aceitáveis que

melhor explica as atitudes frente a infidelidade virtual. A seguir, na Figura 10 é possível constatar a representação gráfica do modelo explicativo das atitudes de infidelidade virtual a partir dos valores humanos, ciúme e adição à Internet.

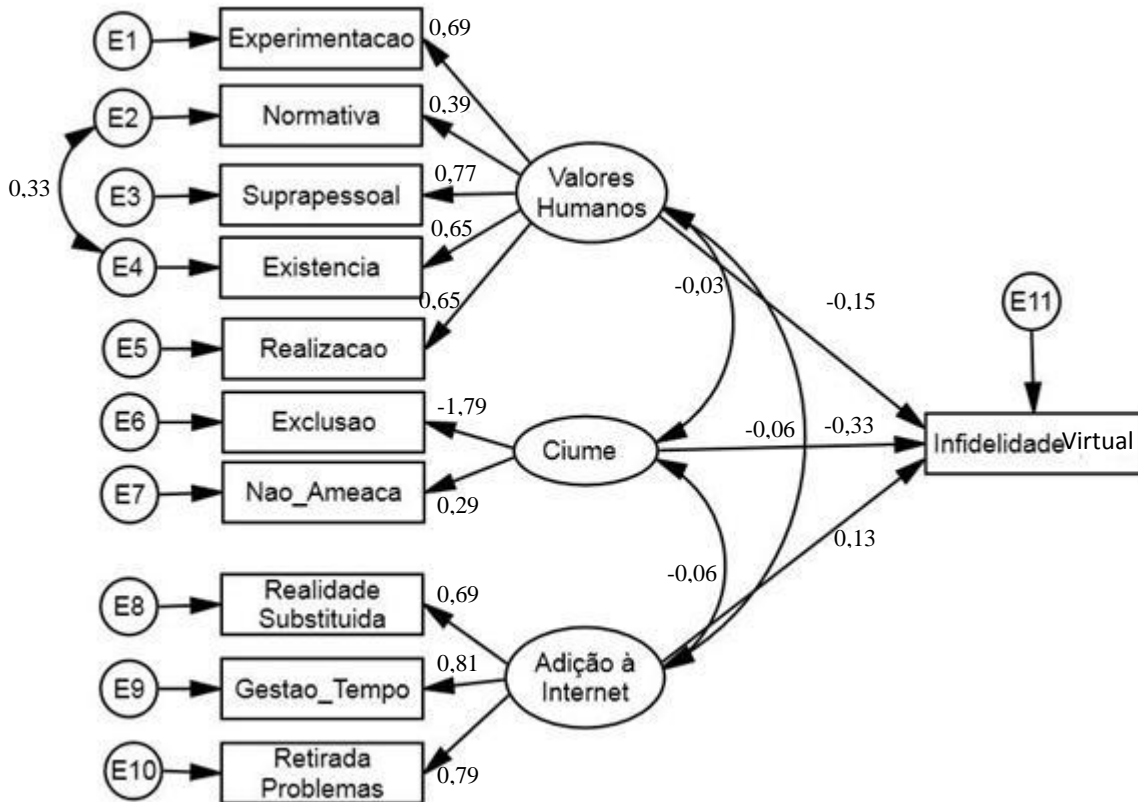


Figura 10. Estrutura do modelo explicativo da atitude frente à Infidelidade Virtual

Este modelo teórico se constituiu como resultado final do Estudo 3. Como pode ser observado no modelo contido na Figura 10, todas as saturações destacaram-se estatisticamente diferentes de zero ($\lambda \neq 0$; $z > 1,96$, $p < 0,05$). Destaca-se que três construtos (valores humanos, ciúme e adição à *Internet*, respectivamente) apresentaram parâmetros estatísticos satisfatórios na explicação das atitudes relacionadas como atos de infidelidade virtual. Vale salientar ainda, que a medida do amor tetragonal não contribuiu significativamente na elaboração do modelo, desta forma foi excluído.

7.5. Discussão Parcial

O presente estudo objetivou elaborar um modelo explicativo visando compreender o quanto os fatores sociais e afetivos se encontram envolvidos com a infidelidade virtual. Para subsidiar a presente pesquisa, consideraram-se como variáveis explicadoras o amor, o ciúme romântico, a adição à *Internet* e os valores humanos, tendo em conta a medida de infidelidade virtual como variável critério. No caso, constatou-se que o objetivo proposto foi alcançado, porém é necessário reconhecer que, sendo uma amostra não-probabilística e obtida por meio da *Internet*, quiçá não seja possível generalizar os resultados acerca das atitudes que levam à prática da infidelidade virtual. Contudo, levando em conta a coerência dos achados, parecem plausíveis, demandando que sejam discutidos.

Primeiramente, calcularam-se os indicadores de consistência interna (alfa de Cronbach) dos construtos utilizados, tendo sido observado que a maioria dos índices foi considerada satisfatória de acordo com a literatura (Pasquali, 2003), com exceção das subfunções valorativas *suprapessoal* e *interativa*, que apresentaram valores próximos a 0,60, que podem ser considerados para propósitos de pesquisa, mas que não devem ser tomados como ideais (Skerlavaj & Dimovski, 2009). No entanto, apesar destes índices abaixo do recomendado, justifica-se o uso da medida em razão das características próprias do construto valores (Gouveia et al., 2003).

Quanto às hipóteses levantadas, verificou-se que cinco delas foram corroboradas, a única exceção foi a Hipótese 2. A *Hipótese 1*, no que se refere aos valores pessoais, previu uma correlação positiva com a medida de infidelidade virtual, ou seja, indivíduos que apresentassem uma tendência para este tipo de orientação provavelmente estariam predispostos a praticar atos de infidelidade virtual. Esta hipótese endossa o modelo proposto por Gouveia et al. (2010), que sugere a busca do prazer, da emoção, aliado as

necessidades de autoestima, focadas em realizar os seus desejos no aqui e agora. Normalmente, são mais evidenciados na população jovem.

A *Hipótese 3*, no que se refere aos valores de cunho social, espera-se que se correlacione negativamente com a medida de infidelidade virtual, confirmando que indivíduos pautados por este tipo de orientação social não buscam se aventurar no meio virtual a procura de novos prazeres. Esta hipótese foi corroborada, conforme se admite no modelo teórico de Gouveia et al. (2010), o qual sugere que pessoas que se guiam por este valor seguem uma orientação claramente social, direcionada na observância das normas sociais, além de representar cognitivamente as necessidades de pertença, amor e afiliação, destacando o compromisso em manter as relações entre as pessoas (Medeiros, 2011).

A *Hipótese 4* estimou que os participantes que fazem uso excessivo da *Internet* apresentariam uma predisposição para as atitudes de infidelidade virtual, o que foi corroborada. Tal resultado é semelhante aos observados em estudos anteriores (Greenfield & Yan, 2006; McKenna & Bargh, 2000), ao afirmarem que a *Internet* tornou-se um local privilegiado para a promoção da interação social, permitindo que as pessoas possam experimentar novas sensações com aqueles que se encontram no ambiente virtual, podendo desenvolver atos de infidelidade virtual (McKenna, Green, & Gleason, 2002).

A Hipótese 5, referente às diferença entre os sexo com relação as medidas de adição à *Internet* e infidelidade virtual, também foi corroborada. Este resultado demonstrou que os homens que fazem uso excessivo da *Internet* são mais propensos à prática da infidelidade virtual. Estes se encontram mais ligados às questões fisiológicas, enquanto as mulheres voltadas aos sentimentos (Gouveia et al., 2010).

A *Hipótese 6* também foi confirmada, uma vez que demonstrou não haver diferença entre homens e mulheres no que tange o uso abusivo da *Internet*. Diversos estudos (Chou, 2001; Greenfield, 1999; Yellowlees & Marks, 2005) indicam que a própria

concepção da *Internet* (aberta e interativa) favorece a dependência sem distinção quanto ao sexo. Assim, características como a interatividade, a facilidade de utilização e a acessibilidade, fazem com que os usuários, independentemente do sexo, cada vez mais utilizem esta ferramenta em todas as atividades diárias (Young & Abreu, 2011).

A *Hipótese 2*, que se referiu aos valores centrais, não foi corroborada, uma vez que os resultados apontaram a existência de uma correlação inversa com a infidelidade virtual. Provavelmente, este resultado se deva ao fato de que as pessoas que se guiam por este tipo de orientação (existência e suprapessoal) foquem as necessidades de ordem mais básica de sobrevivência, de segurança, bem como aquelas superiores (maturidade e conhecimento) de autorrealização (Gouveia et al., 2010; Medeiros, 2011). Neste sentido, tais pessoas podem entender a infidelidade como um desrespeito ao outro, uma ação mesquinha que põe em risco a dignidade da pessoa.

Depois de testar todas as hipóteses, verificou-se que o melhor modelo teórico, explicativo após análise por modelagem por equação estruturada, foi aquele que apontou os construtos *valores humanos*, *ciúme romântico*, *adição à Internet* como medidas explicativas para o ato de *infidelidade virtual*. Deste modo, as pessoas que são guiadas pelo conjunto das subfunções valorativas, sobretudo (*suprapessoal e experimentação*) tendem a não utilizar a *Internet* enquanto instrumento de prática da infidelidade virtual.

Quanto ao construto ciúme romântico, os resultados apontaram que esta medida se correlacionou negativamente com a infidelidade virtual nas suas duas dimensões (*exclusão e não-ameaça*). Isto é, indivíduos que assumem tal conduta tendem a não fazer uso da *Internet* enquanto ferramenta de prática da infidelidade virtual. De acordo com Ramos, Yazawa e Salazar (1994), este tipo de procedimento deve-se ao fato de encontrar-se aliado aos pressupostos, isto é, reação frente a uma ameaça, seja real ou imaginária e objetivando eliminar os riscos da perda do amor.

O terceiro construto constituinte do modelo explicativo da infidelidade virtual diz respeito à *Internet*, tendo os resultados apresentado uma correlação positiva com a variável critério, demonstrando que indivíduos que fazem uso excessivo da *Internet* são mais propensos a utilizá-la, enquanto mecanismo de prática da infidelidade. Este resultado se assemelha aos achados de Yellowlees e Marks (2005), no qual afirmam que a dependência de *Internet* favorece maior procura por atividades relacionadas com aquelas de cunho de infidelidade virtual. Neste direcionamento, encontram-se também outros estudos (Pereira, 2005; Young & Abreu, 2011), onde se afirma que o uso excessivo da internet é um facilitador para o sexo casual.

Quanto ao construto amor, este não contribuiu para o modelo explicativo em relação à infidelidade virtual, conforme já mencionado. Provavelmente, este resultado se deveu pelo fato da amostra ser majoritariamente de solteiros, sem um envolvimento emocional estável. Entretanto, valerá à pena pensar em estudos futuros que possam avaliar este construto.

Por fim, conforme explicitado, observou-se a contribuição dos construtos valores humanos, ciúme romântico e *Internet* na explicação da infidelidade virtual, alcançando o objetivo proposto no presente estudo. Não obstante, apesar do modelo apresentar indicadores de ajuste aceitáveis, deve-se destacar a necessidade de estudos futuros a fim de discutir o alcance da explicação proposta.

Esta tese teve como objetivo geral conhecer os correlatos afetivos e sociais dos relacionamentos amorosos *on-line* com ênfase na infidelidade virtual. Procurou-se, especificamente, (1) identificar o perfil dos participantes da pesquisa; (2) avaliar sua dependência da *Internet*; (3) conhecer em que medida se consideram relacionamentos virtuais como indícios de infidelidade; e (4) elaborar um modelo teórico explicativo a partir dos construtos valores humanos, ciúme romântico, amor e adição à *Internet*. Nesta ocasião, trata-se a seguir os aspectos principais dos estudos realizados, pensando em algumas limitações, achados principais, aplicabilidade e estudos futuros.

Limitações

Apesar dos resultados satisfatórios encontrados na presente tese por meio das evidências empíricas anteriormente relatadas, apresentam-se algumas limitações potenciais. Porém, estas não invalidam os achados previamente descritos, que foram contundentes teoricamente, mas sim servem de base para posteriores estudos a serem desenvolvidos neste domínio.

A primeira limitação diz respeito à amostra. Apesar de terem sido utilizadas três amostras distintas, sendo uma para cada estudo, estas não foram probabilísticas, tendo sido os participantes selecionados por conveniência. Por outro lado, fez-se um esforço para incluir pessoas da população geral, evitando empregar a prática comum de pesquisar apenas com universitários (Gouveia et al., 2008). Assim, fizeram parte da amostra pessoas de diferentes faixas etárias, escolaridades e níveis sócios-econômicos, além de uma amostra virtual. Não obstante, admite-se que haja evidências empíricas nos achados que conjeture a realidade desses participantes para a utilização da *Internet* como ferramenta de prática da infidelidade virtual. Contudo, deve-se levar em consideração a possibilidade dessas amostras terem sido enviesadas e, portanto, não se pode considerar que os

resultados encontrados sejam passíveis de generalização para além dos contextos específicos nos quais os estudos foram realizados.

Outro indicador que deve ser ponderado é com relação ao contexto aplicado, ou seja, nordestino. De fato, compreendendo uma cultura machista, podendo enviesar os resultados. Para amenizar tais limitações, recomenda-se a replicação dos mesmos estudos levando em consideração, um procedimento probabilística, considerando amostras mais heterogênea e representativa, incluindo outras regiões do país, o que poderia permitir a generalização dos achados.

Resultados Principais

Em relação ao objetivo geral, conhecer os correlatos afetivos e sociais dos relacionamentos amorosos *on-line* com ênfase na infidelidade virtual, os resultados apontam que pessoas que são guiadas pelas subfunções valorativas *existência, normativa e suprapessoal* apresentam uma tendência de não desejar fazer uso da *Internet* com a finalidade de buscar relacionamentos amorosos virtuais. Provavelmente, este resultado deva-se ao fato de as subfunções *existência* se referir as necessidades fisiológicas mais básicas (e.g. beber, dormir, comer), bem como uma necessidade de segurança; a *normativa* reflete a importância de manter as normas culturais e sociais, preservando valores como obediência, religiosidade e tradição; e a *suprapessoal* se encontra ligada às necessidades estéticas e de cognição, bem como necessidade superior de auto-realização (Gouveia et al., 2010; Medeiros, 2011).

No que se refere ao construto ciúme romântico, os resultados indicam que pessoas consideradas ciumentas tendem a evitar também, o uso da *Internet* com a finalidade de procurar relacionamentos amorosos virtuais. Desta forma, verifica-se que o ciúme enquanto reação frente a uma ameaça percebida; seja real ou imaginário; com o objetivo de

eliminar os riscos da perda do amor (Ramos, Yazawa & Salazar, 1994). Além de ser uma experiência que envolva diferentes níveis de tristeza, irritação e ansiedade, o ciúme acarreta uma experiência de aflição ou desconforto diante de uma situação concreta ou fantasiosa que pode desestabilizar a relação do casal (Almeida, 2007). Deste modo, o ciúme se apresenta como mecanismo protetor contra a infidelidade virtual.

Por outro lado, pessoas que obtiveram uma maior pontuação na medida de adição à *Internet* são mais predispostas a buscarem novos relacionamentos amorosos no espaço cibernético e, conseqüentemente, apresentam uma maior probabilidade de praticar a infidelidade virtual (Young & Abreu, 2011). Este resultado lembra os achados de Greenfield (2011), quando o autor afirma que as pessoas que fazem uso excessivo da *Internet* são, sobretudo devido à sua natureza prazerosa. Resultado semelhante encontrado por Whitty (2011), no qual afirma que a *Internet* pode ser um espaço exclusivo para a prática da infidelidade virtual, em que acontecem as interações emocionais e sexuais.

Os resultados advindos do Estudo 1, isto é, adaptação e validação das Escalas de Infidelidade Virtual e Adição à *Internet*, demonstraram que no contexto brasileiro, especificamente Nordeste, elas assumiram dimensões diferentes daquelas propostas por seus autores (Wang & Hsiung, 2008; Young, 1998, 2011, respectivamente). Para a escala de infidelidade virtual o modelo adaptado para o contexto brasileiro, foi indicado uma estrutura bifatorial, constituída por duas dimensões. A primeira relação sexual ($\alpha = 0,96$) contendo um conjunto de 8 itens e a segunda relação amizade ($\alpha = 0,81$) composta por 4 itens. Com relação à Escala de adição à *Internet*, na adaptação para o contexto brasileiro, esta apresentou uma estrutura unidimensional, ou seja, todos os itens saturando em uma mesma dimensão constituída por 19 itens ($\alpha = 0,89$). Deste modo, deve-se procurar estar preparado para aceitar que a *Internet* vem contribuir na forma e maneira de como se vive, e que nem sempre para o melhor, podendo variar de um a outro contexto.

Estudos desenvolvidos preliminarmente (Lenhart, Madden, & Rainie, 2005; Gross, 2004; Eastin, 2005) observaram que o impacto da dependência de *Internet* na vida social das pessoas está apenas começando, devido ao crescimento tecnológico, que promove o social na *Internet*, e em razão de sua imagem positiva. A revisão anterior de estudos sobre vício em *Internet* pode ser visto de diferentes perspectivas. De uma perspectiva, os resultados sugerem que o uso excessivo ou abuso de tecnologia pode ter influências negativas sobre nossas vidas. De outra perspectiva, os resultados existentes levam à reflexão sobre a forma adequada de uso, e a segurança, propiciada com esta tecnologia.

Como afirma Beard (2011), as tecnologias, por definição, aumentam capacidades e habilidades dos indivíduos. No entanto, ao mesmo tempo, podem também levar a um comportamento adaptativo e expor suas fragilidades e incapacidades. É crucial, portanto, reconhecer que as tecnologias assumem duas vertentes: uma positiva e outra negativa. Neste sentido, a infidelidade virtual bem como o uso abusivo da *Internet* são imprescindíveis para compreensão e avaliação de seus efeitos na vida cotidiana.

Estudos realizados por Park, Kim e Cho (2008) acerca da dependência da *Internet* discutem que um dos grupos mais vulneráveis são os jovens, devido aos mesmos terem nascidos no mundo tecnológico. Scherer (1997) sugere que os administradores devem desempenhar um papel fundamental na promoção da conscientização de abuso ou dependência de *Internet*. Portanto, esta é uma temática cheia de desafios desdobrando novos estudos.

Em relação ao segundo Estudo, que teve como objetivos: (1) realizar uma análise confirmatória das duas medidas do Estudo 1, escala de Infidelidade Virtual e a Escala de Adição à *Internet*; e (2) verificar qual o poder de correlação dessas duas medidas com os construtos *amor*, *ciúme* e *valores humanos*. Os resultados apontaram que em relação à

escala de infidelidade virtual, os parâmetros estatísticos assumiram valores adequados $GFI = 0,89$; $AGFI = 0,82$ e $CFI = 0,97$ confirmando o modelo tetrafatorial (modelo original) como o mais indicado para o contexto brasileiro, contrariamente ao Estudo 1, que indicava uma estrutura bidimensional $GFI = 0,63$; $AGFI = 0,45$ e $CFI = 0,82$. Não obstante, vale registrar a importância da realização do primeiro estudo, visto que, até então não havia qualquer estudo que pudesse indicar modelos alternativos para comparação e comprovação da estrutura tetrafatorial como mais adequado no contexto brasileiro.

Já a Escala de Adição à *Internet* após a análise confirmatória, verificou-se que tanto o modelo trifatorial (modelo original) como o unifatorial (adaptado) assumiram parâmetros psicométricos aceitáveis $GFI = 0,83$; $AGFI = 0,78$ e $CFI = 0,86$ e $GFI = 0,81$; $AGFI = 0,76$ e $CFI = 0,84$, respectivamente.

Com relação ao poder de correlação das medidas mencionadas anteriormente, com os construtos *amor*, *ciúme* e *valores humanos*, verificou-se que três delas (*ciúme*, *valores humanos* e *adição à Internet*) se correlacionaram de forma a explicar as atitudes frente à infidelidade virtual. A medida do ciúme romântico apresentou duas correlações positiva [$r = 0,20$ (*relação sexual e não ameaça*)], e uma correlação negativa [$r = -0,16$ (*relação face-a-face e não ameaça*)]. Estes resultados se aproximam aos estudos de Goldenberg (2006) e Almeida (2007), quando salientam que o ciúme romântico e a infidelidade encontram-se relacionados quando frente a uma ameaça no relacionamento amoroso.

Os resultados advindos da análise de correlação entre as medidas de infidelidade virtual e adição à *Internet* apresentaram uma maior correlação [$r = 0,34$ (*amizade face-a-face e gestão de tempo e desempenho*)] e uma menor correlação [$r = 0,14$ (*relação sexual e retirada e problemas sociais*)]. Estes resultados são semelhantes com os achados de Greenfield (2001) e Yellowlees e Marks (2005), que demonstraram que a dependência da

internet encontra-se associada a diferentes atividades *on-line* (e.g. salas bate-papo, jogos *on-line*, bate-papo sexualizado, cibersexo).

Com relação às medidas da infidelidade virtual e os valores humanos os resultados demonstraram uma correlação negativa [$r = -0,32$ (*relação sexual e normativa*)] e uma correlação positiva [$r = 0,15$ (*amizade virtual e experimentação*)]. Provavelmente, este resultado indica que indivíduos guiados pela subfunção normativa não busquem fazer uso da *internet* com fins da prática relação sexual, uma vez que esta subfunção encontra-se associada às necessidades focadas nas normas sociais; enquanto que na subfunção experimentação, observou-se que pessoas que são guiadas por essa subfunção tendem a fazer uso da *internet* com a finalidade de construir novas amizades no ambiente virtual.

Quanto à medida do amor, os dados indicaram não haver correlação com o construto infidelidade virtual. Provavelmente, este resultado deva-se ao fato do construto infidelidade virtual não encontrar-se relacionado com as facetas de intimidade, compromisso, paixão romântica e erótica, que são elementos constituintes do amor. Pois segundo Kim e Hatfield (2004), o amor revela-se como um importante preditor da felicidade, satisfação e manutenção do casamento.

Em relação ao objetivo específico “avaliar a dependência da *Internet* entre os participantes do estudo”, verificou-se uma pontuação média 39,4. Esta pontuação encontra-se situada no primeiro intervalo (20-49 pontos), o que significa que apesar da permanência um pouco prolongada na *web*, os usuários ainda detêm o controle sobre o seu uso (Chang & Law, 2008).

Por fim, quanto ao objetivo de elaborar um modelo teórico explicativo da infidelidade virtual a partir dos construtos valores, ciúme, amor e adição à *Internet* constatou-se que destes quatro construtos apenas um não contribuiu significativamente (*amor*). Provavelmente, por se tratar de um elemento essencial nas relações interpessoais,

tendo como base os componentes de confiança, lealdade e compromisso, características essenciais em um relacionamento amoroso, compreende-se a ausência da correlação deste construto com a infidelidade virtual. Contudo, conforme indicado no Estudo 3, novos estudos serão necessários para dirimir dúvidas.

Aplicabilidade

Espera-se que os resultados advindos desta tese forneçam conhecimentos para uma melhor compreensão da infidelidade virtual a partir de uma explicação pautada em seus correlatos sociais (valores humanos e adição à *Internet*) e afetivos (ciúme romântico). Assim como, contribuir para estudos futuros que envolvam esta temática. Espera-se também, que seus resultados contribuam para avaliação clínica, utilizando o diagnóstico em pessoas com dificuldades em relacionamentos inter-pessoais, tais como: introversão ou problemas sociais, pois muitos dependentes de *Internet* não conseguem se comunicar bem em situações face-a-face.

No campo da saúde pública, uma vez que a *Internet* está se revelando ao mesmo tempo um risco legal e um problema de produtividade, parece importante pensar ações que disciplinem seu uso, alertando para os problemas vinculados a temáticas sexuais, sendo a infidelidade apenas um deles.

Quanto à pesquisa no âmbito social, é importante ter em conta como as pessoas vêm utilizando a *Internet* e com que finalidade. Embora esta seja uma etapa que antecede qualquer intervenção, não é menos importante. Por exemplo, existem hoje em dia espaços públicos para definir relacionamentos virtuais, promovendo interações com pessoas desconhecidas, que têm interesses e práticas diversas. Certamente, isso pode ter consequência nas relações interpessoais, inclusive minando aquelas que têm base sólida, exigindo-se práticas atreladas a fantasias diversas, algumas realizadas em contextos e condições restritas.

Em linha com o anteriormente comentado, no campo jurídico o uso abusivo da *Internet* enquanto ferramenta de infidelidade virtual vem provocando conflitos nas relações inter-pessoais, afetivas e amorosas. Como disciplinar isso? Caberá, certamente, pensar sobre o tema, buscar institutos jurídicos que disciplinem a vida neste mundo virtual, bem como as práticas. Por exemplo, não há, ainda, qualquer controle sobre os agentes que usam os recursos informáticos, podendo ser, inclusive, crianças e adolescentes. Portanto, tratar desta questão sensível, que poderá ter implicações na vida cotidiana de pais e filhos.

Estudos Futuros

Por se tratar de um tema da atualidade, tem-se um longo percurso de pesquisa acerca da infidelidade virtual, bem como os motivos que levam as pessoas a praticá-las. Replicar os estudos prévios pode ser um bom começo, mas não esgota as possibilidades.

Vale ressaltar a própria natureza mutável da *Internet*, pois ela evolui de maneira rápida e interativa, possibilitando uma variedade de ferramentas que aliciam cada vez mais, a exemplo de aplicativos voltados para a telefonia, além das próprias redes sociais. Portanto, esta evolução da *web* se torna cada vez mais social, logo, pode resultar em um número cada vez maior de infidelidades.

De maneira semelhante, pensa-se que podem ser desenvolvidos estudos com grupos específicos (e.g., casados, religião, região, faixa etária) a fim de compará-los com aqueles resultados encontrados na presente tese. Ademais, trabalhando com tais grupos é possível conhecer a validade preditiva do modelo teórico explicativo desenvolvido nesta tese.

Outro construto que pode ser investigado junto a infidelidade virtual, é o bem-estar mental e social. Pois a literatura sugere que as pessoas com problemas psicológicos e dificuldades sociais parecem ser mais atraídas pelas características interpessoais do comportamento exibido quando estão conectadas (Caplan & High, 2011). Sugere-se

também desenvolvimentos de pesquisas voltadas para atividades sociais na *Internet* e transtorno de personalidade graves (Mittal, Tessner & Walker, 2007).

Considerações Finais

A era tecnológica trouxe grandes avanços no processo de comunicação entre os povos, viabilizando a movimentação das pessoas, as trocas de bens, serviços e cultura. Fato que enriqueceu os relacionamentos sociais, porém dificultou o controle. A comodidade, a facilidade e a conveniência da *Internet* propiciaram novos modos de relacionamentos sociais. Sem a necessidade de deslocar é possível percorrer o mundo, ter acesso a informações e encontrar um número ilimitado de pessoas. Essa expansão dos limites corporais tem fascinado e gerado grande número de adeptos aos diversos modos de relacionamentos virtuais. Essa nova organização social que viabiliza modelos alternativos de relacionamentos, novos comportamentos e novas formas de adoecer que exige reflexão e discussão para orientação da conduta profissional.

Segundo Young e Abreu (2011), as pessoas apresentam uma necessidade de estarem conectadas com os outros, e a *internet* como ferramenta vem proporcionar que esta conduta se concretize. Para Beard (2008) a população adolescente se encontra mais susceptível em utilizar dita ferramenta, por se sentirem isolados ou mesmo para buscar novas experiências. Em consequência dessa aproximação, os relacionamentos formados no ambiente virtual adquirem uma importância ainda maior. Assim, este autor salienta que os vínculos iniciados na *Internet* permitem a construção de uma imagem mais positiva de si mesmo e evitam os aspectos negativos, como: a própria imagem corporal, exposição exacerbada de seus dados pessoais.

Nesse sentido, pesquisas (Morris, 2008; Young & Abreu, 2011) demonstram que a infidelidade virtual se iniciava entre pessoas que não se conhecem. Não obstante, casos

amorosos podem surgir também entre pessoas que se conhecem na vida real, porém, tomam forma a partir de sites no ambiente cibernético. Dessa forma, a *Internet* acrescenta uma dimensão nova aos prazeres pela velocidade, liquidez e anonimato. Há um jogo de identidades no ambiente virtual, mas será que está abolido o desejo do encontro presencial, tátil, concreto, o contato mais tradicional?

O desafio, portanto, não se restringe a entender os correlatos da infidelidade virtual, pois existe uma complexidade e diversidade de relacionamentos neste ambiente. Interessa focar nos fatores explicativos desta modalidade crescente de interação social, conhecendo, inclusive, suas implicações na vida das pessoas. Estes aspectos fundamentarão estudos futuro deste doutorando, definindo seu campo de trabalho.

Referências

- Abdo, C. (2004). *Estudo da vida sexual do brasileiro*. São Paulo: Bregantini.
- Afifi, W. A., Falato, W. L., & Weiner, J. L. (2001). Identity concerns following a severe relational transgression: The role of discovery method for the relational outcomes of infidelity. *Journal of Social and Personal Relationships*, 18 (2), 291-308.
- Aguiar, S. (2007, Agosto 12). *Redes sociais na internet: desafios e pesquisas*. In XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos, SP.
- Albuquerque, F. J. B., Noriega, J. A. V., Coelho, J. A. P. M., Neves, M. T. S., & Martins, C. R. (2006). Valores humanos básicos como preditores do bem-estar subjetivo. *Psico-PUCRS*, 37(2), 131-137.
- Alferes, V. R. (2002). Atração interpessoal, sexualidade e relações íntimas. In J. Vala & M. B. Monteiro (Org.), *Psicologia social* (pp. 125-158). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Almeida, T. (2007). *Ciúme romântico e infidelidade amorosa entre paulistanos: incidências e relações*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Almeida, T., Rodrigues, K. R. B., & Silva, A. A. (2008). O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos. *Estudos de Psicologia* (Natal), 13, 83-90.
- Amaral, L., & Santos, V. (2009, Agosto 7). *Comunidades virtuais ao serviço do ensino*. Consultado em: Outubro 2012. Disponível em: [http://inforum.org.pt/INForum2009/docs/full/paper_15.pdf].
- Antunes, C., & Fontaine, A. M. (2005). Percepção de apoio social na adolescência: análise fatorial confirmatória da escala social support appraisals. *Paidéia*, 15, 355-366.
- Araujo, M. F. (2002). Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. *Psicologia Ciência e Profissão*, 22 (2), 70-77.

- Araújo, J. C., & Rodrigues, B. B. (2005). *Interação na internet: Novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna.
- Aron, A., & Aron, E. (1986). *Love and the expansion of the self: Understanding attraction and satisfaction*. New York: Hemisphere.
- Aviram, I., & Amichai, H. Y. (2005, Fevereiro 5). Online infidelity: Aspects of dyadic satisfaction, self-disclosure, and narcissism. *Journal of Computer Mediated Communication*, 10(3), article 1. Consultado em: Fevereiro de 2012. Disponível em: [<http://jcmc.indiana.edu/vol10/issue3/aviram.html>].
- Bain, P. G., Kashima, Y., & Haslam, N. (2006). Conceptual beliefs about human values and their implications: Human nature beliefs predict value importance, value trade-offs, and responses to value-laden theoretic. *Journal of Personality and Social Psychology*, 91(2), 351-367.
- Barta, W., & Kiene, S. M. (2005). Motivations for infidelity in heterosexual dating couples: The roles of gender, personality differences, and sociosexual orientation. *Journal of Social and Personal Relationships*, 22, 339-360.
- Bauman, Z. (2004). O amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos. *Revista Ciência Humana*, 11, 173-174.
- Beall, A. E., & Sternberg, R. I. (1995). The social construction of love. *Journal of Social and Personal Relationships*, 12, 417-438.
- Beard, K. W. (2008). Internet addiction in children and adolescents. In C. B. Yarnall (Ed.), *Computer science research trends* (pp. 59-70). Hauppauge, NY: Nova Science.
- Beard, K. W. (2011). Trabalho com adolescentes dependentes de internet. In K. S. Young & C. N. Abreu (Org.). *Dependência de internet: Manual e guia de avaliação e tratamento* (pp. 212-230). Porto Alegre, RS: Artmed.

- Belo, R. P. (2003). *A base social das relações de gênero: Explicando o ciúme romântico através do sexismo ambivalente e dos valores humanos*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Bettini, R.V. (2002). *Vínculos pela internet: Um estudo psicológico*. (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo.
- Birman, J. (1997). Entre o gozo cibernético e a intensidade ainda possível. In J. Birman (Org.), *Estilo e modernidade em psicanálise* (pp. 221-233). São Paulo: Editora 34.
- Blow, A. J., & Harnett, K. (2005). Infidelity in committed relationships: A methodological review. *Journal of Marital and Family Therapy*, 31(2), 183-216.
- Boyd, D. (2007). Why youth (heart) social network sites: the role of networked publics in teenage social life. In *MacArthur Foundation Series on Digital Learning – Youth, identity, and digital media* (Ed. David Buckingham). Cambridge, MA: MIT Press.
- Borba, F. S. (Org.) (2004). *Dicionário UNESP de português contemporâneo*. São Paulo: Editora UNESP.
- Braithwaite, V. A., & Scott, W. A. (1991). Values. In J. P. Robison, P. R. Shaver & L. S. Wrightsman (Eds.), *Measures of personality and social psychological attitudes* (pp. 661-753). New York: Academic Press.
- Brasil, A. B. (2000, Abril 6). *Adulterio na internet*. Consultado em: Abril de 2012. Disponível em: [<http://jus.com.br/revista/texto/1832/adulterio-na-internet>].
- Brasil, Lei nº 11.106/05, de 29 de março de 2005. Altera os arts. 148, 215, 216, 226, 227, 213 e acrescenta o art. 231 ao decreto lei nº 2.848, de Dezembro de 1940 – código penal e da outras providências. Ministério da Justiça – MJ, Casa Civil da Presidência da República, p. 1.
- Bueno, J. M. H., & Carvalho, L. F. (2012). Um estudo de revisão do inventário de ciúme romântico (ICR). *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(3), 435-444.

- Buss, D. M., Larsen, R. J., Westen, D., & Semmelroth, J. (1992). Sex differences in jealousy: Evolution, physiology, and psychology. *Psychological Science*, 3, 251-255.
- Byrne, B. M. (2001). *Structural equation modeling with Amos: Basic concepts, applications, and programming*. London: Lawrence Erlbaum.
- Bystronski, B. (1995). Teorias e processos psicossociais da intimidade interpessoal. In A. Rodrigues (Org.), *Psicologia social para principiantes: Estudo da interação humana* (pp. 59-90). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Caiçara Junior, C., & Paris, W. S. (2007). *Informática, internet e aplicativos*. 20ª ed. Curitiba: Ibpx.
- Caplan, S. E. (2002). Problematic internet use and psychosocial well-being: Development of a theory-based cognitive-behavioral measurement instrument. *Computers in Human Behavior*, 18(5), 553-575.
- Caplan, S. E., & High, A. C. (2001). Interação social na internet, bem-estar psicossocial e uso problemático da internet In *Dependência de internet: Manual e guia de avaliação e tratamento* (pp. 55-76). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Casalegno, F. (1999, Dezembro). Sherry Turkle: Fronteiras do real e do virtual. *Revista Famecos*, 11, 117-123.
- Cassidy, J. (2006, Abril 6). *The online life. me media. How hanging out on the internet became big business*. The New Yorker. Consultado em: Abril de 2012. Disponível em: [http://www.newyorker.com/archive/2006/05/15/060515fa_fact_cassidy].
- Castells, M. (2003). *A era da informação: Economia, sociedade e cultura. A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- Castells, M. (2006, Abril 25). A era da intercomunicação. In *Le Monde Diplomatique*. Consultado em: abril de 2011, disponível em: [<http://diplo.uol.com.br/2006-08,a1379>].

- Cavalcanti, J. P. N. (2007). *Reações a cenários de infidelidade conjugal: São o amor e o ciúme explicações?* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Chagas, E. (1999). *Sexo, afeto e era tecnológica: Um estudo de chats na Internet*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Chaves, J. C. (2004). *Contextuais e pragmáticos: Os relacionamentos amorosos na pós-modernidade*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Chaves, C. M. (2006). *Compromisso convecional: Fator de proteção para as condutas agressivas, anti-sociais e de uso de álcool?* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Chaves, E. O. C. (2011, Agosto 4). *A virtualização da realidade*. Consultado em: Agosto de 2011. Disponível em: [<http://www.edutec.net/Textos/Self/COMPUT/virtual.htm>].
- Chang M. K., & Law S. P. M. (2008). Factor structure for young's internet addiction test: A confirmatory study. *Computers in Human Behavior*, 24(6), 2597-2619.
- Chou, C. (2001). Internet heavy use and addiction among taiwanese college students: An online interview study. *Cyberpsychology and Behavior*, 4(5), 573–585.
- Coelho Junior, L. L. (2001). *Uso potencial de drogas em estudantes do ensino médio: Suas correlações com as prioridades axiológicas*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Coleta, A. S. M. D., Coleta, M. F. D., & Guimarães, J. L. (2008). O amor pode ser virtual? O relacionamento amoroso pela internet. *Psicologia em Estudo*, 13(2), 277-285.
- Coutinho, M. L. (2007). *Desenvolvimento de uma ferramenta de avaliação de aplicação web no contexto Acadêmico*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real/Portugal.

- Costa, R., & Costa, F. (2012, Fevereiro 7). Infidelidade na internet. *Revista Istoé*, 56-62.
- Costa, P. T., & McCrae, R. R. (1992). Four ways five factors are basic. *Personality and Individual Differences*, 13, 653-665.
- Daneback, K., Mansson, S. A., & Ross, M. W. (2007). Using the internet to find offline sex partners. *CyberPsychology & Behavior*, 10(1), 100-107.
- Davis, R. A. (2001). A cognitive behavioral model of pathological internet use. *Computers in Human Behavior*, 17(2), 187-195.
- Delmonico, D. L., & Griffin, E. J. (2011). Compulsividade e dependência de sexo virtual. In K. S. Young, C. N. Abreu (Org.). *Dependência de internet: Manual e guia de avaliação e tratamento* (pp. 144-1165). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Del Priore, M. (2006). *História do amor no Brasil*. 2. Ed. São Paulo: Contexto.
- De Silva, P. (1997). Jealousy in couple relationships: Nature, assessment and therapy. *Behaviour Research and Therapy*, 35, 973-985.
- DeSteno, D. A., & Salovey, P. (1996). Evolutionary origins of sex differences in jealousy? Questioning the “fitness” of the model. *Psychological Science*, 7, 367-372.
- DeSteno, D. A., Valdesolo, P., & Bartlett, M. Y. (2006). Jealousy and the threatened self: Getting to the heart of the green-eyed monster. *Journal of Personality and Social Psychology*, 91, 626-641.
- Dijkstra, P., Barelds, D. P. H., & Groothof, H. A .K. (2009). An inventory and update of jealousy-evoking partner behaviours in modern society. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 17, 329-345.
- Dias, A. C. G., & De La Taille, Y. (2004). As salas de bate papo na internet são um novo espaço para o compartilhamento da intimidade? In M. R. Maluf (Org.). *Psicologia Educacional: Questões Contemporâneas* (pp. 187-219). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Diniz, C. P. S. (2008). *Relacionamentos humanos mediados pelo computador: As experiências de internautas cadastrados no site de comunidade UOL*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Pará, Belém.
- Donnamaria, C. P., & Terzis, A. (2009). Sobre a evolução de vínculos conjugais originados na internet. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 61(3), 75-86.
- Donnamaria, C. P., Nascimento, F. R. M., & Terzis, A. (2010). Vínculos conjugais na contemporaneidade: Revisando parâmetros definitórios. *Periódicos Eletrônicos em Psicologia*, 7(1), 1-11.
- Drigotas, S., & Barta, W. (2001). The cheating heart: Scientific explorations of infidelity. *Current Directions in Psychological Science*, 20(5), 177-180.
- Durkin, K. F., & Bryant, C. D. (1995). Log on to sex: Some notes on the carnal computer and erotic cyberspace as an emerging research frontier. *Devian Behavior: An Interdisciplinary Journal*, 16(3), 179-200.
- Eastin, M. S. (2005). Teen internet use: Relating social perceptions and cognitive models to behavior. *CyberPsychology & Behavior*, 8, 62-75.
- Ellison, N. B., Steinfield, C., & Lampe, C. (2007, Maio 5). The benefits of facebook "friends" social capital and college students use of online social network sites. *Journal of Computer Mediated Communication*, 12(4), article 1. Consultado em: Maio de 2012. Disponível em: [<http://jcmc.indiana.edu/vol12/issue4/ellison.html>].
- Engel, G., Olson, K. R., & Patrick, C. (2002). The personality of love: fundamental motives and traits related to components of love. *Personality and Individual Differences*, 32, 839-853.
- Family Safe Media (2010, Dezembro 15). *Pornography statistics*. Acessado em: Dezembro de 2012. Disponível em: [http://www.familysafemedia.com/pornography_statistics.html].

- Feldman, S. S., & Cauffman, E. (2000). Your cheatin' heart: Attitudes, behaviors, and correlates of sexual betrayal in late adolescents. *Journal of Research on Adolescence*, 9, 227-253.
- Feldman, C. (2005). *Sobre-vivendo à traição*. Incluindo poemas de Cláudia Myriam Botelho. 4º Ed. Belo Horizonte: Crescer.
- Ferreira, L.H., & Fioroni, L.N (2010). Concepções sobre relacionamentos amorosos na contemporaneidade: Um estudo com universitários. Consultado em: Junho de 2011. Disponível em: [<http://pt.scribd.com/doc/42303805/580-concepCOes-sobre-relacionamentos-amorosos-na-contemporaneidade>].
- Ferreira, I. V., Pinheiro, L. S., Luiz, M. L. F., Álvares, M. E. M., Portela, R. M. B., Irineu, S. V. M., & Barros, C. W. L. (2000). *O comportamento verbal em um novo contexto: os canais de bate-papo na Internet*. Em reunião anual de psicologia (Org.), resumos de comunicações científicas. XXX reunião anual de psicologia – Resumos (pp. 87-88). Brasília: SBP.
- Fiorelli, J. O., & Mangini, R. C. R. (2009). *Psicologia jurídica*. São Paulo: Atlas.
- Foucault, M. (2007). *As palavras e as Coisas*. (10ª Ed.) São Paulo: Martins Fontes.
- Formiga, N. S. (2002) *Condutas anti-sociais e delitivas: Uma explicação baseada nos valores humanos*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Gama, G.C.N. (1998). *O Companheirismo: Uma espécie de família*. São Paulo: Revista dos Tribunais.
- Gao, G. (2001). Intimacy, passion, and commitment in Chinese and US American romantic relationships. *International journal of intercultural relations*, 25, 329-342.
- Garcia, M. L. T., & Tassara, E. T. O. (2003). Problemas no casamento: Uma análise qualitativa. *Estudos de Psicologia*, 8(1), 127-133.

- Garson, G. D. (2003, Setembro 5). *Statnotes: an online textbook*. Consultado em: Setembro de 2011. Disponível em [<http://www2.chass.ncsu.edu/garson/pa765/statnote.htm>].
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP.
- Giles, D. C. (2002). *Advanced research methods in psychology*. New York: Routledge.
- Goldenberg, M. (2006). *Infiel: Notas de uma antropóloga*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- Gomes, I. C., & Paiva, M. L. S. C. (2003). Casamento e família no século XXI: possibilidade de holding? *Psicologia em Estudo*, 8, 3-9.
- Gonçalves, M. S. (2002, Abril 16). *Amores virtuais: Uma minoria desejante (online)*. Consultado em: Abril de 2012. Disponível em: [<http://www.semiosfera.eco.ufrj.br/anteriores/semiosfera03/perfil/mat3/txtmat3.htm>].
- Gouvêa, R. Q. (2008). Da filosofia dos valores a uma ciência dos valores. In M. L. M. Teixeira (Ed.). *Valores humanos & gestão: Novas perspectivas* (pp.17-45). São Paulo: Senac.
- Gouveia, V.V. (1998). *La naturaleza de los valores descriptores del individualismo y del colectivismo: Una comparación intra e intercultural* (Tese de doutorado). Universidade Complutense de Madrid, Espanha.
- Gouveia, V. V. (2003). A natureza motivacional dos valores humanos: Evidências acerca de uma nova tipologia. *Estudos de Psicologia*, 8(3), 431-443.
- Gouveia, V. V., Milfont, T., Fischer, R., & Santos, W. S. (2008a). Teoria funcionalista dos valores humanos. In: M. L. M. Teixeira (Ed.). *Valores humanos e gestão: Novas perspectivas* (pp. 47-80). São Paulo: Senac.
- Gouveia, V. V. (2008b). Escala de bem-estar afetivo no trabalho (JAWS): Evidências de validade fatorial e consistência interna. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21, 464-473.

- Gouveia, V. V., Martínez, E., Meira, M., & Milfont, T. L. (2001). A estrutura e o conteúdo universais dos valores humanos: Análise fatorial confirmatória da tipologia de schwartz. *Estudos de Psicologia (UFRN)*, 6, 133-142.
- Gouveia, V. V., Andrade, J. M., Queiroga, F., & Meira, M. (2001). Atitudes frente ao computador: Elaboração e validação de uma escala de medida. *Estudos de Psicologia, Campinas*, 18 (1), 34-43.
- Gouveia, V. V., Andrade, J. M., Milfont, T. L., Queiroga, F., & Santos, W. S. (2003). Escala multi-fatorial do individualismo e coletivismo: É suficiente a dicotomia pessoal vs. social? *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16, 223-234.
- Gouveia, V. V., Fonsêca, P. N., Cavalcanti, J. P. N., Diniz, P. K. C., & Dória, L. C. (2009). Versão abreviada da escala triangular do amor: Evidências de validade fatorial e consistência interna. *Estudos de Psicologia*, 14(1), 31-39.
- Gouveia, V. V., Carvalho, E. A. B., Santos, F. A. S., & Almeida, M. R. (2012). Escala tetragonal do amor: Testando sua estrutura e invariância fatorial. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 14(6), 48-59.
- Gouveia, V. V., Fonsêca, P. N., Cavalcanti, J. P. N., Diniz, P. K. C., & Dória, L. C. (2009). Versão abreviada da escala triangular do amor: Evidências de validade fatorial e consistência interna. *Estudos de Psicologia (UFRN)*, 14, 31-39.
- Gouveia, V. V., Fonsêca, P. N., Milfont, T. L., & Fischer, R. (2011). Valores humanos: Contribuições e perspectivas teóricas. In C. V. Torres & E. R. Neiva (Org.), *A psicologia social: Principais temas e vertentes*. Porto Alegre, RS: ArtMed.
- Gouveia, V. V., Fonsêca, P. N., Gouveia, R. S. V., Diniz, P. K. C., Cavalcanti, M. F. B., & Medeiros, E. D. (2010). Correlatos valorativos de atributos desejáveis de um/a parceiro/a ideal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23, 166-175.

- Gouveia, V. V., Meira, M.; Gusmão, E. É. S.; Sousa Filho, M. L., & Souza, L. E. C. (2008). Valores humanos e interesses vocacionais: Um estudo correlacional. *Psicologia em Estudo*, 13, 593-601.
- Guareschi, P. A. (1996). Relações comunitárias – relações de dominação. In: R. H. F. Campos (Org.). *Psicologia social comunitária: A solidariedade a autonomia* (pp. 81-99). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Guimarães, M. S. (2004, Abril 6). Adultério e infidelidade virtual. *Instituto brasileiro de direito a família*. Consultado em: Julho de 2012. Disponível em: [<http://www.ibdfam.org.br/novosite/artigos/detalhe/133>].
- Graeml, K. S., Volpi, J. H., & Graeml, A. R. (2004). O impacto do uso (excessivo) da internet no comportamento social das pessoas. *Revista Psicologia Corporal*, 5, 1-6.
- Graziano, W. G., & Eisenberg, N. H. (1997). Agreeableness: A dimension of personality. In R. Hogan, J. Johnson & S. Briggs (Eds.), *Handbook of personality psychology* (pp. 795-824). San Diego, CA: Academic.
- Greenfield, D. N. (1999). Psychological characteristics of compulsive internet use: A preliminary analysis. *Cyber Psychology & Behavior*, 2, 403-412.
- Greenfield, D. N. (2001). Sexuality and the internet. *Counselor*, 2, 62-63.
- Greenfield, D. N. (2011). As propriedades de dependência do uso de internet. In K. S. Young & C. N. Abreu (Org.). *Dependência de internet: Manual e guia de avaliação e tratamento* (pp. 169-190). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Greenfield, P., & Yan, Z. (2006). Children, adolescents, and the internet: A new field of inquiry in developmental psychology. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 42 (3), 391-394.
- Gross, E. F. (2004). Adolescent internet use: What we expect, what teens report. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 25(6), 633-649.

- Hair, J. F. Jr., Anderson, R. E., Tatham, R. L., & Black, W. C. (2009). *Análise multivariada*. Porto Alegre, RS: Bookman.
- Hama, L. (2006). Amor: Todos dizem eu te amo. *Aventuras na História*, 33, 26-34.
- Hansen, K. (1987). Feminist conceptions of public and private: A critical analysis. *Berkely Journal of Sociology XXXII*: 105-28.
- Hatfield, E., Rapson, R.L., & Martel, L. D. (2007). Passionate love and sexual desire. In A., Vangelisti, H. T., Reis & M. A, Fitzpatrick (Org.). *Handbook of cultural psychology*. (pp. 760-779). New York: Guilford Press.
- Hernandez, J. A. E. (1999). Validação da estrutura da escala triangular do amor: Análise fatorial confirmatória. *Aletheia*, 9, 15-26.
- Hernandez, J. A. E., & Oliveira, I. M. B. (2003). Os componentes do amor e a satisfação. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 23, 58-69.
- Hertlein, K. M., & Piercy, F. P. (2006). Internet infidelity: A critical review of the literature. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 14(4), 366-371.
- Hofstede, G. (1984). *Culture's consequences: International differences in work-related values*. Beverly Hills, CA: Sage Publications.
- Holtzworth-Munroe, A., Stuart, G. L., & Hutchinson, G. (1997). Violent versus nonviolent husbands: Differences in attachment patterns, dependency and jealousy. *Journal of Family Psychology*, 11, 314-331.
- Hu, L.T., & Bentler, P.M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling*, 6, 1-55.
- Huberman, L. (1986). *História da riqueza do homem*. Rio de Janeiro, RJ: LTC Editora.

- IBGE. (2008, Agosto 8). *De 2005 para 2008, acesso à internet aumenta 75,3%*. Acessado em: Agosto de 2012. Disponível em: [<http://www.ibge.gov.br>].
- Inglehart, R. (1977). *The silent revolution: changing values and political styles among western publics*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Inglehart, R. (1991). *El cambio cultural en las sociedades industriales avanzadas*. Madrid: Siglo XXI.
- Kenrick, D. T., Griskevicius, V., Neuberg, S. L., & Schaller, M. (2010). Renovating the pyramid needs: Contemporary extensions built upon ancient foundations. *Perspectives on Psychological Science*, 5, 292-314.
- Kim, J., & Hatfield, E. (2004). Love types and subjective well-being: A cross-cultural study. *Social Behavior and Personality*, 32, 173-182.
- Kraut, R., Patterson, M., Lundmark, V., Kiesler, S., Mukopadhyay, T., & Scherlis, W. (1998). Internet paradox. a social technology that reduces social involvement and psychological well-being? *American Psychologist*, 53(9), 1017–1031.
- Laumann, E. O., Gagnon, J. H., Michael, R. T., & Michaels, S. (1994). *The social organization of sexuality: Sexual practices in the United States*. Chicago, IL: University of Chicago Press.
- Lee, J. A. (1973). *Colors of love: An exploration of the ways of loving*. New York: New Press.
- Lee, J. A. (1988). Love styles. In R. J. Sternberg & M. Barnes (Eds.), *The psychology of love*, (pp. 38-67). New Haven, CT: Yale University Press.
- Lee, T. B. (2000). *Weaving the web: The original design and ultimate destiny of the world wide web by Its inventor*. Cambridge: Press Bookstore.

- Lenhart, A., Madden, M., & Hitlin, P. (2005, Julho 7). *Teens and technology: you are leading the transition to a fully wired and mobile nation*. Acessado em: Julho de 2011. Disponível em: [www.pewInternet.org/pdfs/PIP_Teens_Tech_July2005web.pdf].
- Lévy, P. (1996). *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34.
- Lins, R. N. (2007). *A cama na varanda: Arejando nossas ideias a respeito do amor e sexo: Novas tendências*. Rio de Janeiro: BestSeller.
- Luhmann, N. (1991) *O amor como paixão. Para a codificação da intimidade*. Lisboa: DIFEL.
- Magalhães, M. M. (2009). A infidelidade conjugal e seus mitos: Uma leitura gestáltica. *Revista IGT na Rede*, 6(10), 58-90.
- Maia, L. M. (2000). *Prioridades valorativas e desenvolvimento moral: Considerações acerca de uma teoria dos valores humanos*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Maheu, M. M., & Subotnik, R. (2001). *Infidelity on the internet: Virtual relationships and real betrayal*. Naperville, Illinois: SourceBooks, Inc.
- Marcelo, A. S. (2001). *Internet e novas formas de sociabilidade*. (Dissertação de Mestrado). Universidade da Beira Interior: Covilhã/Portugal.
- Marks, M., & De Silva, P. (1991). Multi-faceted treatment of a case of morbid jealousy. *Sexual and Marital Therapy*, 6, 71-78.
- Masciuch, S., & Kienapple, K. (1993). The emergence of jealousy in children 4 months to 7 years of age. *Journal of Social & Personal Relationships*, 10. 421-435.
- Maslow, A. H. (1954). *Motivation and personality*. New York: Harber and Row.
- Maykovich, M. K. (1976). Attitudes versus behavior in extramarital sexual relations. *Journal of Marriage and the Family*, 38, 693-699.

- Matos, M. F. (2001). Doutrina: Infidelidade virtual e o novo código civil. *Revista de jurisprudência Mineira*, 164, 35-45.
- McLuhan, M. (1964). *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Editora Cultrix.
- McKenna, K. Y. A., & Bargh J. A. (2000). Plan 9 from cyberspace: The implications of the Internet for personality and social psychology. *Personality and Social Psychology Review*, 4, 57–75.
- McKenna, K. Y. A., Green, A., & Gleason, M. (2002). Relationship formation on the internet: What's the big attraction? *Journal of Social Issues*, 58, 9-31.
- Medeiros, E. D. (2011). *Teoria funcionalista dos valores humanos: Testando sua adequação intra e interculturalmente* (Tese de Doutorado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Mileham, B. L. A. (2007). Online infidelity in internet chat rooms: An ethnographic exploration. *Computers in Human Behavior*, 23(1), 11-21.
- Milfont, T. L. (2001). *A intenção de constituir família: Suas bases normativas e relacionais*. (Dissertação de mestrado). Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Millner, V. S. (2008). Internet infidelity: A case of intimacy with detachment. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 16(1), 78-82.
- Mittal, V. A., Tessner, K. D., & Walker, E. F. (2007). Elevated social internet use and schizotypal personality disorder in adolescents. *Schizophrenia Research*, 94,54-57.
- Molpeceres, M. A. (1994). *El sistema de valores: Su configuración cultural y su socialización familiar en la adolescencia*. (Tese de Doutorado). Faculdade de Psicologia, Universidade de Valência, Espanha.

- Morais da Rosa, A. (2001). Existe amante virtual? A pergunta que não quer calar! *Jornal Casa da Cultura Jurídica*, 2(8), 6-10.
- Morahan-Martin, J., & Schumacher, P. (2003). Loneliness and social uses of the internet. *Computers in Human Behavior*, 19, 659-671.
- Morris, S. (2008, Agosto 2). *Second life affair leads to real life divorce*. Acessado em: agosto de 2012. Disponível em: [http://www.guardian.co.uk/technology/2008/nov/13/second-life-divorce].
- Muise, A., Christofides, E., & Desmarais, S. (2009). More information than you ever wanted: Does Facebook bring out the green-eyed monster of jealousy? *CyberPsychology & Behavior*, 12(4), 441-444.
- Mullen, P. (1995). Jealousy and violence. *Hong Kong Journal of Psychiatry*, 5, 18-24.
- Nalwa, K. & Anand, A. P. (2003). Internet addiction in students: a cause of concern. *Cyberpsychology and Behavior*, 6(6), 653-656.
- Neves, A. S. A. (2007). As Mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: A caminho do "amor confluyente" ou o retorno ao mito do "amor romântico"? *Revista Estudos Feministas*, 15(3), 609-627.
- Nicolaci-da-Costa, A. M. (1998). *Na malha da rede: Os impactos íntimos da internet*. Rio de Janeiro: Campus.
- Nicolaci-da-Costa, A. M. (2002c, Maio). Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(2), 193-202.
- Nicolaci-da-Costa, A. M. (2006). Internet: Uma nova plataforma de vida. In A. M., Nicolaci-da-Costa (Org.). *Cabeças digitais: O cotidiano na era da informação*, (pp. 19-39). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio.
- Oliveira, E.A.V. (2001). Chats e linguagem: Do gênero aos gêneros do discurso. *Revista Galáxia*, (1), 245-250.

- O'Neill, M. (1995). The lure and addiction of Life on line. *The New York Times*. March 8, C1.
- Orzack, M. H. (1999). Computer addiction: Is it real or is it virtual? *Harvard mental health letter*, 15(7), 1-18.
- Orzeck, T., & Lung, E. (2005). Big-five personality differences of cheaters and non-cheaters. *Current Psychology*, 24, 274-286.
- Parisotto, L. et al. (2003). Diferenças de gênero no desenvolvimento sexual: Integração dos paradigmas biológico, psicanalítico e evolucionista. *Revista Psiquiatria*, 25(1), 75-87.
- Park, S. K., Kim, J. Y. & Cho, C. B. (2008). Prevalence of internet addiction and correlations with family factors among South Korean adolescents. *Adolescence*, 43(172), 895-909.
- Parker, T. S., & Wampler, K. S. (2003). How bad is it? Perceptions of the relationship impact of different types of internet sexual activities. *Contemporary Family Therapy*. 25, 415-430.
- Peccinini, D. (2008, Julho 6). *Arte do século XX/XXI: Visitando o MAC na web*. Módulo VII contemporaneidade. Acessado em: Julho de 2010. Disponível em: [\[http://www.macvirtual.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/contemp/index.html\]](http://www.macvirtual.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/contemp/index.html)
- Peluso, A. C. (1998). O desamor como causa de separação e divórcio. *Revista ADV Seleções Jurídicas*, 35, 1-10.
- Peele, S. (1985). *The meaning of addiction: Compulsive experience and its interpretation*. Lexington, MA: Lexington Books.
- Petersen, J. A. (1985). *O mito da grama mais verde: Infidelidade conjugal – causas, prevenção e soluções*. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira.

- Pereira, R. C. (2005). *Princípios fundamentais norteadores do direito de família*. Belo Horizonte: Del Rey.
- Pimentel, C. E. (2004). *Valores humanos, preferência musical, identificação grupal e comportamento de risco*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Pittman, F. (1994). *Mentiras Privadas: A infidelidade e a traição na intimidade*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Parker, J. G., Low, C. M., Walker, A. R., & Gamm, B. K. (2005). Friendship jealousy in young adolescents: Individual differences and links to sex, self-esteem, aggression, and social adjustment. *Development Psychology*, 41, 235-250.
- Pasquali, L. (2003). *Psicometria: Teoria dos testes na Psicologia e na Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Pessoa, V. S. (2011). *Análise do conhecimento e das atitudes frente às fontes renováveis de energia: Uma contribuição da psicologia*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Pfeiffer, S. M., & Wong, P. T. P. (1989). Multidimensional jealousy. *Journal of Social and Personal Relationships*, 6, 181-196.
- Pines, A. M. (1998). *Romantic jealousy: Causes, symptoms, cures*. New York: Routledge.
- Prado, L. C. (2009). O Casamento e as relações. In L. A. Osorio & M. E. P. Valle (Org.). *Manual de terapia familiar*, (pp. 401-415). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Queiroga, F., Gouveia, V. V., Coutinho, M. P. L., Pessoa, V., & Meira, M. (2006). Intenção de comportamento socialmente responsável do consumidor: Sua relação com os valores humanos básicos. *Psico-USF*, 11(2), 239-248.

- Ramalho, E. F. (2005). *Par perfeito: Um novo espaço virtual para a procura de parceiros amorosos*. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Riccio, N. C. R. (2010). *Ambientes virtuais de aprendizagem na UFBA: A autonomia como possibilidade*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal da Bahia, Bahia.
- Rheingold, H. A. (1996). *Comunidade virtual*. Lisboa: Editora Gradiva.
- Rohan, M. J. (2000). A rose by any name? The values construct. *Personality and Social Psychology Review*, 4, 255-277.
- Rohan, M. J., & Zanna, M. P. (1996). Value transmission in families. In C. Seligman, J. M. Olson & M. P. Zanna (Org.), *The Psychology of Values: The ontario symposium*, (Vol. 8, pp. 253–276). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Roscoe, B., Cavanaugh, L. E., & Kennedy, D. R. (1988). Dating infidelity: Behaviors, reasons and consequences. *Adolescence*, 23(89), 35-43.
- Rosen, C. (2007). Virtual friendship and new narcissism. *The New Atlantis*. 17, 15-31.
- Rossi, C. (2003). Os novos vínculos conjugais: vicissitudes e contradições. In: P. B. Gomes (Org.). *Vínculos amorosos contemporâneos: Psicodinâmica das novas estruturas familiares*, (pp. 77-108). São Paulo: Callis.
- Ros, M. (2006). Valores, atitudes e comportamento: Uma nova visita a um tema clássico. In M., Ros & V. V., Gouveia (Org.). *Psicologia social dos valores humanos: Desenvolvimentos teóricos, metodológicos e aplicados*, (pp. 87-114). São Paulo: Senac.
- Ros, M., & Gouveia, V. V. (2006). *Psicologia social dos valores humanos: Desenvolvimentos teóricos, metodológicos e aplicados*. São Paulo: Senac.
- Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York: Free Press.

- Rokeach, M. (1981). *Crenças, atitudes e valores: Uma teoria de organização e mudança*. Rio de Janeiro: Interciência.
- Rubin, Z. (1970). Measurement of romantic love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 16, 265-273.
- Sampaio, A. (2004). *Amor na internet: Quando o virtual cai na real*. São Paulo: Record.
- Santos, W. S. (2008). *Explicando comportamentos socialmente desviantes: Uma análise do compromisso convencional e afiliação social*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Santos, R. B. T. (1999). *Reparação civil na separação e no divórcio*. São Paulo: Saraiva.
- Saris, W., & Stronkhorst, H. (1984). *Causal modelling in non experimental research*. Amsterdam: Sociometric Research Foundation.
- Sanchez-Aragón, R. (2008). Arrebato y poderío sobre la pasión romántica y sus efectos en la satisfacción sexual. In: *Congreso del Consejo Nacional para la Enseñanza e Investigación en Psicología*. Puerto Vallarta. México.
- Schwartz, S. H. (1994). Are there universal aspects in the structure and contents of human values? *Journal of Social Issues*, 50, 19-45.
- Schwartz, S. H. (2005). Validade e aplicabilidade da teoria dos valores. In A. Tamayo & J. B. Porto (Eds.). *Valores e comportamentos nas organizações* (pp. 56-59). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Schwartz, S. H. (2006). Há aspectos universais na estrutura e no conteúdo dos valores humanos? In M., Ros & V. V. Gouveia (Org), *Psicologia social dos valores humanos: Desenvolvimento teóricos, metodológicos e aplicados* (pp. 55-85). São Paulo: Senac.
- Schwartz, S. H. & Bardi, A. (2001). Values and behavior: Strength and structure of relations. *Personality and social psychology bulletin*, 29(10), 1207-1220.

- Schwartz, S. H. & Bilsky, W. (1987). Toward a universal psychological structure of human values. *Journal of Personality and Social Psychology*, 53, 550-562.
- Schwartz, S. H. & Bilsky, W. (1990). Toward a theory of universal content and structure of values: Extensions and cross-cultural replications. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 878-891.
- Scherer, K. (1997). College life online: Healthy and unhealthy internet use. *Journal of College Development*, 38, 655-665.
- Serrano, G., & Carreño, M. (1993). La teoría de sternberg sobre el amor: Análisis empírico. *Psicothema*, 5, 151-167.
- Semerene, B. (1999). Abrindo as portas dos salões virtuais. In: S. D. Porto (Org.). *Sexo, afeto e era tecnológica: Um estudo de chats na internet*, (pp. 29-40). Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Shapira, N. A., Goldsmith, T. D., Keck, P. E., Jr., Khosla, U. M., & McElroy, S. L. (2000). Psychiatric features of individuals with problematic internet use. *Journal of Affective Disorders*, 57(3), 267-272.
- Shackelford, T. K. et al. (2002). Psychological adaptation to human sperm competition. *Evolution and Human Behavior*, 23, 123-38.
- Shaw, J. (1997). Treatment rationale for internet infidelity. *Journal of Sex Education and Therapy*, 22(1), 29-34.
- Sheppard, D. L. (1989). Organization, power and sexuality: The image and self image of women managers. In J. Hearn, D. L. Sheppard, P. Tancred-Sheriff & G. Burnel (Ed.). *The sexuality of organizations*, (pp. 139-157). London: Sage.
- Silva, M.T.C. (2000). *A dimensão do ciberespaço sob o prisma da cidade digital de niterói*. (Dissertação de Mestrado). Pós-graduação de Organização Espacial do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

- Silva, G. C. C., Santos, L. M., Teixeira, L. A., Lustosa, M. A., Couto, S. C. R., Vicente, T. A. et al. (2005). A mulher e sua posição na sociedade: Da antiguidade aos dias atuais. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar*, 8(2), 65-76.
- Sinha, D., & Tripathi, R. C. (1994). Individualism in a collective culture: A case of coexistence of opposites. In U. Kim, H. C. Triandis, C. Kagitcibasi, S. Choi & G. Yoon (Ed.). *Individualism and collectivism: Theory, method and applications*, (pp. 123-136). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Skerlavaj, M., & Dimovski, V. (2009). Organizational learning and performance in two national cultures: A multi-group structural equation modeling approach. In W. R. King (Ed.). *Knowledge management and organizational learning*, (Vol.4, pp. 321-366). New York: Springer.
- Spates, J. L. (1983). The sociology of values. *Annual Review Sociology*, 9, 27-49.
- Sprecher, S., & Regan, P. C. (1998). Passionate and companionate love in courting and young married couples. *Sociological Inquiry*, 68, 163-185.
- Sternberg, R. J. (1988). Triangulating love. In R. J. Sternberg & M. L. Barnes (org.). *The psychology of love*, (pp.119-138). New Haven: Yale University Press.
- Sternberg, R. J. (1997). Construct validation of a triangular love scale. *European Journal of Social Psychology*, 27, 313-335.
- Sternberg, R. J., & Weis, K. (2006). *The new psychology of love*. New Haven: Yale University Press.
- Subrahmanyam, K., Greenfield, P.M., & Tynes, B. (2004). Constructing sexuality and identity in an online teen chat room. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 25, 651-666.
- Suler, J. (2004). The online disinhibition effect. *CyberPsychology & Behavior*, 7, 321-326.

- Suzuki, L. K., & Calzo, J. P. (2004). The search for peer advice in cyberspace: An examination of online teen bulletin boards about health and sexuality. *Applied Developmental Psychology, 25*, 685-698.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2007). *Using multivariate statistics* (5th ed.). Boston: Allyn & Bacon.
- Tafoya, M. A., & Spitzberg, B. H. (2007). The dark side of infidelity: Its nature, prevalence, and communicative functions. In B. H. Spitzberg & W. R. Cupach (Eds.). *The dark side of interpersonal communication*, (pp. 201-242). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Tamayo, A. (1988). Influência do sexo e da idade sobre o sistema de valores. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 38*, 91-104.
- Tamayo, A., & Porto, J. B. (2009). Validação do questionário de perfis de valores (QPV) no Brasil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 25* (3), 369-376.
- Thomas, F., & Znaniecki, F. (1918). *The polish peasant in Europe and America*. Boston, RG: University of Chicago Press.
- Townsend, J. M., & Levy, G. D. (1990). Effects of potential partners' physical attractiveness and socioeconomic status on sexuality and partner selection. *Archives of Sexual Behavior, 19*, 149-164.
- Urman, A. (2009, Abril 9). *As muitas caras da infidelidade*. Acessado em: Abril de 2011. Disponível em: [<http://opinionsur.org.ar/joven/As-muitas-caras-da-infidelidade>].
- Vaitsman, J. (1994). Flexíveis e plurais: Identidade, casamento e família em circunstâncias pósmodernas. Rio de Janeiro: Rocco.
- Vasconcelos, T. C. (2004). *Valores humanos e traços de personalidade como explicadores de condutas socialmente desviantes*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

- Vecchio, R. P. (2000). Negative emotion in the workplace: Employee jealousy and envy. *International Journal of Stress Management*, 7(3), 161-179.
- Vieira, E. (2003). *Os bastidores da internet no brasil*. São Paulo: Manole.
- Wagner, M. M. (2009). *Infidelidade virtual: Consequências jurídicas*. (Dissertação de Mestrado). Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão.
- Walther, J. B. (2007). Selective self-presentation in computer-mediated communication: Hyperpersonal dimensions of technology, language, and cognition. *Computers in Human Behavior*, 23, 2538-2557.
- Wallace, P. (1999). *The psychology of the internet*. New York: Cambridge University Press.
- Wang, C. C., & Hsiung, W. (2008). Attitudes towards online infidelity among taiwanese college students. *International Journal of Cyber Society and Education*, 1(1), 61-78.
- Wellman, B., & Boase, J. (2006). *The strength of internet ties: The internet and email aid users in maintaining their social networks and to help when people face big decisions*. (Pew Internet & American Life Project) Washington, DC.
- Widmer, E. D., Treas, J., & Newcomb, R. (1998). Attitudes toward nonmarital sex in 24 countries. *Journal of Sex Research*, 35, 349-358.
- Wiederman, M. W., & Hurd, C. (1999). Extradyadic involvement during dating. *Journal of Social and Personal Relationships*, 16, 265-274.
- Whang, L., Lee, K., & Chang, G. (2003). Internet over-users psychological profiles: A behavior sampling analysis on internet addiction. *CyberPsychological & Behavior*, 6(2), 143-150.
- Whisman, M. A., & Snyder, D. K. (2007). Sexual infidelity in a national survey of American women: Differences in prevalence and correlates as a function of method of assessment. *Journal of Family Psychology*, 21, 147-154.

- White, G. L. & Mullen, P. E. (1989). *Jealousy: Theory, research and clinical strategies*. New York: Guilford Press.
- White, G. L. (1981). Some correlates of romantic jealousy. *Journal of Personality*, 49, 129-147.
- White, J. K., Hendrick, S. S., & Hendrick, C. (2004). Big five personality variables and relationship constructs. *Personality and Individual Differences*, 37, 1519–1530.
- Whitty, M. T. (2003). Pushing the wrong buttons: men's and women's attitudes toward online and offline infidelity. *Cyberpsychology and Behavior*, 6, 569-579.
- Whitty, M. T. (2005). The realness of cybercheating: men's and women's representations of unfaithful internet relationships. *Social Science Computer Review*, 23, 57-67.
- Whitty, M. T. (2008). Investigating internet relationships. In M. Khosrow-Pour (Ed.). *Encyclopedia of information science and technology*, (pp. 2249-2253). Hershey: Idea Group Inc.
- Whitty, M. T. (2010). Internet infidelity: A real problem. In K. S. Young & C. N. Abreu (Org.). *Internet addiction: A handbook for evaluation and treatment*, (pp. 191-204). Hoboken: New Jersey.
- Whitty, M. T. (2011). Infidelidade virtual: Um problema real. In K. S. Young & C. N. Abreu (Org.). *Dependência de internet: Manual e guia de avaliação e tratamento*, (pp. 231-246). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Whitty, M. T., & Gavin, J. (2001). Age/sex/location: Uncovering the social cues in the development of online relationships. *CyberPsychology and Behaviour*, 4, 623–630.
- Whitty, M. T., & Carr, A. N. (2006). *Cyberspace romance: The psychology of online relationships*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Yang, S. (2001). Sociopsychiatric characteristics of adolescents who use computers to excess. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 104 (3), 217-222.

- Yela, C. (1997). Curso temporal de los componentes básicos del amor a lo largo de la relación de pareja. *Psicothema*, 9, 1-15.
- Yela, C. (2006). The evaluation of love: Simplified version of the scales for Yela's tetragonal model based on Sternberg's model. *European Journal of Psychological Assessment*, 22, 21-27.
- Yela, C. (2008). Componentes básicos del amor: Algunas matizaciones al modelo de R.J. Sternberg. *Revista de Psicología Social*, 11, 185-201.
- Yellowlees, P., & Marks, S. (2005). Problematic internet use or internet addiction? *Computers in Human Behavior*, 23, 1447-1453.
- Yeniceri, Z., & Kokdemir, D. (2006). University students' perceptions of, and explanations for, infidelity: The development of the infidelity questionnaire (INFQ). *Social Behavior and Personality*, 34, 639-650.
- Young, K. S. (1996). *Internet addiction: The emergence of a new clinical disorder*. Post presented at the 104th Annual Convention of the American Psychological Association in Toronto, Canada.
- Young, K. S. (1998). *Caught in the net: How to recognize the signs of internet addiction and a winning strategy for recovery*. New York: John Wiley & Sons.
- Young, K. S. (2007). Cognitive-Behavioral therapy with internet addiction: Treatment outcomes and implications. *Cyber Psychology & Behavior*, 10(5), 671-679.
- Young, K. S. (2011). Avaliação clínica de clientes dependentes de internet. In K. S. Young & C. N. Abreu (Org.). *Dependência de internet: Manual e guia de avaliação e tratamento* (pp. 36-54). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Young, K. S., & Abreu, C. N. (2011). *Dependência de internet: manual e guia de avaliação e tratamento*. Porto Alegre, RS: Artmed.

- Young, K. S., Dong Yue, X., & Li Ying (2011). Estimativas de prevalência e modelos etiológicos da dependência de internet. In K. S. Young & C. N. Abreu (Org.). *Dependência de internet: Manual e guia de avaliação e tratamento*, (pp. 19-34). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Young, K., Griffin-Shelley, E., Cooper, A., O'Mara, J., & Buchanan, J. (2000). Online infidelity: A new dimension in couple relationships with implications for evaluation and treatment. *Sexual Addiction & Compulsivity*, 7, 59-74.
- Zacharias, J. (2005). Serviços de orientação psicológica mediados por computador desenvolvidos pelo NPPI – Núcleo de pesquisas da psicologia em informática da PUC-SP. In *Psicologia e informática: Desenvolvimentos e progressos, coleção qualificação profissional*, (pp. 91-132). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Zampieri, A. M. F. (2004). *Erotismo, sexualidade, casamento e infidelidade: Sexualidade conjugal e prevenção do HIV e da AIDS*. São Paulo: Ágora.
- Zimbardo, P. (1970). The human choice: Individuation, reason and order versus deindividuation, impulse and chaos. In W. J. Arnold & D. Levine (Eds.). *Nebraska Symposium on Motivation* (Vol. 17, pp. 237-307), Lincoln: University of Nebraska Press.
- Zuckerman, M. (1994). *Behavioural expressions and biosocial bases os sensation-seeking*. Cambridge: Cambridge University Press.

ANEXO 1. Certidão de Aprovação do Comitê de Ética



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

CERTIDÃO

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa, do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou por unanimidade na 10ª Reunião realizada no dia 21/12/2011, o projeto de pesquisa intitulado: “A DEPENDÊNCIA DA INTERNET E INFIDELIDADE VIRTUAL: CORRELATOS SOCIAIS E AFETIVOS”, do Pesquisador Márcio de Lima Coutinho. Protocolo nº. 0215/11.

Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionado à apresentação do resumo do estudo proposto à apresentação do Comitê.


Prof. Eliane Marques D. de Sousa
Coordenadora CEP/CCS

ANEXO 2. Questionário Demográfico

INFORMAÇÕES DEMOGRÁFICAS. Finalmente, gostaríamos de conhecer algo mais acerca dos participantes deste estudo. Lembramos que nosso propósito não é identificá-lo(a). Portanto, não assine ou coloque seu nome no questionário.

1. Sexo: Masculino Feminino **2. Idade:** _____ Anos

3. Em comparação com as pessoas da sua cidade, você acredita que faz parte de que classe sócio-econômica? (circule um número na escala de resposta a seguir).

1 2 3 4 5 6 7
Baixa Média Alta

4. Estado Civil: Solteiro Casado (a)/ Convivente Separado (a) Viúvo (a)

5. Se você não estiver casado, atualmente você está....

Sem relacionamento Com namorado (a) ocasional Namorado fixo Noivo

6. Caso tenha um relacionamento atual, como conheceu a pessoa?

Pessoalmente... Onde? _____
 Virtualmente... Onde? _____

7. Se você está mantendo algum tipo de relacionamento, ele existe há quanto tempo? (expresse em números): _____ ano (s) e _____ mês (es).

8. Caso tenha um relacionamento atual, qual a chance de formar união estável com esta pessoa? (Marque uma das alternatinas)

0% 10% 20% 30% 40% 50% 60% 70% 80% 90% 100%

9. Você já começou algum relacionamento amoroso na *Internet*?

Não Sim

10. Estando com uma pessoa, você já traiu, foi infiel?

Não
 Sim.... Indique se foi: Pessoalmente Virtualmente

11. Você já fez sexo virtual, escrevendo ou usando a webcam?

Não Sim

12. Indique sua religião (coloque um zero se não tem): _____

13. O quanto você é religioso? (circule)

Nada 0 1 2 3 4 Totalmente

14. Você se considera...

Heterossexual Homossexual Bissexual Outra (Indique: _____)

Finalmente, caso tenha interesse de conhecer os resultados desta pesquisa ou deseje colaborar em estudos futuros, pedimos que deixe seu e-mail para contato. Asseguramos que unicamente os responsáveis por este estudo terão acesso a este e-mail, que não será passado para qualquer pessoa, e suas respostas não serão, sob hipóteses alguma, associadas com seu endereço eletrônico.

E-mail: _____@_____

ANEXO 3. Escala de Adição à *Internet*

INSTRUÇÕES. A seguir são descritas atividades relacionadas com o nível de utilização da *Internet*. Pedimos que leia com atenção cada uma delas e indique, circulando um número na escala de resposta ao lado, o **nível de adição à *Internet*** que você considera, mas que se enquadre em tais atividades.

ATIVIDADES ONLINE	NÍVEL DE ADIÇÃO À INTERNET				
	Nunca	Raramente	As vezes	Quase Sempre	Sempre
01. Com que frequência você fica <i>online</i> mais tempo do que o pretendido?	1	2	3	4	5
02. Com que frequência você negligencia as tarefas domésticas para passar mais tempo <i>online</i> ?	1	2	3	4	5
03. Com que frequência você prefere a emoção da <i>Internet</i> à intimidade/relação com seu parceiro/amigo?	1	2	3	4	5
04. Com que frequência você constrói novos relacionamentos com os usuários <i>online</i> ?	1	2	3	4	5
05. Com que frequência os outros reclamam sobre a quantidade de tempo que você gasta <i>online</i> ?	1	2	3	4	5
06. Com que frequência suas notas ou tarefas da escola são prejudicadas pela quantidade de tempo gasto <i>online</i> ?	1	2	3	4	5
07. Com que frequência você verifica seu <i>e-mail</i> antes de outra coisa que precisa fazer?	1	2	3	4	5
08. Com que frequência o seu desempenho ou sua produtividade no trabalho é prejudicado pela <i>Internet</i> ?	1	2	3	4	5
09. Com que frequência você fica na defensiva ou guarda segredo quando alguém lhe pergunta o que você faz <i>online</i> ?	1	2	3	4	5
10. Com que frequência você bloqueia pensamentos perturbadores sobre sua vida com pensamentos leves da <i>Internet</i> ?	1	2	3	4	5
11. Com que frequência você fica pensando o que acontecerá quando estiver novamente <i>online</i> ?	1	2	3	4	5
12. Com que frequência você tem medo de que a vida sem a <i>Internet</i> seria chata, vazia e sem alegria?	1	2	3	4	5
13. Com que frequência você bate, grita ou fica chateado se alguém lhe incomoda enquanto você está <i>online</i> ?	1	2	3	4	5
14. Com que frequência você perde o sono devido ao uso da <i>Internet</i> tarde da noite?	1	2	3	4	5
15. Com que frequência você se sente preocupado com a <i>Internet</i> , ao estar desconectado, ou fantasia sobre estar conectado?	1	2	3	4	5
16. Com que frequência você se diz "apenas mais uns minutos" quando está <i>online</i> ?	1	2	3	4	5
17. Com que frequência você tenta reduzir a quantidade de tempo que passa <i>online</i> e não consegue?	1	2	3	4	5
18. Com que frequência você tenta esconder quanto tempo está <i>online</i> ?	1	2	3	4	5
19. Com que frequência você prefere passar mais tempo <i>online</i> do que sair com outras pessoas?	1	2	3	4	5
20. Com que frequência você se sente deprimido, melancólico ou nervoso quando está <i>offline</i> , e desaparece quando fica novamente <i>online</i> ?	1	2	3	4	5

ANEXO 4. Escala de Infidelidade Virtual

INSTRUÇÕES. A seguir são descritas atividades relacionadas com contatos virtuais (*online*). Pedimos que leia com atenção cada uma delas e indique, circulando um número na escala de resposta ao lado, o **nível de infidelidade** que você considera de uma pessoa que tem um relacionamento real (não-virtual) com outra pessoa, mas que se envolve em tais atividades.

ATIVIDADES ONLINE	NÍVEL DE INFIDELIDADE				
	Nulo	Baixo	Mediano	Alto	Extremo
01. Encontrar pessoalmente, de forma frequente, com as mesmas pessoas que conheceu <i>online</i> .	1	2	3	4	5
02. Encontrar pessoalmente, uma única vez, com um(a) estranho(a) que conheceu <i>online</i> .	1	2	3	4	5
03. Fazer amizade <i>online</i> (uma única vez) com um(a) estranho(a).	1	2	3	4	5
04. Fazer sexo com pessoas diferentes que conheceu pela <i>Internet</i> .	1	2	3	4	5
05. Fazer sexo regularmente com as mesmas pessoas que conheceu na <i>Internet</i> .	1	2	3	4	5
06. Fazer sexo, uma única vez, com uma pessoa estranha que conheceu pela <i>Internet</i> .	1	2	3	4	5
07. Formar amizades <i>online</i> com pessoas estranhas.	1	2	3	4	5
08. Manter amizades <i>online</i> regularmente com as mesmas pessoas.	1	2	3	4	5
09. Ter conversas sensuais pela <i>Internet</i> com pessoas diferentes.	1	2	3	4	5
10. Ter conversas sensuais regularmente pela <i>Internet</i> com as mesmas pessoas.	1	2	3	4	5
11. Ter diversos encontros pessoalmente com pessoas estranhas que conheceu <i>online</i> .	1	2	3	4	5
12. Ter, uma única vez, uma conversa sensual com um(a) estranho(a) pela <i>Internet</i> .	1	2	3	4	5

ANEXO 5. Escala de Ciúme Romântico

INSTRUÇÕES. A seguir você encontrará uma lista com 24 afirmações com as quais poderá ou não estar de acordo. Pedimos-lhe, por favor, que leia todas com atenção. Elas podem ser aplicadas a homens e mulheres, cabendo a você responder de acordo com seu sexo. Indique ao lado de cada uma o seu grau de acordo ou desacordo, utilizando a escala de resposta a seguir:

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente

01. ___ Não há problema algum em encontrar uma foto de outro(a) homem(mulher) na carteira dela(dele).
02. ___ Não tem nada de mal ela(ele) ir à festa sozinha(o).
03. ___ É perfeitamente normal ela(ele) elogiar um(a) amigo(a) seu (sua).
04. ___ Fico furioso(a) quando ela(ele) conversa com um(a) amigo(a) que acha bonito(a).
05. ___ Você ligar para ela(ele) e uma voz masculina(feminina) não-familiar atender, causa-lhe raiva.
06. ___ É natural ela(ele) ter muitos(as) amigos(as).
07. ___ É aceitável ela(ele) aparecer com um perfume estranho na blusa.
08. ___ Não tem nada de mal ela(ele) freqüentar a casa de um(a) antigo(a) namorado(a).
09. ___ Pouco importa, ela(ele) receber presentes de um(a) amigo(a).
10. ___ É perfeitamente normal ela(ele) conversar longamente com um(a) amigo(a).
11. ___ Não há nada de errado preferir fazer um passeio com os(as) amigos(as) a ficar com você.
12. ___ Ela(ele) ficar trancada(o) no quarto com um(uma) amigo(a) lhe causa desconfiança.
13. ___ Provoca irritação amigos(as) falarem dela(dele) com entusiasmo.
14. ___ É aceitável ela(ele) fazer elogios a outro(a) homem(mulher) na sua frente.
15. ___ Não tem nada demais seus(suas) amigos(amigas) freqüentarem a casa dela (dele).
16. ___ Você fica furioso(a) se ela(ele) começa a dançar com um(a) amigo(a) seu(sua) numa festa.
17. ___ É muito chato encontrar um grande número de telefones de homens(mulheres) na agenda dela (dele).
18. ___ Causa-lhe incômodo ela(ele) se arrumar demais para sair sem você.
19. ___ Encontrar um isqueiro no bolso dela(dele), sabendo que ela(ele) não fuma, o(a) deixa indignado(a).
20. ___ É aceitável ela(ele) sonhar com outro(a).
21. ___ É natural ela(ele) passar algumas horas ouvindo músicas na casa de um(a) amigo(a).
22. ___ É indecente ela(ele) dar olhadas para outros(as) homens(mulheres) em uma festa.
23. ___ É tolerável ela(ele) ficar de papo com alguém.
24. ___ Ela(ele) trabalhar num ambiente onde há predominância de homens(mulheres) lhe incomoda.

ANEXO 6. Escala Tetrangular do Amor

INSTRUÇÕES. Leia as afirmações a seguir e, de acordo com a escala de resposta abaixo, escreva um número em cada espaço que as antecede com o fim de expressar em que medida elas descrevem seu relacionamento. O espaço em branco em cada frase **não deve ser preenchido**; apenas mentalize como se estivesse escrito o nome de seu (sua) namorado (a), noivo (a), esposo (a) ou companheiro (a).

1	2	3	4	5
Não me descreve nada	Me descreve um pouco	Me descreve mais ou menos	Me descreve bastante	Me descreve totalmente

01. ___ Recebo considerável apoio emocional de _____ .
02. ___ Espero amar _____ por toda a vida.
03. ___ Tão logo eu esteja com _____ a felicidade será inevitável.
04. ___ Minha relação com _____ é muito romântica.
05. ___ Me pego pensando freqüentemente em _____ durante o dia.
06. ___ Considero minha relação com _____ como permanente (duradoura).
07. ___ Só o fato de ver _____ me excita.
08. ___ Estou certo (a) do meu amor por _____.
09. ___ Sinto que meu corpo reage quando _____ me toca.
10. ___ Existe algo quase mágico em minha relação com _____.
11. ___ Quando vejo filmes românticos e leio livros românticos penso em _____ .
12. ___ Me comunico bem com _____.
13. ___ Basta uma carícia de _____ para despertar meu desejo.
14. ___ Sinto que realmente compreendo _____.
15. ___ Considero firme meu compromisso com _____.
16. ___ Me entendo bem com _____.
17. ___ Fico muito excitado (a) sexualmente quando beijo _____.
18. ___ Sinto que _____ realmente me compreende.
19. ___ Algumas vezes meu corpo treme de excitação ao ver _____.
20. ___ Pretendo continuar minha relação com _____.

ANEXO 7. Questionário dos Valores Básicos

INSTRUÇÕES. Por favor, leia atentamente a lista de valores descritos a seguir, considerando seu conteúdo. Utilizando a escala de resposta abaixo, indique com um número no espaço ao lado de cada valor o grau de importância que este tem como um **princípio que guia sua vida**.

1	2	3	4	5	6	7
Totalmente não importante	Não importante	Pouco importante	Mais ou menos importante	Importante	Muito importante	Totalmente importante

01. ___ **APOIO SOCIAL.** Obter ajuda quando a necessite; sentir que não está só no mundo.
02. ___ **ÊXITO.** Obter o que se propõe; ser eficiente em tudo que faz.
03. ___ **SEXUALIDADE.** Ter relações sexuais; obter prazer sexual.
04. ___ **CONHECIMENTO.** Procurar notícias atualizadas sobre assuntos pouco conhecidos; tentar descobrir coisas novas sobre o mundo.
05. ___ **EMOÇÃO.** Desfrutar desafiando o perigo; buscar aventuras.
06. ___ **PODER.** Ter poder para influenciar os outros e controlar decisões; ser o chefe de uma equipe.
07. ___ **AFETIVIDADE.** Ter uma relação de afeto profunda e duradoura; ter alguém para compartilhar seus êxitos e fracassos.
08. ___ **RELIGIOSIDADE.** Crer em Deus como o salvador da humanidade; cumprir a vontade de Deus.
09. ___ **SAÚDE.** Preocupar-se com sua saúde antes de ficar doente; não estar enfermo.
10. ___ **PRAZER.** Desfrutar da vida; satisfazer todos os seus desejos.
11. ___ **PRESTÍGIO.** Saber que muita gente lhe conhece e admira; quando velho receber uma homenagem por suas contribuições.
12. ___ **OBEDIÊNCIA.** Cumprir seus deveres e obrigações do dia a dia; respeitar aos seus pais e aos mais velhos.
13. ___ **ESTABILIDADE PESSOAL.** Ter certeza de que amanhã terá tudo o que tem hoje; ter uma vida organizada e planificada.
14. ___ **CONVIVÊNCIA.** Conviver diariamente com os vizinhos; fazer parte de algum grupo, como: social, esportivo, entre outros.
15. ___ **BELEZA.** Ser capaz de apreciar o melhor da arte, música e literatura; ir a museus ou exposições onde possa ver coisas belas.
16. ___ **TRADIÇÃO.** Seguir as normas sociais do seu país; respeitar as tradições da sua sociedade.
17. ___ **SOBREVIVÊNCIA.** Ter água, comida e poder dormir bem todos os dias; viver em um lugar com abundância de alimentos.
18. ___ **MATURIDADE.** Sentir que conseguiu alcançar seus objetivos na vida; desenvolver todas as suas capacidades.